

**MARCELA CRISTINA EVARISTO**

**A ORALIDADE COMO OBJETO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: ALGUMAS  
CONSIDERAÇÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística Aplicada (Área: Ensino de Língua Materna).

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Augusta Bastos de Mattos**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**Campinas – 2006**

## Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - UNICAMP

**Ev17o**

Evaristo, Marcela Cristina.

A oralidade como objeto de ensino-aprendizagem: algumas considerações / Marcela Cristina Evaristo. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Orientador : Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Augusta Bastos de Mattos.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Ensino - Aprendizagem. 2. Lingüística. 3. Língua materna. 4. Linguagem. I. Mattos, Maria Augusta Bastos de. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Título em inglês: The *oralidade* as a teaching-learning object: some considerations.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Teaching – Learning process; Linguistics; Mother tongue; Language.

Área de concentração: Ensino de Língua Materna.

Titulação: Mestrado.

Banca examinadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Augusta Bastos de Mattos, Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Manoel Luiz Gonçalves Correa e Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Terezinha Machado Maher.

Data da defesa: 22/02/2006.

Este exemplar e a redação final da tese  
defendida por Marcela Cristina  
Évaristo

e aprovada pela Comissão Julgadora em  
31/03/2006.

Maria Augusta Bastos de Mattos

BANCA EXAMINADORA:

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Augusta Bastos de Mattos (Presidente) Maria Augusta Bastos de Mattos

Prof. Dr. Manoel Luiz Gonçalves Corrêa \_\_\_\_\_

Prof<sup>a</sup>. Dra. Terezinha Machado Maher \_\_\_\_\_

206609909

## Agradecimentos

À Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Augusta Bastos de Mattos, pela orientação.

À Prof<sup>ª</sup> Dra. Maria Adélia Mauro, à Prof<sup>ª</sup> Dra. Terezinha Machado Maher e ao Prof. Dr. Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, pelas contribuições no exame de qualificação e na defesa.

Ao Prof. Dr. Élie Bajard, pelas leituras atentas, pelas observações importantes ao longo do trabalho e, principalmente, pela amizade.

A Marcos César de Toledo, pela leitura e comentários filosóficos, todos sempre necessários à vida.

A Mauricio Cazzarotto Cabral, pelo incansável companheirismo.

A meu pai, por ser quem é.

Agradecimento especial

à Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Augusta Bastos de Mattos,  
por sua orientação competente e responsável, pela dedicação, respeito e paciência,  
sem o que não seria possível a realização deste trabalho.

A todos que contribuíram para a construção deste trabalho, sobretudo com o maior traço de subjetividade: a compreensão.

## SUMÁRIO

<b>Resumo</b> .....	xiii
<b>Abstract</b> .....	xv
<b>Introdução</b> .....	01
<b>Capítulo I – A oralidade (e o Outro)</b> .....	09
<b>Capítulo II – Buscando conceituar: oralidade, língua falada ou fala?</b> .....	13
<b>Capítulo III – Algumas tendências históricas nos estudos lingüísticos e na formação dos professores de língua materna</b> .....	17
<b>Capítulo IV – As propostas dos documentos oficiais vigentes</b> .....	23
1. As Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Letras ..	23
2. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa .....	24
2.1 O contexto de produção dos PCN .....	26
2.2 Um olhar para os PCN de Língua Portuguesa em busca da oralidade como objeto de ensino-aprendizagem .....	30
<b>Capítulo V – Propostas de abordagem da oralidade na escola</b> .....	35
1. Algumas propostas de ensino de língua falada e de gêneros orais na literatura sobre o tema .....	35
2. Outros aspectos relevantes nas abordagens da oralidade como objeto de ensino-aprendizagem .....	42
<b>Capítulo VI – Nossas propostas de abordagem da oralidade na escola</b> .....	47
1. Pressupostos e propósitos do trabalho .....	49

2. A oralidade no (e a partir do) rádio .....	55
2.1 A escolha dos programas radiofônicos .....	57
2.2 Características e composição dos programas .....	58
2.2.1 Programa de jornalismo informativo – “CBN São Paulo” .....	58
2.2.2 Programa religioso – “A voz do Brasil para Cristo” .....	62
2.2.3 Programa esportivo – “Estádio 97” .....	65
2.3 Considerações sobre os programas observados .....	68
2.3.1 Programa 1 – “CBN São Paulo” .....	68
2.3.2 Programa 2 – “A voz do Brasil para Cristo” .....	69
2.3.3 Programa 3 – “Estádio 97” .....	72
2.4 Comentários gerais sobre e a partir dos programas .....	75
3. Outras possíveis atividades envolvendo práticas orais na escola .....	80
3.1 Exposição oral .....	81
3.2 Prática de transcrição .....	81
3.3 Cultura popular / realizações orais .....	83
3.3.1 Adivinhas: do escrito para o falado .....	83
3.3.2 Cordel: oralização .....	83
<b>Considerações finais</b> .....	87
<b>Bibliografia</b> .....	91
<b>Anexos</b> .....	95

## RESUMO

Nosso trabalho de pesquisa em Lingüística Aplicada, especificamente na área de língua materna, busca investigar a oralidade concebida como objeto de ensino-aprendizagem, seja no nível básico – fundamental e médio –, seja no superior.

As preocupações nesse sentido surgiram a partir do questionamento sobre as relações entre o aprendizado dos estudantes de Letras na área de Lingüística e sua posterior atuação como professores de ensino fundamental e médio. Assim, em um primeiro momento, buscamos refletir sobre as conexões estabelecidas entre o conhecimento de determinadas teorias lingüísticas – estruturalistas, gerativistas, discursivas, por exemplo – e o ensino da língua portuguesa.

Nessa trajetória, pensando-se na linguagem verbal, objeto de estudo da Lingüística, que envolve tanto as manifestações faladas quanto escritas da língua, chamou-nos atenção o fato de que, dentre as pesquisas e trabalhos relacionados ao tema, tenham predominado aqueles ocupados com o ensino da escrita, em detrimento da oralidade. Além disso, com a criação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e a instituição dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa e das novas Diretrizes Nacionais para os Cursos de Graduação em Letras, observamos uma ênfase na inserção oficial do ensino de oralidade em todas as fases de formação dos estudantes.

Esses aspectos nos levaram a tentar entender como as diferentes teorias lingüísticas apresentadas nos cursos de graduação em Letras podem contribuir para a produção de conhecimento necessário aos professores de língua materna no que se refere à oralidade na escola, como objeto de ensino-aprendizagem, bem como a propor algumas abordagens a partir da análise de programas radiofônicos.

**Palavras-chave:** oralidade, ensino-aprendizagem, Lingüística.

## ABSTRACT

The present study in Applied Linguistics, more specifically in mother tongue field, aims to investigate the conceived *oralidade* as teaching-learning object, either in basic level, either in graduation courses. The concerns have emerged from the questioning on the relations between the Linguistics learning of the students of Letters course and their subsequent performance as teachers. Thus, at first, we considered about the connections established between the knowledge of determined linguistic theories – structuralists, gerativists, discursives, as examples – and Portuguese language teaching.

Considering verbal language, the object of study of the Linguistics, that in such way involves both oral and written manifestations, a fact has called our attention: that among researches and works related to this theme, there is a predominance of studies concerning writing, in detriment of *oralidade*. Moreover, with the creation of the new *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* and the institution of the *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa* and the new *Diretrizes Nacionais para os Cursos de Graduação em Letras*, we have observed an emphasis for the official insertion of the education of *oralidade* in all stages of formation of the students.

These aspects led us to try to understand how different linguistic theories presented in Letters course are able to contribute to the production of knowledge, necessary to mother tongue teachers, concerning *oralidade* at school, as object of the teaching-learning process, as well as to propose some approaches from radio programs analysis.

**Key-words:** oralidade, teaching-learning process, Linguistics.

## INTRODUÇÃO

*Com toda razão, a oralidade exige o reconhecimento de seus direitos, pois começamos a descobrir mais nitidamente o papel fundador do oral na relação com o outro. O desejo de falar vem à criança pela música das vozes, que a envolve, nomeia e chama a existir por sua conta.*

Michel de Certeau e Luce Giard

A Lingüística se propõe a estudar a linguagem verbal em todas as suas manifestações, sejam elas orais ou escritas. Enquanto disciplina dos cursos de Letras, seu papel é contribuir para a formação dos estudantes no sentido de lhes apresentar as teorias da linguagem desenvolvidas em seu bojo, fornecendo-lhes instrumental e parâmetros para suas próprias reflexões sobre a linguagem.

Considerando-se particularmente os estudantes de Letras dos cursos de licenciatura, futuros professores, e mais especificamente em relação à língua materna, neste caso a língua portuguesa, o papel da disciplina Lingüística deve ser o de permitir uma visão ampliada da linguagem e de seu ensino, superando já questionados posicionamentos como os que consideram o ensino de língua como ensino de gramática normativa.

Ensinar língua materna implica considerar as várias manifestações de linguagem possíveis e concretizadas pelos sujeitos. Inúmeros trabalhos desenvolveram-se na direção do estudo das realizações escritas, sejam aqueles voltados para os aspectos de leitura de textos, sejam os preocupados com a análise lingüística – metalingüística ou epilingüística –,<sup>1</sup> ou ainda aqueles

---

<sup>1</sup> Carlos Franchi (1987) define assim os três tipos de análise: 1) metalingüística: descrição nocional, classificação, puramente abstrata; 2) epilingüística: prática que opera sobre a própria linguagem, compara, reflete, levanta

centrados nas produções escritas dos alunos.<sup>2</sup> Porém, em relação à língua, focando-se a questão das realizações orais, o que significa ensiná-la?

Temos hoje no Brasil os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), criados a partir da nova LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional –, que propõem aos professores de língua materna dos níveis fundamental e médio o ensino da oralidade em sala de aula. Além disso, temos as Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação, voltadas para o ensino superior, que apresentam como objetivo, dos cursos de Letras e das licenciaturas, a aprendizagem de conteúdos do ensino fundamental e médio, bem como o domínio da oralidade e da escrita para o desenvolvimento de suas atividades.

Partindo do princípio de que oralidade é um dos conteúdos presentes nas Diretrizes Curriculares dos Cursos de Letras e que compete à Lingüística propor a reflexão sobre a linguagem verbal, oral e escrita, questionamo-nos de que forma as manifestações orais serão abordadas concretamente pelos professores nas aulas de língua materna.

Outra questão que nos preocupa refere-se às propostas oficiais para os currículos dos cursos de Letras, no modo como nelas é definido o papel da Lingüística, apresentado indiretamente por meio do conteúdo obrigatório “estudos lingüísticos”. Aqui estamos pensando nos termos práticos e utilitários da disciplina e não nos aspectos de valor da área do conhecimento. Obviamente o valor pragmático não é o único, pois há outros em questão, como o valor do conhecimento como fim em si, mas o que nos interessa neste momento é a contribuição efetiva, concreta e prática dessa área para o ensino, ultrapassando os aspectos da formação do ser humano, suas reflexões sobre si mesmo, os outros seres e o mundo.

Nossa preocupação se concentra nas relações entre a presença dos estudos pertinentes à Lingüística nos cursos de formação de professores, sua conformação, e, por outro lado, as exigências realizadas posteriormente para que os professores tenham elaborado reflexões e propostas para atuar profissionalmente, respondendo às demandas de provas e avaliações – sejam aquelas de verificação de aprendizagem, como os exames nacionais de cursos ou certificações “da competência dos professores de educação básica” (artigo 16 do CNE/CP 1, 18/02/2002),

---

hipóteses; 3) lingüística: exercício pleno, circunstanciado, intencionado e com intenções significativas da própria linguagem; realiza-se no próprio cotidiano.

<sup>2</sup> Referimo-nos aqui à abordagem de Geraldi (1997), em que o autor estabelece as unidades básicas do ensino de português, as práticas de leitura, de produção de textos e de análise lingüística, ressaltando que o ensino de língua deve necessariamente distanciar-se do mero ensino de uma metalinguagem dessa língua.

sejam aquelas para inserção no mercado de trabalho, como os concursos públicos – e as próprias da atividade pedagógica em si: como elaborarão e desenvolverão suas aulas, atendendo às propostas educacionais vigentes?

Com base em nossa própria experiência como aluna e professora de graduação em Letras, observamos que o ensino de Lingüística se pauta comumente na apresentação das teorias lingüísticas significativas para o desenvolvimento da ciência, geralmente focando-se em Saussure e Chomsky, além de propor a discussão sobre a gramática normativa, com pouca reflexão sobre a prática do ensino-aprendizagem da língua efetivamente empregada por seus falantes.

Consideramos que a formação do professor de língua materna, no que se refere aos “estudos lingüísticos”, deve se basear no conhecimento de teorias e reflexões, porém com a análise de realizações concretas de linguagem.

Nesse sentido, ensinar e aprender oralidade deve abarcar necessariamente, como um de seus objetivos, o de fornecer elementos para que os sujeitos sejam capazes de desvendar estratégias discursivas presentes nessa prática. Por exemplo, em discursos “profissionais”, reconhecer, identificar e associar determinadas formas (caricaturais ou não) a determinado gênero. Considerar então fluxo, ritmo de fala, tom e entonação, intensidade, ênfase é parte da abordagem necessária. A escolha das marcas conversacionais e estratégias discursivas acabará também por englobar aspectos fônicos, sintáticos, lexicais, mas esses níveis devem ser vistos sempre em relação ao contexto de produção: eles “apenas” revelarão as estratégias utilizadas pelos sujeitos em interação, sem se constituir em um fim em si enquanto objeto. O objetivo do professor de língua materna deve ser o de formar um sujeito capaz de se apropriar da linguagem em sua diversidade e heterogeneidade.

As bases teóricas de que partimos provêm predominantemente da Lingüística e as concepções interacionistas de Bakhtin nos dão o suporte para nossas considerações sobre a linguagem. Outras correntes contribuem, entretanto, para as análises e observações sobre seus usos e realizações: a Pragmática, a Lingüística Textual, a Análise da Conversação, a Teoria da Comunicação, o Estruturalismo, as teorias da enunciação, as teorias pedagógicas.

Apesar de partirmos da consideração de que a linguagem é socialmente construída, não podemos deixar também de observar a contribuição da teoria gerativa ligada a Chomsky no pressuposto de que qualquer falante nativo reconhece e produz enunciados gramaticalmente

aceitáveis em sua língua. Em relação à oralidade, tal princípio reafirma a idéia de que a criança é capaz de identificar, sobretudo sintaticamente, as estruturas empregadas pelos falantes em qualquer contexto. Sua exposição a uma diversidade de gêneros concretos e reais contribuirá para o desenvolvimento de seu desempenho lingüístico e comunicativo.

Pretendemos neste trabalho instaurar uma relação dialógica com as teorias lingüísticas, mesmo com aquelas que não trazem tal proposta em sua constituição. A idéia é que o aprendizado das diferentes teorias pode proporcionar uma reflexão sobre as realizações orais, dando sustentação ao seu posterior ensino. Para se ensinar oralidade é preciso reconhecer as marcas conversacionais e estratégias discursivas presentes em qualquer interação. O específico da interação é que está em questão. Nesse sentido, conhecer as teorias lingüísticas é relevante para tal processo, pois elas devem dar o suporte teórico necessário ao professor.

Partimos do pressuposto, também gerado pela experiência como professora do ensino fundamental e do nível superior, além de aluna de graduação e pós-graduação, de que propostas concretas para o ensino da oralidade, diferentemente do que se apresenta em relação à escrita, são extremamente escassas. Ou seja, pelo fato de ter sido a escrita o foco de ensino da língua materna, tendem a predominar trabalhos, pesquisas e investigações desenvolvidos em torno dela.

A oralidade vista como objeto de ensino no Brasil é um tema recente, formalmente (de)marcado a partir da nova LDB e das diversas diretrizes institucionais que despontaram a partir daí. Por conta dessa demarcação histórica – final da década de 90 e início do século XXI –, consideramos necessário verificar as propostas apresentadas nesses documentos oficiais (Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação e Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental e Médio), especificamente no que se referem ao ensino de língua materna. Por outro lado, visando a exemplificação de como se propõem algumas abordagens da oralidade e procurando localizar os elementos presentes em quaisquer teorias lingüísticas com as quais nos deparemos e que podem e devem contribuir para o ensino e aprendizagem de nosso objeto, numa perspectiva que contemple os sujeitos em interação na e pela linguagem, apresentaremos um conjunto de aspectos relacionados à oralidade que, acreditamos, podem contribuir para seu ensino.

A escolha do ensino da oralidade justifica-se, entre outras razões, por se apresentarem poucos trabalhos sobre o tema, comparando-o com a escrita, por se apresentar como objeto em

todos os níveis do ensino e por se constituir em domínio a ser contemplado em língua materna, em termos de recepção e produção, por todos, inclusive e principalmente pelo professor de língua portuguesa.

Partimos do princípio de que as diversas correntes que compõem os estudos lingüísticos não são necessariamente excludentes e podem contribuir para o ensino da língua. Assim, ao pretendermos analisar a oralidade, com a clareza e discernimento do saber de que cada construto teórico se insere num contexto determinado sócio-historicamente, nossa proposta é de, inclusive, considerar que a informatividade da linguagem, seu papel comunicacional, pode ser abordado em determinadas situações, sem, no entanto, limitarmo-nos a apenas essa percepção da realidade aplicada àquele uso lingüístico.

Diante de cada situação de interação, diversos elementos devem ser considerados na tentativa de apreensão do fenômeno. Em cada momento e circunstância, um componente pode se sobressair e se tornar mais relevante. Ao professor cabe, diante de cada gênero textual e discursivo com o qual se depara e se propõe a analisar, juntamente com seus alunos, lançar mão dos diversos recursos de análise e reflexão que diferentes correntes e postulados teóricos oferecem. A adesão a uma corrente não pode implicar no desconhecimento de outras, na desconsideração das riquezas e dos acréscimos que todo pensamento filosófico tem a oferecer, mesmo que para ser refutado ou julgado inadequado. O olhar para a linguagem por aquele professor que conhece, por exemplo, a concepção estruturalista não deve se limitar a essa corrente e abordagem. Mas, com certeza, será enriquecido e enriquecedor na compreensão das contribuições específicas desse caminho teórico, do contexto em que surge, do que se propõe e por que, além das críticas, pertinentes ou não, que são feitas ao modelo. Um olhar reducionista dos fenômenos pode ocorrer adotando-se tanto uma postura única estruturalista, quanto funcionalista, gerativista ou discursiva. A linguagem é um fenômeno complexo, que exige um olhar que a perceba como tal, e que pede, para sua apreensão, uma multiplicidade de considerações e pontos de vista.

Nossa proposta baseia-se na idéia de que estudar a linguagem humana pode e deve ter múltiplos objetivos, e aquele que consideramos essencial e obrigatório, em qualquer nível do ensino, desde o fundamental até o superior, na formação do professor, de nossas crianças, jovens

e adultos, inclusive trabalhadores, é a consciência crítica no que se refere às manipulações ideológicas e aos usos e abusos de poder pela linguagem.

A constituição do sujeito passa necessariamente por essa percepção dos diversos papéis da linguagem, em cada momento histórico e social. Considerações sobre as implicações políticas e ideológicas das relações humanas não podem ser marginalizadas no estudo da língua ou da linguagem, em suas concretizações orais e/ou escritas.

Também é uma escolha política – e não apenas metodológica – considerar a diversidade conceitual nos estudos da linguagem. Poderá esse ponto de partida ser aplicado às investigações sobre a oralidade? É o que pretendemos verificar. Mas essa escolha não pode ser ingênua e partir do princípio de que a convivência dessas diferenças será pacífica. Lidar com os conflitos e contradições inerentes a esse posicionamento é um desafio, que podemos inclusive descobrir insolúvel.

Não podemos perder de vista que temos sempre um local (privilegiado?) de onde olhamos para tal realidade, que nos oferecerá elementos e limitará nossa compreensão dos fenômenos, lingüísticos ou não. O que desejamos é mostrar, se possível, de que forma diferentes propostas de estudo da linguagem podem contribuir para a compreensão desse objeto heteróclito, multifacetado e dinâmico. Sua heterogeneidade constitutiva não pode ser apreendida com apenas um olhar, no percurso de apenas um caminho.

Nosso intuito é, mais do que nos determos no ensino de uma comunicação oral eficiente, pensarmos numa educação voltada para a interação humana, em todas as suas dimensões, englobando desde os simples gestos afetivos e pessoais do cotidiano até as comunicações institucionalizadas, veiculadas principalmente pela mídia. Assim, acreditamos que a formação de sujeitos autônomos e conscientes dos lugares sociais ocupados por todos deve incluir a compreensão e a produção oral. Mas entendemos aqui que ensinar-aprender oralidade implica muito mais do que identificar turnos conversacionais, elementos e funções da comunicação ou atos de fala realizados nos diversos dizeres. Implica uma reflexão profunda sobre a natureza das relações interpessoais, suas matizes e motivações, seus desdobramentos em termos individuais e coletivos.

Num momento histórico marcado por distanciamentos, superficialidades, desvarios diversos e pouca atenção real ao outro, perceber esse outro e considerá-lo conscientemente em

suas construções e usos diversos de linguagens significa perceber a si mesmo como elemento determinante no contexto sócio-histórico de que se participa. Aprender a conviver, a trocar, a dividir, a se solidarizar é aprender a cuidar de si; o sujeito, na medida em que cuida de suas relações com outros, componente essencial do ser humano, constrói sua existência de forma menos solitária.

Essa atenção para o outro e, portanto, para si mesmo, inclui a consideração dos sujeitos em interação social e verbal.

## Capítulo I – A oralidade (e o Outro)

... *minha vida é a existência  
que abarca no tempo as  
existências dos outros.*

(Bakhtin: 2003, 96)

O que é o Outro? Não simplesmente o que me exclui, porque o Outro necessariamente se compõe de mim, de meu olhar para e sobre o mundo; o Outro está num *continuum* relacional comigo: é parte de mim, carrega meus significados. O conceito de alteridade inclui o de identidade, porque no olhar para o Outro eu me vejo, em semelhanças e diferenças constitutivas. O Outro me constitui nesse olhar para nossas relações. Olhar o “Outro” significa olhar para mim. A única possibilidade de se ver está na capacidade de olhar ao redor, procurando tornar conscientes nossas apreensões, racionalizando emoções, construindo sentidos, interpretando-nos.

Pensar na oralidade implica necessariamente pensar no *continuum* estabelecido com outras manifestações humanas. A fala se constitui, nas sociedades letradas, em suas interações com a escrita, como também com as linguagens e expressões não-verbais. Pensar na oralidade significa, então, pensar na linguagem humana, no ser humano estabelecendo relações com os outros seres humanos. Porém, para finalidades pedagógicas, parece ser necessário estabelecer rupturas e fragmentações, separando língua falada, oralidade, língua escrita, linguagens não-verbais.

Não podemos perder a perspectiva de que a expressão humana se estabelece sempre num *continuum* de manifestações, verbais e não-verbais, e é nesta perspectiva que a linguagem deve ser abordada. Mais especificamente, para se estudar a oralidade, também como toda expressão humana, para qualquer investigação, olhar, análise, estudo, pesquisa, ensino, aprendizagem, para que de fato se apreendam, depreendam e construam significações e sentidos, é imprescindível localizá-la como social, histórica e ideologicamente constituída. Ou seja, é necessário percebê-la como parte do *continuum* de que se compõe a realidade.

Então, tendo em vista que eu e Outro se constituem reciprocamente e que toda manifestação humana se constitui num *continuum* – de manifestações verbais e não-verbais, e também do eu e do Outro –, não é possível desconsiderar a interação como ponto e lugar privilegiado de análise da realidade, em qualquer proposta de estudo, de ensino-aprendizagem da linguagem.

Nesse sentido, parece que se torna inapropriada a expressão “ensinar e aprender língua”. O trabalho do professor de língua materna, que se propõe a estabelecer relações de ensino envolvendo a linguagem verbal, calcado numa base interacionista, necessariamente passa a ser o trabalho de ensino sobre linguagem, que, por sua composição básica, sua natureza constitutiva, não se estabelece dissociadamente das outras linguagens e do contexto sócio-histórico em que se insere.

O foco do ensino da oralidade e da língua materna não se restringe ao ensino-aprendizagem de uma estrutura, de sua apreensão em níveis de análise lingüística, de léxico e vocabulário, de aspectos fonéticos e fonológicos. O componente central é essa modalidade como um todo em suas realizações concretas, inserida num contexto sócio-histórico e cultural, dialogando com todas as outras linguagens presentes na interação.

Ensinar oralidade não pode implicar, portanto, apenas se ensinar uma gramática do oral, nos moldes do ensino tradicional de língua, pautado na normatividade aplicada à escrita e que deveria ser transportada para as manifestações faladas, como sinônimo de aprendizagem e domínio da língua, ou como base para um descritivismo abstrato, que isoladamente pouco tem a contribuir na formação dos sujeitos. A oralidade requer o domínio de diversos gêneros, de suas inter-relações com a escrita – sobretudo porque nos inserimos em uma sociedade letrada – e com as outras linguagens.

Parece-nos ainda que, no momento em que se dá a revisão do conceito do que significa ensinar/aprender língua materna, superando-se uma concepção gramaticalista, a partir da nova LDB, das novas Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação e dos Parâmetros Curriculares Nacionais, com a subversão de uma ordem tradicional que se pautou no ensino de língua entendido como ensino de gramática normativa, ainda permanecem obscuros os caminhos a serem percorridos pelos professores de língua materna, na medida em que devem incluir entre seus objetos de ensino a oralidade. A partir de um olhar sobre os documentos oficiais e suas

propostas curriculares, bem como sobre alguns manuais didáticos de introdução aos estudos lingüísticos,<sup>3</sup> percebe-se que a concepção de oralidade como conteúdo de ensino ainda não se constitui de maneira suficientemente clara para os professores em formação.<sup>4</sup> É bem verdade que abordagens desta manifestação lingüística aparecem freqüentemente, assim como menções a possíveis aspectos a serem observados no trabalho de sala de aula, como a inserção de textos orais, interpretação dos mesmos etc. Análises de aspectos estruturais, classificações e depreensão de sua gramática tendem a se expandir, bem como questões relacionadas aos contextos sociais, níveis de linguagem a que se ligam. Até os livros didáticos de língua portuguesa, que devem atender aos critérios contidos nos PCN, passam a incluir, por vezes, o estudo de textos orais. Porém, como observa Cavalcante (2001), verifica-se ainda a omissão quanto a esses gêneros, bem como a falta de clareza sobre o tema. Esse aspecto é relevante, na medida em que os livros didáticos também são fonte de referência para os professores em exercício<sup>5</sup>.

O que nos parece essencial é localizar, dentro do contingente de conhecimentos provenientes principalmente da Lingüística, que cada vez mais tendem a proliferar e a se difundir, alguns fundamentais para uma abordagem dessa manifestação humana que efetivamente contribuam para a formação de nossos alunos como sujeitos cada vez mais incluídos e conscientes de seu contexto sócio-histórico, para que de fato tomem a história nas mãos, olhando a realidade com seus próprios olhos, fazendo-se, mesmo que anônimos, sujeitos.

Mais do que para ensinar marcas conversacionais, é preciso instrumentalizar professores e alunos para que enxerguem a realidade em que se inserem, percebendo-se e tornando-se constituídos e construtores da mesma. O que não se pode perder de vista é o risco que corremos

---

<sup>3</sup> Consideramos apenas algumas publicações atuais em língua portuguesa, posteriores a 1998, supostamente em consonância com as concepções oficiais. Nesse sentido, encontramos duas coleções, coincidentemente de mesmo título: *Introdução à Lingüística*. Uma delas é organizada por José Luiz Fiorin, da USP, e a outra, por Anna Christina Bentes e Fernanda Mussalim, da UNICAMP.

<sup>4</sup> Referimo-nos aqui especificamente ao texto “Língua e ensino: políticas de fechamento” de Marina Célia Mendonça, que integra o segundo volume de *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras* (Mussalim & Bentes: 2001). O trabalho é o único a propor uma abordagem especificamente voltada ao ensino de língua, nos volumes das coleções mencionadas, e apresenta uma aproximação com nossa proposta, porém partindo dos eixos: o conceito de gramática; o conceito de língua e sujeito; as práticas de sala de aula; o conceito de norma culta e variedades lingüísticas; as contribuições da Lingüística para possíveis alternativas de trabalhos dos professores. Os princípios adotados nos parecem adequados, inclusive com a consideração do que propõem os PCN de língua portuguesa, porém as propostas apresentadas ainda permanecem no nível de atividades e procedimentos genéricos, com ênfase na escrita: “Possibilitar o aparecimento de várias leituras de um texto oral e escrito”, “Fazer da produção de textos escritos na escola uma atividade menos artificial (...) com a apresentação de vários textos de apoio (orais e escritos)”.

<sup>5</sup> Cf., sobre a problemática envolvendo livros didáticos de língua portuguesa, os volumes 1, 2 e 3 da coleção *Aprender e ensinar com textos*, coordenada por Lígia Chiappini, e *O livro didático de Português: múltiplos olhares*, organizado por Ângela Paiva Dionísio e Maria Auxiliadora Bezerra.

de, se nos pautarmos apenas pelas marcas formais, por suas regularidades, pelas regras de funcionamento do oral, passarmos a ensinar aquilo que se tem questionado em relação à escrita: uma gramática. Não podemos cair também no gramatiquismo do oral.

## Capítulo II – Buscando conceituar: oralidade, língua falada ou fala?

Parece-nos necessário buscar esclarecer inicialmente o emprego da terminologia “fala”, “língua falada”, “oralidade”. Esses diferentes nomes designam, na realidade, conceitos também distintos. É comum seu uso generalizado e indiscriminado, o que pode gerar confusões e contradições conceituais. Tentando esclarecer essas diferenças, consideremos algumas posições.

Opondo língua falada e escrita, Urbano (2000, 86) cita Akinnao e afirma que as modalidades orais e escritas são estruturalmente diferentes porque se distinguem quanto ao modo de aquisição – enquanto a escrita é formal e conscientemente aprendida, geralmente na escola, a fala é natural e informalmente desenvolvida, na própria família; quanto ao método de produção – na escrita há a substituição do canal sonoro pelo visual e a ausência física do interlocutor; quanto à transmissão e à recepção – na fala há a presença dos interlocutores com comportamento vocal, gestual, fisionômico e emocional, além do contexto físico e social de ambos; quanto às formas pelas quais se organizam os elementos que as compõem. Portanto, as diferenças entre as modalidades falada e escrita resultam de suas diferentes condições de produção.

Com relação à língua falada, cabe, também, retomar uma distinção conceitual relacionada à oralidade. Segundo Urbano (*ibidem*), a oralidade compreende não apenas os aspectos lingüísticos sonoros (verbais e supra-segmentais) da fala, mas também todos os demais aspectos visuais que complementam os primeiros; já o termo “língua falada” recobre a substância fônica, sonora que, através de vários canais, veicula, ao mesmo tempo, mensagens contedísticas e pragmáticas, ou seja, os significados ligados a questões temáticas e a intencionalidades dos interlocutores em interação. A oralidade seria um traço e integraria, assim, a “língua falada”. Ou seja, a oralidade “é uma característica essencial da língua falada, mas não suficiente, o que faz com que notícias transmitidas pelo rádio e televisão, por exemplo, se caracterizem pela oralidade, mas não pelo caráter falado” (Hilgert *apud* Rodrigues: 1999, 31).

Dessa forma, podemos dizer que a modalidade “língua falada” compõe-se de vários recursos, sejam eles lingüísticos ou não, que se realizam através da fala em determinado contexto de enunciação. Portanto, em sua análise devem ser considerados os elementos lingüísticos (sons,

fonemas, signos), os paralingüísticos (gestos, meneios de cabeça, olhares etc.), os supra-segmentais (elementos prosódicos da entonação, intensidade, duração, ritmo, velocidade etc.) e os extralingüísticos (ambiente físico e social, circunstâncias de tempo, linguagem, modo, intencionalidades subjacentes etc.) que a constituem.<sup>6</sup>

Nesse sentido, o estudo da língua falada requer considerar, além da materialidade fônica e gestual, alguns outros componentes, como o contexto de interação, ou seja, a situação de interação que envolve ao menos dois falantes, o planejamento discursivo e lingüístico do locutor e o envolvimento entre os sujeitos em interação.

Considerar o contexto de interação significa considerar a “situação, as características dos participantes da interação em foco e as estratégias por eles utilizadas durante o diálogo” (Brait: 1999, 193) como peças determinantes nesse processo. A dialogicidade é instaurada pela situação de atividade em um contexto específico e é resultado da tarefa cooperativa entre pelo menos dois interlocutores.

Quanto à questão do planejamento/não planejamento, pode-se dizer, com Urbano (*ibidem*), que nesta modalidade há maior simultaneidade entre expressão e pensamento, o que a torna mais bruta, revelando as marcas de sua produção. A produção falada tende, então, a apresentar um baixo grau de planejamento, tanto temático – pré-definição de todos os tópicos a serem desenvolvidos em uma conversação ou mesmo uma explanação ou palestra acadêmica –, quanto discursivo – as chamadas formas e estratégias do dizer, que envolvem as escolhas lexicais, as construções sintáticas, a entonação, o ritmo e pausas na fala etc.

Em relação ao envolvimento/distanciamento entre os falantes, podemos considerá-lo em três direções: 1. ligado ao tema; 2. ligado ao próprio sujeito-enunciador e 3. ligado ao interlocutor-ouvinte. Assim, a partir do foco de interesse do sujeito-enunciador, consideramos seu maior ou menor grau de envolvimento em relação aos aspectos apontados. Em relação à escrita, o envolvimento do locutor, em qualquer das direções, sobretudo em relação ao interlocutor, é maior.

---

<sup>6</sup> A classificação apresentada para os marcadores conversacionais – lingüísticos (verbais), paralingüísticos (não-verbais) e supra-segmentais (de natureza lingüística, mas não-verbais) – é a que encontramos em Marcuschi (1986). Outras classificações consideram que gestos, olhares e movimentos corporais em geral fazem parte da linguagem gestual, enquanto o paralingüístico – ou paraverbal – remete às características da produção fônica, como frequência, volume, entoação, pausas etc. Cf. Mainueneau (1997, 76).

Segundo Marcuschi (2001), a oralidade, prática social interativa para fins comunicativos, que se apresenta sob diversos gêneros textuais baseados na materialidade sonora, distingue-se da fala, modalidade de uso da língua, uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos calcada na oralidade. Por outro lado, a escrita, também modalidade de uso lingüístico, é caracterizada pela constituição gráfica e insere-se no plano dos letramentos, distinguindo-se desses. O letramento, prática social, envolve a modalidade escrita, desde sua apropriação mínima até a mais profunda. Desse modo, temos oralidade e letramento como práticas sociais e fala e escrita como concretizações da língua, fatos de linguagem, constituindo as manifestações particulares desses dois grandes eventos sociais, distintos e interdependentes em culturas nas quais coexistem.

Para Corrêa (1997), a oralidade, enquanto comunicação face a face, em que a elaboração do discurso é coletiva, dada a participação ativa dos interlocutores, é chamada de língua falada, conversação ou discurso falado. Em termos metodológicos, as práticas sociais orais e letradas são tomadas como constitutivas dos fatos lingüísticos do falado e do escrito e, em particular, das práticas da escrita. O modo heterogêneo de constituição da linguagem revela um processo social - o letramento no escrito e no falado; o oral no escrito e no falado. Oral e letrado não se confundem com o ensino formal, na verdade estão desligados de um ensino institucionalizado, da escola.

Kleiman (1995) ressalta que, enquanto fatos de linguagem, as manifestações verbais orais ou escritas inserem-se no processo de interação, e que, neste caminho, mais do que nos concentrarmos nas diferenças entre elas, tendendo a cair na polarização já suficientemente contestada entre oralidade e escrita, é fundamental conhecermos também suas semelhanças constitutivas. Assim, considerando o letramento como fenômeno decorrente da inserção social da escrita, que atinge, direta ou indiretamente, em vários níveis e graus, a todos os integrantes do processo social, faz-se necessário observar como se constituem os gêneros, orais e escritos, em suas diferentes concretizações, faladas e escritas. Marcuschi (2001, 37) reitera: as “diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum tipológico* das práticas sociais e não na relação dicotômica de dois pólos opostos”.

Fala e escrita, portanto, inter-relacionam-se, constituindo-se mutuamente, o que impossibilita o ensino de gêneros orais de forma completamente dissociada de suas relações com

gêneros escritos. Assim, para o trabalho com a oralidade, ao se considerar as interfaces desenvolvidas com a escrita, necessariamente se insere a questão do letramento.

Buscamos aqui apresentar apenas algumas noções que nos parecem essenciais para uma reflexão inicial sobre o ensino-aprendizagem da oralidade. O trabalho com gêneros orais requer que se considere, além da materialidade fônica e gestual que os constitui, outros componentes, como contexto de interação, planejamento discursivo e envolvimento entre os falantes, bem como as relações que se estabelecem entre os diferentes fatos lingüísticos – a fala e a escrita – e os eventos sociais – a oralidade e o letramento.

### **Capítulo III – Algumas tendências históricas nos estudos lingüísticos e na formação dos professores de língua materna**

Desde a Antigüidade Clássica, com Aristóteles e suas reflexões sobre a linguagem – as palavras são símbolos, *mímesis* das coisas – e sobre a gramática, passando pelos romanos e seus modelos gramaticais voltados para a precisão e o rigor, culminando na Idade Média com o esquema didático calcado no *trivium* das artes liberais – Lógica, Retórica e Gramática –, o conhecimento lingüístico (da língua) parece estar principalmente voltado para a escrita. O objetivo de estudiosos e pensadores, além da tentativa de explicação e compreensão do fenômeno lingüístico, sua origem, natureza e essência, liga-se ao aprendizado da perfeita leitura e compreensão dos clássicos da literatura pagã e posteriormente cristã.

Na Idade Média, enquanto a Retórica, como a arte de bem falar e bem escrever, voltava-se também ao ensino da língua falada, a gramática visava principalmente o ensino das regras do latim para a interpretação de poetas e historiadores. Aqui também se verifica o foco do ensino de língua como predominantemente o ensino da escrita.

Em língua portuguesa especificamente, a partir do Renascimento, com a publicação de suas primeiras gramáticas – a de Fernão de Oliveira (1536) e a de João de Barros (1540) –, a preocupação com a escrita se sobrepõe à oralidade.

Segundo Buescu (1975) os dois objetivos que se ligam à constituição da gramática refletem-se nos desdobramentos futuros nos estudos da linguagem. Por um lado, a busca pela elucidação teórica do problema da origem, natureza e essência da língua, a “gramática especulativa”, pode ser percebida nos estudos científicos da linguagem desenvolvidos a partir do século XX e no surgimento da Lingüística. Por outro lado, a tentativa de estabelecimento de uma norma, a partir da coexistência das línguas vulgares e posteriormente das modernas, juntamente ao latim, a “gramática preceitativa”, terá seu desenvolvimento e aprofundamento nas gramáticas normativas.

A questão da língua eclode, na primeira metade do século XVI, a partir das incertezas “sobre a norma lingüística e da carência de padrões literários que garantissem o seu prestígio”

(*ibidem*). O ensino-aprendizagem da língua nessa perspectiva se volta para o conhecimento da estrutura de funcionamento, conceitos e noções, ou seja, a problemática da norma surge a partir do momento em que não há apenas uma forma aceita (o latim), mas se passa a usar, sobretudo para o ensino da literatura e evangelização, as línguas vulgares. Além disso, no mesmo período, há uma grande tendência para a introdução de novas terminologias gramaticais.

Dois outros momentos históricos, anteriores ao século XX, são considerados significativos nos estudos lingüísticos. No século XVII, temos a gramática de Port-Royal, símbolo do predomínio da racionalidade na busca pela gramática universal, com fortes influências cartesianas, e, no século XIX, o desenvolvimento dos estudos histórico-comparativos, respondendo aos preceitos românticos da busca das raízes, das origens, e que gera a hipótese da língua-mãe, o indo-europeu.

O estudo da(s) língua(s) como estrutura gramatical, como sistema(s), focado(s) historicamente, ou não, reflete-se no ensino com base na escrita, no rigor com os dados de análise, nos registros. De uma forma geral, nessa trajetória dos estudos da linguagem, a escrita e sua gramática acabam predominando. No ensino, filologia e gramática são as duas fortes tendências.

No século XX, com o surgimento da ciência Lingüística, a partir de Saussure, desenvolve-se predominantemente o estruturalismo e a “descrição do *sistema da língua*” (Kristeva: 1988). Apesar de o “pai da Lingüística moderna” defender a primazia da língua falada, os estudos da linguagem – e seu ensino – continuam a priorizar a escrita. Como diz Geraldí (1996, 62):

*Como se sabe, o processo de construção histórica da escrita permitiu uma reflexão sobre a linguagem em geral e sobre cada língua em particular, e esta reflexão, fixando-se na escrita, acabou por prevalecer como o ‘capital lingüístico escolarmente rentável’.*

Especificamente em relação ao Brasil, segundo Vandresen (2001), os estudos lingüísticos têm referência importante em Joaquim Mattoso Câmara Jr., pioneiro da Lingüística descritiva, aluno de Roman Jakobson nos Estados Unidos, e que ministrou o primeiro curso de Lingüística no país, na Universidade do Distrito Federal, em 1938 e 1939, e depois na Universidade do

Brasil, a partir de 1948. Como resultado de seus cursos surgiu em 1942 nosso primeiro manual de Lingüística: *Princípios de Lingüística Geral*.

Ainda de acordo com Vandresen (*ibidem*), a Lingüística foi implantada obrigatoriamente no currículo de Letras por uma resolução do Conselho Federal de Educação, somente em dezembro de 1961. Na época, existiam 83 cursos de Letras, seguidores da tradição filológica portuguesa, que norteava o ensino de línguas numa perspectiva histórica e normativa. A nova disciplina dava ênfase à descrição científica das línguas, numa perspectiva sincrônica.

Em 1964, iniciou-se o primeiro curso de Mestrado em Lingüística, na Universidade de Brasília, tendo à frente o professor Aryon Dall’Igna Rodrigues (doutor em Lingüística por Hamburgo, Alemanha), e professor da Universidade Federal do Paraná, e alguns lingüistas do SIL (Summer Institute of Linguistics), pesquisadores de línguas indígenas.

O predomínio das teorias lingüísticas estruturalistas, conforme modelos americanos de Bloomfield, Sapir, Pike e modelos europeus da Escola de Praga, de Martinet e Pottier, marcou essa disciplina em seu início.

Na década de 70, a concepção gerativista de Chomsky passa a dominar e apenas a partir dos anos 80 as teorias enunciativas desenvolvem-se fortemente no país. Geraldi (1996, 54) registra:

*A partir da década de 1980, ao mesmo tempo em que no interior de programas de pesquisa uma concepção nova de linguagem instaurava-se – especialmente na lingüística textual, na análise do discurso e na sociolingüística –, muitos professores universitários brasileiros passam a articular suas reflexões teóricas a propostas alternativas de ensino da língua materna.*

Destacam-se então estudos ligados às teorias da informação e da comunicação, aos estudos pragmáticos, da Lingüística Textual, da Sociolingüística e da Análise do Discurso. Nesse processo, Émile Benveniste é referência importante, influenciando várias correntes enunciativas e pragmáticas.

Benveniste é considerado um estruturalista histórico, diacrônico; partindo da distinção de Saussure entre língua e fala, preocupa-se em estudar de que maneira os sujeitos constroem a linguagem e também se constroem nela. Ou seja, partindo do princípio de que a fala (o discurso) é a realização concreta da língua, volta-se para a busca dos elementos lingüísticos que revelam a presença dos sujeitos em interação. Assim, a subjetividade na linguagem consiste exatamente na necessária existência de sujeitos que, ao se apropriarem do sistema lingüístico, colocam-no em funcionamento, gerando, no diálogo instaurado, os discursos que materializam as relações sociais humanas.

A enunciação é vista como a relação do sujeito com a língua: o sujeito desta se apropria, pondo-a em funcionamento. Esse é o momento da enunciação: um sujeito (*eu*), toma a palavra, dirigindo-se necessariamente a um interlocutor (*tu*). A existência do outro é condição para o diálogo e, portanto, para o discurso.

Para o autor, a língua, como sistema de signos formais, apenas concretizará sua existência no momento mesmo em que um sujeito falante – um *eu* –, ao dirigir-se a um interlocutor, tomar a palavra, falar, interagir com este, que se constitui em um *tu*. Esse interlocutor (*tu*), sujeito essencial para que a comunicação se efetive, assumirá também o papel de *eu*, enunciador, no momento em que os papéis se invertem e ele tomar a palavra. Essa enunciação produzirá então discursos, que colocarão em diálogo os seres humanos – o *eu* e o *tu* –, constituindo-se na e pela linguagem.

Benveniste chama a atenção para um estudo da linguagem que considere prioritariamente os dêiticos (indicadores de pessoa, tempo, espaço, como os pronomes pessoais, sobretudo *eu* e *tu* – já que o *ele* é uma não-pessoa, ou seja, está fora da interação –, as desinências número-pessoais e modo-temporais, advérbios de tempo e lugar, entre outros), para o universo do funcionamento do discurso como demonstração (demonstrativos), a argumentação e a persuasão.

A subjetividade é apontada como condição inerente ao ser social humano. Esse traço cria e define as relações humanas, marcadas pela comunicação, pela necessidade de troca e interação. Nesse processo, enquanto a enunciação é definida como o ato de colocar em funcionamento a língua, no próprio processo da interação, a partir do momento em que um sujeito locutor

(*eu*) dirige a palavra a um interlocutor (*tu*), o enunciado pode ser entendido como a mensagem, a palavra, o texto produzido no momento da enunciação, que é seu produto.

Na interação, uma resposta verbal concreta pode não ocorrer, mas o silêncio pode ser considerado uma reação, um retorno, enfim, uma resposta em determinada situação, uma ação, pois implicará em significados apreendidos e em seu comprometimento com o dizer do outro. Mesmo optando por se calar, o interlocutor – também denominado alocutário – precisa assumir que foi "tocado" pelo dizer do locutor, escolhendo então qualquer caminho e arcando com as conseqüências, inclusive, de se calar...

Benveniste propõe o termo “discurso” para inserir a participação do indivíduo na sua linguagem, através de sua fala. A subjetividade na linguagem, ou seja, a constituição da linguagem e do sujeito a partir da enunciação, virá a ser o mote dos estudos lingüísticos contemporâneos.

Acreditamos que os professores acabam sofrendo uma série de influências dessas concepções, tanto em sua formação, na medida em que os cursos de ensino superior tendem a incluir em seus currículos as perspectivas lingüísticas em voga, quanto em sua atividade profissional, pois os documentos oficiais vigentes – elaborados por professores universitários – e todas as propostas de atualização e formação em serviço, supõe-se, são coerentes com essas bases.

Nesse sentido, atualmente, uma “das conseqüências do trabalho de lingüistas brasileiros é a incorporação da língua falada nas práticas de ensino, preconizada pelo MEC, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais”.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> COSTA, Sônia Bastos B. “A lingüística e os estudos de linguagem rumo ao século XXI”, PROHPOR / DLV / IL / UFBA. Comunicação apresentada na Semana de Letras em DELL da UESB. Texto não publicado. Acesso: 15/01/2006: <http://www.prohpor.ufba.br/alinguis.html>

## **Capítulo IV – As propostas dos documentos oficiais vigentes**

### **1. As Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Letras**

As Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação foram elaboradas pelas Comissões de Especialistas de Ensino de cada área, envolvendo propostas oriundas de universidades, faculdades, organizações profissionais, associações docentes e discentes, tanto do setor público quanto do privado. Tais propostas, sistematizadas pelas Comissões, foram avaliadas por consultores especialistas de cada área e posteriormente aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação.

As Diretrizes Curriculares vigentes dos cursos de Letras e de Licenciatura (formação de professores) encontram-se em:

- Letras: Pareceres CNE/CES 492/2001 (03/04/2001) e CNE/CES 1363/2001 (25/01/2002); Resolução CNE/CES 18 (13/03/2002);
- Licenciatura (formação de professores): CP 9/2001 (17/01/2002); CP 21/2001; CP 27/2001 (17/01/2002) e CP 28/2001 (17/01/2002).

As Diretrizes apresentam um conjunto de parâmetros que devem servir de base para que cada Instituição de Ensino Superior (IES) construa seu projeto pedagógico, definindo, com autonomia, quais as disciplinas que deverão compor o currículo dos cursos de licenciatura em Letras, bem como os conteúdos de ensino a serem desenvolvidos.

Dessa forma, cabe a cada IES construir sua estrutura curricular, respeitando as Diretrizes, que enfatizam a necessidade da presença de “Estudos lingüísticos e literários”, sem especificar exatamente quais as opções metodológicas e/ou teóricas a serem seguidas, nem a matriz curricular a ser instaurada – a relação das disciplinas dos cursos e as respectivas cargas horárias. Apenas são estabelecidas as orientações gerais baseadas nos conceitos de diversidade/heterogeneidade e na concepção de linguagem como interação social.

As disciplinas selecionadas devem possibilitar:

*a sistematização e o aprofundamento de conceitos e relações sem cujo domínio torna-se impossível constituir competências profissionais. Esse domínio deve referir-se tanto aos objetos de conhecimento a serem transformados em objetos de ensino quanto aos fundamentos psicológicos, sociais e culturais da educação escolar. (Resolução CNE/CES 18, 13/03/2002, p. 42)*

Assim, a formação do professor requer o domínio de conteúdos, habilidades e competências, não definidos explicitamente *a priori*, mas que deverão ser estruturados, seguindo uma direção geral preexistente. Quanto ao perfil dos formandos em Letras, afirma-se que:

*O objetivo do Curso de Letras é formar profissionais interculturalmente competentes, capazes de lidar, de forma crítica, com as linguagens, especificamente a verbal, nos contextos oral e escrito, e conscientes de sua inserção na sociedade e das relações com o outro. (Parecer CNE/CES 492/2001, aprovado em 03/04/2001, p. 24).*

O que fica claro em termos de conteúdos específicos é o que se refere àqueles que o professor de ensino médio e fundamental deve dominar, inclusive para poder ensinar. Se os objetivos de ensino do futuro professor forem conteúdos que deverão compor o currículo dos cursos de graduação em Letras, então os PCN para o ensino fundamental e médio são parte obrigatória desse currículo. Nesse ponto, vejamos alguns aspectos dos Parâmetros.

## **2. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa**

Refletir sobre o ensino de língua portuguesa, a língua materna, implica refletir sobre as diretrizes que norteiam o trabalho do professor, bem como sobre o contexto em que tais diretrizes se inserem, pois suas escolhas não são aleatórias:

*Em primeiro lugar, porque a utilização de uma metalinguagem técnica impõe necessariamente um quadro teórico-metodológico que lhe dê suporte. É, pois, papel do professor saber em que região teórica ele se movimenta* (Corrêa: 1993).

Atualmente, encontram-se em vigência, em termos oficiais, os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, criados a partir da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 20/12/1996 (lei nº. 9.394/96), que estabelecem os princípios norteadores, em termos curriculares e metodológicos, para os professores do ensino fundamental e médio, em todas as áreas. Tais parâmetros, enquanto fruto de determinada política educacional, inserem-se em uma conjuntura que os determina e é também marcada por eles.

Procuraremos aqui apresentar brevemente o contexto em que os PCN surgem, na busca de uma melhor compreensão de sua inserção histórico-social, o que deve compor, a nosso ver, a construção de sentidos que faremos da concepção oficial que se tem do ensino de língua materna, ou seja, dos pressupostos teóricos que estão na base das propostas para o ensino da língua portuguesa, pois pensar o ensino da língua materna significa pensar em como se dá o ensino da linguagem e quais concepções subjazem a essa tarefa.

Neste caso, a linguagem é objeto – aquela da qual se fala – e, ao mesmo tempo, metalinguagem – aquela na qual se fala, e, embora não haja diferença entre linguagem objeto e metalinguagem, pois ambas se enlaçam, sendo partes de si mesmas (Bastos; Mattos: 1993), esta percepção se constitui em mais uma tarefa para o professor de língua. A ele cabe, nesse contexto,

*o exercício de duas atividades: uma atividade de controle em relação à abordagem teórica (especialmente no que se refere à metalinguagem proveniente das diversas correntes de pensamento da Lingüística, mas não apenas em relação a ela, pois há que se considerar ainda o impensado da metalinguagem proveniente da gramática normativa, ou mesmo daquela proveniente de um certo tipo de estilística) e uma atividade de direção (o professor não pode, a nosso ver, abrir mão de uma certa diretividade no que ensina – e no que ensina sobre língua portuguesa – caso contrário, pode correr o risco de abrir mão de sua própria reflexão sobre a linguagem (...)).* (Corrêa: 1993, 51-52).

O papel do professor de língua materna inclui a compreensão das concepções teóricas de linguagem que compõem seu trabalho. Para essa compreensão, é necessário que perceba também que as diretrizes oficiais propostas – atualmente os PCN – se inserem num contexto sócio-histórico e político que irá compor tais propostas, orientando-as.

## **2.1 O contexto de produção dos PCN**

A educação é uma das políticas sociais e só pode ser entendida considerando-se o Estado, figura imprescindível na sociedade capitalista, na medida em que regula as formas de inserção social, sobretudo das camadas populares. O Estado sempre permaneceu nas mãos dos grupos de elite – a classe economicamente hegemônica – e sua relação com a sociedade é de constante tensão, devido aos diversos interesses permanentemente em conflito.

Na década de 80, com o fim do período de ditadura e do populismo nacionalista, há um re-arranjo capitalista: uma nova ordenação marcada, também, pela maior absorção de conceitos defendidos pelas correntes de esquerda, e pela “neutralização” de determinados valores: um caso é o conceito de ciclos, substituindo o antigo regime de seriação. Essa foi uma defesa de grupos progressistas que acabou servindo como estratégia para prestação de contas sobre índices de evasão e repetência para o Banco Mundial. Essa apropriação de idéias e propostas com seus resultados direcionados a fins distintos daqueles originalmente pensados se constitui também numa das marcas dessa “nova era”.

Com o avanço nos estudos sobre as relações entre educação e trabalho, visando-se à maior produtividade, segundo a própria lógica capitalista, percebe-se que a formação profissional na escola desonera as empresas (o capital). Desse modo, dos anos 80 para cá, as reformas educacionais ocorrem em função da produção.

A inserção das universidades, sobretudo as públicas, na condução do governo também marca as mudanças propostas no ensino e os PCN de língua portuguesa trazem claramente esse direcionamento.

A partir da constituição de 1988, um argumento do setor privado aparece fortemente: toda educação tem função pública, o que significa dizer que todo processo de ensino-aprendizagem deve, necessariamente, voltar-se para o coletivo, social, e não apenas para determinada função (privada). Isso implica na concepção de uma formação educacional e escolarizada direcionada, sobretudo, para a força de trabalho, para responder às demandas do capital.

No contexto em que se insere a nova LDB e posteriormente os PCN, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso – FHC – (1995-2002), predomina a lógica científica nas relações de trabalho. Assim, segundo Neves (1999, 17), as aplicações diretamente produtivas da ciência no processo de trabalho sob o sistema de máquinas irão repercutir nas direções econômicas e político-sociais e, conseqüentemente, numa sociedade capitalista, nos sistemas educacionais:

*O desenvolvimento dos sistemas educacionais no mundo contemporâneo, quer em termos quantitativos – expansão de vagas no sistema escolar, reorganização hierárquica em níveis e ramos de ensino –, quer em termos qualitativos – conteúdos curriculares, métodos de ensino e produção do conhecimento em novas áreas do saber –, tem na nova relação ciência/trabalho e ciência/vida um dos seus determinantes essenciais. (ibidem,19).*

A criação dos PCN se dá a partir da prevalência dos interesses do poder econômico representados por aqueles que ocupam determinados lugares sociais, ou seja, há uma política educacional claramente voltada para aqueles que se fazem representar nos espaços de decisão:

*Esse posicionamento político responde às políticas do Banco Mundial, portador das informações mais completas sobre a educação do país. As estratégias de atuação do Banco nos aspectos funcionais e curriculares são traduzidas na elaboração dos parâmetros curriculares nacionais, na convocação dos pais e da comunidade para os assuntos escolares, na ênfase e uso de equipamentos de tecnologia, na indução da competição entre escolas, nos critérios de produtividade e eficiência, no estímulo à promoção automática (...). Essas estratégias têm como fundamento político ideológico a concepção credencialista, utilitarista e produtivista da educação. Para essa concepção, a educação pública tornou-se mercadoria que pode ser comprada e vendida no mercado, sujeitando-se às leis da competitividade e da livre escolha dos pais. (Silva: 2002, 159)*

Após embates políticos para aprovação do Plano Decenal de Educação, com o surgimento de duas propostas antagônicas, oriundas, por um lado, das elites, representadas pelo governo de FHC e, por outro, dos movimentos sociais progressistas, prevaleceu o chamado Plano Decenal de Educação para Todos, que se constituiu a partir do resultado de um acordo selado pelo Brasil em nível internacional, sob orientação da ONU:

*Suas diretrizes fazem parte de uma estratégia global de educação com finalidade de satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem dirigidas à nova fase de desenvolvimento mundial, dos povos dos países subdesenvolvidos e, principalmente, das populações que vivem em situação de pobreza e de pobreza extrema.*

*Nessa perspectiva, foram definidos os objetivos gerais da educação básica que serviram de alicerces para a formulação das diretrizes e das ações governamentais do Governo FHC. No detalhamento dos objetivos propostos já estavam explícita ou implicitamente delineadas algumas das políticas, como: parâmetros curriculares nacionais, a reforma do ensino médio, a correção dos fluxos da escolarização básica, o aligeiramento dos programas de educação de jovens e adultos para certificação em curto prazo, os mecanismos da gestão neoliberal, (...) além de uma maior subordinação técnica e financeira aos organismos internacionais do campo educacional. (Neves: 2000, 157)*

Nesse projeto neoliberal de sociedade,

*A educação escolar tem por objetivo capacitar o conjunto da força de trabalho para operar produtivamente a ciência e a tecnologia transferidas do capitalismo central, nesse patamar superior de racionalidade do trabalho e da produção, ao mesmo tempo em que se propõe a contribuir para a efetivação de um novo conformismo às novas dimensões da sociabilidade instrumental capitalista.*

*É com vistas a essa integração submissa do brasileiro à lógica capitalista de trabalho e de vida que a proposta de PNE (Plano Nacional de Educação)\* do governo privilegia as políticas: de redirecionamento e uniformização dos conteúdos curriculares em todos os níveis, a reavaliação dos materiais instrucionais, de controle dos resultados instrucionais e de ensino, da formação e persuasão de novos intelectuais de diferentes níveis e do emprego de novas tecnologias educacionais. Essas políticas estão consubstanciadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (...). (ibidem, 178) \*(nossa observação).*

A reestruturação internacional do trabalho e a globalização econômica geram modificações nas práticas de consumo e, conseqüentemente, nas relações humanas, com a exacerbação do descartável.

A mídia, a partir dos anos 90, passa a ser mais um educador, e o principal deles, o que vai se refletir nas crescentes “campanhas” para inserção de atividades envolvendo o uso de televisores, rádios e todo o aparato midiático dentro da escola. Enquanto estratégia para o desvelamento dos discursos manipuladores que nos rodeiam, tais iniciativas podem ser consideradas até mesmo necessárias, porém, como mera substituição a outros recursos didático-pedagógicos, como forma de atração para “tele-espectadores” passivos e apáticos, conformados a apenas determinadas linguagens e seus usos, merece ser mais bem pensada. O mesmo ocorre com a informatização na escola, que funciona como porta de entrada para o capital, de forma a atender às novas demandas do mercado. Isso implica na exigência de que os educadores incorporem as novas tecnologias, de forma a poder “repassá-las” aos educandos, o que se pode notar nos PCN, em que essa incorporação é quase ponto pacífico.

Nesse contexto, o conceito de cidadão, que pressupõe a igualdade de todos perante a lei, acaba por se constituir como uma generalização, uma abstração que encobre o comportamento dos cidadãos reais e concretos e, principalmente as desigualdades sociais reais.

As reformas educacionais propostas, e que se refletem nos PCN, implicam a redefinição de objetivos e currículos e, conseqüentemente, da concepção de formação dos profissionais envolvidos, os professores, que desenvolverão as novas metodologias de acordo com as novas propostas.

Na sociedade capitalista, as diretrizes para as políticas sociais, entre elas as políticas educacionais, são determinadas pelas relações capital-trabalho, e, no contexto de produção da nova LDB e dos PCN, com a hegemonia do neoliberalismo, da globalização econômica e da revolução científico-tecnológica, predominam as exigências do entrelaçamento de teoria e prática, com a aplicação diretamente produtiva da ciência no trabalho. Nesse sentido, para a manutenção e fortalecimento da hegemonia dos grupos de poder, o Banco Mundial surge como um dos componentes decisivos do processo.

O papel do professor de língua materna inclui a compreensão das concepções teóricas de linguagem que estão subjacentes a seu trabalho, para que possa desempenhar seu papel consciente do que representa, não agindo apenas como reprodutor de modelos, mas subvertendo uma ordem pré-estabelecida de atuação. As diretrizes oficiais – atualmente os PCN – se inserem num contexto sócio-histórico e político que as orienta, determinando-as.

## **2.2 Um olhar para os PCN de Língua Portuguesa em busca da oralidade como objeto de ensino-aprendizagem**

Os PCN de Língua Portuguesa para o ensino fundamental, especificamente para terceiro e quarto ciclos<sup>8</sup>, apresentam como objeto de ensino o “conhecimento lingüístico e discursivo com o qual o sujeito opera ao participar das práticas sociais mediadas pela linguagem” (p. 22) e propõem o ensino da língua materna voltado para as práticas oral e escrita da língua:

*A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. (p. 24)<sup>9</sup>*

Visando especificamente ao ensino dos gêneros orais nessa perspectiva, parece-nos essencial considerar alguns aspectos. Em primeiro lugar, para que o professor de língua materna entenda a proposta apresentada nos PCN, é necessário que tenha, como pressuposto, uma concepção de linguagem que ultrapasse tradicionais visões estruturalistas e/ou gramaticais. Mais do que discutir terminologias adequadas ou não à realidade pedagógica, é preciso, em um primeiro momento, instrumentalizar conceitualmente o professor em uma perspectiva

---

<sup>8</sup> Trabalharemos especificamente com os PCN para terceiro e quarto ciclos, pois é somente a partir dessa etapa do ensino fundamental que há a exigência da formação específica – licenciatura em Letras – do professor de língua materna.

<sup>9</sup> Não é nosso objetivo, neste trabalho, problematizar os aspectos teóricos e conceituais envolvendo as noções de gênero, texto e discurso desta proposta. O que nos interessa aqui é como se apresenta a oralidade como objeto de ensino-aprendizagem nos PCN.

enunciativa, fornecendo-lhe subsídios para futuras reflexões, a fim de que ele, também sujeito, se aproprie de outras formas e construa conhecimento.

Em tal percurso, um problema é a constante tentação das categorizações dadas aprioristicamente. Ora, é parte de uma concepção enunciativa – e da Linguística Aplicada –, olhar para o objeto em foco, ou seja, abordar um fenômeno de linguagem específico a partir de suas características intrínsecas e de sua relação com outras realizações de linguagem em dado contexto de uso.

Nesse sentido, o conceito de gêneros de Bakhtin, como tipos relativamente estáveis de enunciados, parece permitir que as concretizações e usos da linguagem sejam entendidos e explicados, superando as tradicionais limitações que a tipologia textual escolar impõe<sup>10</sup>. Contribui, assim, para a compreensão das regularidades e variações, observáveis em seus três aspectos: tema, composição e estilo. Permite, ainda, perceber a heterogeneidade constitutiva da linguagem como traço inerente à própria condição humana, pois seu aspecto fundamental é o atrelamento às funções sociais da linguagem.

Isso auxiliaria, por exemplo, no reconhecimento de algumas diferenças entre uma apresentação de jornal transmitida pelo rádio e outra transmitida pela televisão. Neste caso, trata-se do gênero oral “jornal falado”, porém carregando a heterogeneidade inerente ao próprio conceito de gênero, que diferencia as duas realizações entre si. No caso da escrita, tomando o exemplo da carta pessoal e da carta de solicitação de emprego, ou, ainda, da carta de leitor, presente em jornais e revistas, podemos dizer que temos gêneros distintos, na medida em que as funções sociais desses eventos são também distintas. E mais, se retirados de seu contexto de produção, passam a compor, a nosso ver, um outro gênero. É o que ocorre com os exemplares inseridos em materiais pedagógicos diversos. Ali, sua função é exemplificar determinadas realizações lingüístico-discursivas. A questão do suporte, desse modo, altera as relações entre interlocutores, o que implica em alteração nas condições de produção e, por conseguinte, nas considerações sobre um ou outro gênero<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> Referimo-nos aqui à tipologia que classifica os textos como (predominantemente) narrativos, descritivos ou dissertativos, ainda presente nas escolas.

<sup>11</sup> Marcuschi (2003) trata a questão de outro modo: “Intuitivamente, ***entendemos aqui como suporte de um gênero um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto.*** Numa definição sumária, pode-se dizer que **suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto.** (...) Tomemos o caso do livro didático por parecer mais complexo. E

Em termos específicos sobre o que significa ensinar gêneros orais, os PCN propõem ainda:

*Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acesso a usos de linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. Tal ensino não significa trabalhar a capacidade de falar em geral. Significa desenvolver o domínio dos gêneros que apóiam a aprendizagem escolar de Língua Portuguesa (...). (p. 69)*

Sem entrarmos na discussão sobre as limitações e contradições que uma lista com tipos de gêneros pode trazer, é preciso ter em mente que o professor precisa de parâmetros e, possuindo capacidade reflexiva, estando instrumentalizado conceitualmente, pode também redefinir seus caminhos. Porém, parece questionável a afirmação que “ensinar língua oral” não envolva o trabalho com a capacidade de falar em geral, pois, como é possível o “domínio da palavra pública” e dos gêneros orais sem tal capacidade? Melhor dizendo, como se pode apreender os gêneros diversos que circulam socialmente sem a prática da linguagem efetiva e não aquela artificializada no contexto escolar? Não se estaria aqui diante de um novo processo de mera reprodução na aprendizagem, como ocorreu com o ensino da escrita? Parece-nos imprescindível que o ensino dos gêneros orais, bem como dos escritos, conte com a capacidade criativa dos estudantes, com a criação de situações de aprendizagem significativas. Do modo como se coloca, os PCN parecem propor o ensino de estratégias retóricas, como regras do bem falar. Por outro lado, devemos reconhecer como ponto positivo da proposta a ênfase na consciência da diversidade dos gêneros e da necessidade de seu ensino-aprendizagem.

---

neste caso comecemos com o **Livro de Língua Portuguesa**, que é um caso mais simples do que o **Livro de Geografia**, por exemplo. Os gêneros de texto que aparecem no *livro didático de Português* mantêm ou não a mesma função original? Sabemos que há quem trate o livro didático como gênero, mas aqui o *livro didático* será decididamente visto como um suporte, com os argumentos a serem apresentados adiante. Seguramente, o *livro didático* é um suporte bem diverso do que uma revista semanal. Não só os destinatários e os objetivos do livro didático e da revista semanal são diversos, mas também as esferas de atividade discursiva são outras. Contudo, um dos elementos centrais para esta distinção é a idéia de que o livro didático tem *interesses e objetivos* específicos na escolha de certos gêneros (busca gêneros adequados a certos objetivos do ensino, visa a uma variação ampla, contempla os mais frequentes, exemplifica peculiaridades estruturais e funcionais), o que não atinge a estrutura dos gêneros, mas sua *funcionalidade imediata* no que tange ao *interesse* e não à *função*. (...) Tal como foi exposto anteriormente, livro didático é nitidamente um suporte textual, embora a opinião não seja unânime a este respeito”.

A escola deve viabilizar a vivência de práticas sociais distintas, que comumente não estão presentes no cotidiano dos estudantes. O que não se pode perder de vista é que os mecanismos para propiciar o acesso aos diversos gêneros orais não devem se tornar procedimentos mecânicos, que afastem os aprendizes do uso reflexivo da linguagem. Não há melhor meio para aprender as normas de interação de uma assembléia do que participar de uma. O risco que se percebe aqui é que, entre outras atividades, apenas sejam feitas simulações de assembléias para o exercício e treinamento de determinado gênero oral.

O que nos parece essencial é que, além do próprio conceito de gêneros, nesse caso, é preciso incursionar pelos campos da oralidade, com a reflexão sobre suas especificidades e pontos de confluência com diversas realizações de linguagem, além de considerá-la em suas realizações concretas.

## Capítulo V – Propostas de abordagem da oralidade na escola

### 1. Algumas propostas de ensino de língua falada e de gêneros orais na literatura sobre o tema

Na tentativa da sistematização de aspectos concernentes ao ensino dos gêneros orais, buscamos as referências relacionadas ao tema, em vários autores que propõem explicitamente tais abordagens. Assim, Fávero, Andrade e Aquino (2005, 18) apontam que um evento comunicativo constitui-se de aspectos significativos:

- a) situação discursiva: formal/informal;
- b) evento de fala: casual, espontâneo, profissional, institucional;
- c) tema do evento: causal, prévio;
- d) objetivo do evento: nenhum, prévio;
- e) grau de preparo necessário para efetivação do evento: nenhum, pouco, muito;
- f) participantes: idade, sexo, posição social, formação, profissão, crenças etc.;
- g) relação entre os participantes: amigos, conhecidos, inimigos, desconhecidos, parentes;
- h) canal utilizado para a realização do evento: face a face, telefone, rádio, televisão, Internet.

Acreditamos que todos esses elementos devem também ser considerados na abordagem de realizações orais. Nas propostas das autoras, porém, os exemplos e sugestões de atividades se baseiam na consideração de elementos estruturadores do texto – o tópico discursivo, no texto oral, e o parágrafo, no texto escrito –, na transposição de transcrições para a organização textual da escrita, na detecção de traços de oralidade em textos escritos, na identificação de características típicas da fala em transcrições.

Em Castilho (2003) encontramos algumas características da língua falada, especificamente da conversação: diálogo em presença, em que a situação de fala, essencial para a

compreensão, é dada, o que resulta também na simultaneidade de planejamento e execução; as relações de simetria e assimetria entre interlocutores; a co-autoria na produção discursiva; a “descontinuação” sintática (obviamente se comparada à escrita e não a entendermos como realização com características próprias).

Em relação ao ensino-aprendizagem, entretanto, o autor propõe a conversação como ponto de partida para o objetivo final do ensino de língua: a gramática (escrita). Logo na introdução de *A língua falada no ensino de português*, assume explicitamente que sua proposta é de “renovação do ensino da gramática a partir de uma reflexão da língua falada” (*ibidem*). Da forma como se apresenta, o estudo da língua falada deveria se resumir a uma comparação entre modalidades de uso ligadas às variações regionais e de registro. A proposta de Castilho se baseia no estudo da língua calcado na análise gramatical. A língua falada tem o papel de fornecer dados para a análise e a sentença (escrita) será o ponto de chegada.

Marcuschi (1998, 107), citando Castilho e Koch, também reforça a idéia de se considerar o tratamento da oralidade em sala de aula como um ponto de partida para reflexões sobre a língua e seu funcionamento geral (da escrita, inclusive). Justifica o ensino da oralidade com base no letramento, na estreita relação entre as práticas orais e escritas.

Em *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*, o autor apresenta os processos de retextualização como proposta de ensino de gêneros orais e escritos. As quatro possibilidades de retextualização são:

### **Possibilidades de retextualização**

- |                   |   |                                 |   |                      |
|-------------------|---|---------------------------------|---|----------------------|
| 1. <i>Fala</i>    | → | <i>Escrita</i> (entrevista oral | → | entrevista impressa) |
| 2. <i>Fala</i>    | → | <i>Fala</i> (conferência        | → | tradução simultânea) |
| 3. <i>Escrita</i> | → | <i>Fala</i> (texto escrito      | → | exposição oral)      |
| 4. <i>Escrita</i> | → | <i>Escrita</i> (texto escrito   | → | resumo escrito)      |

Na proposta, Marcuschi se volta para a investigação das “operações mais importantes presentes nos processos de retextualização sugeridos pela alternativa (...) *passagem do texto falado para o texto escrito*” (*ibidem*, 49).

Os aspectos envolvidos nos processos de retextualização podem ser esquematizados assim:

<b>lingüísticos-textuais-discursivos</b>			<b>cognitivos</b>
<b>(A)</b>	<b>(B)</b>	<b>(C)</b>	<b>(D)</b>
<b>Idealização</b>	<b>reformulação</b>	<b>adaptação</b>	<b>compreensão</b>
eliminação	acréscimo	tratamento da	inferência
completude	substituição	seqüência	inversão
regularização	reordenação	dos turnos	generalização

O autor apresenta ainda um quadro-síntese de fundamentos considerados na perspectiva sociointeracionista da linguagem:

#### **Perspectiva sociointeracionista**

##### **fala e escrita apresentam:**

dialogicidade  
 usos estratégicos  
 funções interacionais  
 envolvimento  
 negociação  
 situacionalidade  
 coerência  
 dinamicidade

As abordagens da oralidade (na realidade, da linguagem) sempre devem estar ligadas à questão do contexto, seja quando a consideramos em suas inter-relações e realizações diversas, seja quando a consideramos como elemento específico de estudo: como apontam Fávero, Andrade e Aquino (2005, 12), citando Marcuschi, “a questão da oralidade é colocada como um problema de adequação às diferentes situações comunicativas”. Porém, acreditamos que seu papel como objeto de ensino não deva se reduzir a pretexto para o ensino da escrita, ou a considerações baseadas unicamente em aspectos relacionados a variações lingüísticas, registros e níveis de linguagem.

Algumas características das realizações faladas são arroladas por Milanez (1993):

- vocabulário não próprio;<sup>12</sup>
- co-produção ou produção coletiva, com influência de parceiros;
- fragmentação, com interrupções, hesitações, truncamentos, contrária à fluência, à integração;
- dependência do contexto situacional para compreensão;
- repetição de palavras, frases, idéias;
- períodos simples, compostos por coordenação;
- menor organização na exposição de idéias;
- espontaneidade maior, já que o planejamento prévio tende a ser menor;
- possibilidade de interpelação ao interlocutor;
- proximidade do interlocutor, revelada pelas referências a ele, formas de chamamento.

Em relação aos recursos típicos da conversação, são apontados: interrogações diretas, próprias do diálogo, interpelação ao ouvinte, uso do pronome átono no início da sentença, alternância de tratamento, mudança de tópico.

A autora chama atenção para a observação de aspectos de coerência: adequação ao contexto situacional; ausência de coesão, comprometendo ou não a coerência; mudança de tópico;

---

<sup>12</sup> De fato, não conseguimos compreender exatamente o que a autora quer dizer. A hipótese que levantamos é de que o “vocabulário não próprio” relaciona-se a “menos específico”, porém o conceito ainda nos parece obscuro.

partilhamento de conhecimentos; inconsistência; focalização; intertextualidade; relevância; situacionalidade.

Os objetivos de Milanez em *Pedagogia do oral* voltam-se para a observação de eventos orais em três aspectos: os registros formais e informais; as funções da comunicação e a situação comunicativa. As concepções teóricas de que parte provêm da Teoria da Comunicação, da Sociolinguística, da Linguística Textual e da Análise da Conversação.

As atividades propostas situam-se, a partir de produções escritas e orais, em torno de: classificações de gêneros, identificação de funções da linguagem e da predominância de linguagem formal ou informal, reconhecimento de recursos das modalidades oral e escrita, atividades de transposição de textos, elaboração de textos descritivos a partir de visitas, elaboração de textos narrativos a partir de livros, filmes, excursões, elaboração de textos argumentativos a partir de debates, júri, eleição, exposições individuais, entrevistas.

Milanez (*ibidem*) também nos traz alguns elementos relevantes a serem considerados no ensino de manifestações orais. O enfoque da autora liga-se às elocuções formais e, nesse sentido, apresenta algumas exigências que são feitas quanto à competência dos “autores”: domínio da variedade culta, conhecimento de mundo em geral, altura de voz e velocidade de articulação adequadas à situação, distribuição do olhar adequado à platéia, boa dicção, expressões faciais e gesticulação condizentes com o assunto, comportamento seguro e equilibrado. Parece-nos que é possível e necessário, mesmo sem a preocupação específica com aspectos ligados à oratória, levar os estudantes a perceberem e refletirem sobre os usos e comportamentos, de acordo com diversas situações de interação. Porém, tais elementos não precisam se constituir em novas regras a serem seguidas. As escolhas realizadas pelos participantes das situações comunicativas e suas motivações é que devem ser o foco da atenção no sentido da reflexão sobre a linguagem.

Uma das possibilidades mais concretas de ensino do oral que encontramos é a proposta de Dolz, Noverraz e Schneuwly, por meio de seqüências didáticas<sup>13</sup>. Ali, a partir dos tipos textuais – narrar, relatar, argumentar, transmitir conhecimentos e regular comportamentos – são apresentados diversos gêneros – textuais – que deverão ser trabalhados ao longo do ensino

---

<sup>13</sup> “Seqüências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento” In: DOLZ; SCHNEUWLY, *Gêneros orais e escritos na escola*.

fundamental. Sinteticamente, os gêneros orais e suas relações com os tipos textuais, bem como as sugestões de séries em que devem ser estudados encontram-se no quadro seguinte:

<b>Séries<sup>14</sup></b>	<b>Tipos textuais</b>	<b>Gêneros orais</b>
1 <sup>a</sup> -2 <sup>a</sup>	Relatar	1. o relato de experiência vivida (apresentação em áudio)
	Regular comportamentos	2. a receita de cozinha (apresentação em áudio)
3 <sup>a</sup> -4 <sup>a</sup>	Argumentar	1. o debate regrado
	Transmitir conhecimentos	2. a entrevista radiofônica
	Regular comportamentos	3. a descrição de um itinerário
5 <sup>a</sup> -6 <sup>a</sup>	Argumentar	1. a apresentação de um romance
	Transmitir conhecimentos	2. a exposição oral
7 <sup>a</sup> -8 <sup>a</sup> -9 <sup>a</sup>	Relatar	1. a reportagem radiofônica
	Argumentar	2. o debate público
	Transmitir conhecimentos	3. a exposição oral 4. a entrevista radiofônica

<sup>14</sup> Os autores apresentam uma proposta de ensino de gêneros para a Suíça francófona, onde o ensino fundamental se compõe de um ciclo com nove séries de estudo, diferentemente do Brasil, em que temos atualmente apenas oito séries.

Observamos que, em primeiro lugar, das 35 seqüências didáticas propostas pelos autores, apenas 11 relacionam-se aos gêneros orais<sup>15</sup>. Além disso, em relação ao agrupamento “narrar”, nenhum gênero é apresentado. Não seria aqui possível – e adequado – inserir as narrativas orais, inclusive como componente cultural que serve de berço a diversos gêneros escritos clássicos? Os limites de uma proposta que pré-estabelece tipos, gêneros ou qualquer outro elemento como ponto de partida são nítidos.

A nosso ver, o ensino da oralidade deve ter por meta possibilitar o acesso de todos a uma diversidade de gêneros, seja em termos de produção, seja em termos de recepção, e o descortinamento dos recursos empregados pelos interlocutores, em variadas circunstâncias comunicativas.

Referindo-nos ainda especificamente ao ensino da língua portuguesa falada no Brasil, precisamos considerar alguns dos aspectos particulares deste contexto: desigualdade social, boa parte de crianças ainda fora da escola, ou fazendo parte de um sistema inoperante de ensino – vide os índices oficiais de alfabetização e os resultados do aproveitamento dos estudantes em relação à leitura e compreensão de textos, sem pensarmos na problemática da redação. Esses aspectos devem ser observados nas propostas dos professores na medida em que muitas vezes serão o ponto de partida para seu trabalho.

É urgente que se percebam, entre outras, as estratégias verbais de profissionais inescrupulosos, ou formadores de opinião com interesses individuais e escusos, lançando-se e projetando-se por inúmeros canais de comunicação, usando e abusando indiscriminadamente de poder, por manipulações midiáticas, de propaganda, transmitidas seja por rádio ou televisão, ou ainda por Internet. A importância de uma aprendizagem da oralidade para não se deixar enganar é uma habilidade dentre tantas, porém, adquire para nós um papel fundamental por considerarmos a constituição do sujeito autônomo, crítico e realmente inserido socialmente uma meta no ensino. Acreditamos ainda que o desenvolvimento dessa capacidade irá contribuir na aprendizagem de outras.

Assim, a finalidade desse ensino não deve apenas ter por alvo as elocuições formais. Se nossa busca se relaciona aos usos lingüísticos nas mais diversas situações, os gêneros formais deverão ser parte dos objetos de ensino, e não sua única meta, porque as estratégias

---

<sup>15</sup> Esboçamos aqui um quadro reduzido em relação ao apresentado pelos autores, enfocando apenas os gêneros orais.

argumentativas, os significados subliminares, os direcionamentos de sentidos, as ambigüidades e ironias, entre tantos outros recursos, podem se manifestar tanto em realizações mais formais quanto menos formais. O desvelamento dos sentidos subjacentes, implícitos, deve ser um dos objetivos gerais do ensino de língua materna.

Não sabemos até que ponto a escola pode fornecer tais instrumentos de conscientização, criticidade e percepção da realidade. Porém, parece-nos que precisamos começar de algum lugar, para que possamos voltar a sonhar com um mundo em que todos possam ter alguma escolha, ao menos acreditar ou não acreditar no que ouvem, falar ou não o que querem.

## **2. Outros aspectos relevantes nas abordagens da oralidade como objeto de ensino-aprendizagem**

Ao perguntarmos a uma criança o que é mais fácil, se falar ou escrever, possivelmente teremos como resposta falar. Entretanto, muitas vezes, quando expostas a situações em que o que se requer é o uso da palavra falada, as reações podem ser de dificuldade, medo, insegurança, pois todos, em diferentes graus, têm alguma consciência das cobranças e avaliações sociais sofridas por todos em ambientes públicos, sobretudo. Esse é um dos aspectos fundamentais a ser discutido com os estudantes: o papel que o uso da linguagem desempenha, compondo, junto a vestuário, aparência, gesticulações e outros, um sujeito social que a todo momento está submetido a apreciações e sanções. Além disso, é possível que a insegurança gerada pelo desconhecimento de determinado assunto, seja superada pelo uso “equilibrado” da oralidade, deslocando, muitas vezes, o foco da atenção do “conteúdo” para a “forma”. O inverso também pode ocorrer, sendo que o domínio de determinado tema pode ser comprometido pela expressão falada.

Sabemos que, para a compreensão de qualquer modalidade de linguagem, sobretudo a verbal, alguns componentes são indispensáveis, considerando-se os graus de informatividade na interação. Um deles é o conhecimento das fontes de informação. No caso de uma entrevista, saber quem são, tanto entrevistador quanto entrevistado, em termos de perfil político, profissional. Tais elementos compõem a credibilidade maior ou menor atribuída ao que se ouve,

inclusive em programas veiculados pela mídia. Elementos como esse são fundamentais para a ampliação das construções significativas e devem ser realçados em situações de ensino-aprendizagem.

O conhecimento do outro e o próprio auto-conhecimento também podem ser abordados nesse trabalho. A ênfase na função emotiva da linguagem – o emprego exacerbado do eu e outras formas indicadoras do sujeito enunciador – pode revelar um indivíduo auto-centrado, voltado exageradamente para si próprio, deslocando todo o eixo comunicativo para sua pessoa. Evidentemente, tal procedimento pode ser um recurso pensado, conhecido pelo falante, o que também deve ser considerado pelo(s) interlocutor(es), em termos de suas possíveis intencionalidades e implicações.

Quais os sentidos possíveis para as discontinuidades, as rupturas nas realizações faladas? Cada situação carrega suas possibilidades significativas, e nosso papel não é o de apresentar todas as possibilidades de ocorrência, mas o de sensibilizar para o fato de que esses elementos comportam sentidos muitas vezes definidores das relações humanas. Truncamentos e hesitações nos textos falados não caracterizam *a priori* más produções, que podem ser eficientes em dado contexto e de acordo com determinadas finalidades.

A fragmentariedade no plano sintático, com reformulações, interrupções, desvios, decorre da concomitância entre a manifestação verbal e a construção do discurso. Muitas vezes, para atender às regras de uso: interrupção por continuação desnecessária da fala, mudança de planejamento por falta de compreensão do interlocutor, necessidade de correção etc.<sup>16</sup> Assim, pode-se dizer que a fragmentariedade é constitutiva da fala, própria de suas necessidades de realização.

As discontinuidades e interrupções ocorridas muitas vezes nos processos de formulação e reformulação podem não adquirir um sentido evidente e essencial ao conjunto de compreensões do interlocutor em dado contexto. Em outras situações, tais fragmentações possuem papel relevante, pois se constituem como reveladoras do estado emocional do falante, mais ou menos equilibrado, a falta de preparo para falar sobre determinado assunto, o desinteresse ou incômodo

---

<sup>16</sup> Milanez (1993), citando Betten *apud* Koch *et alii*. Além disso, diversos são os trabalhos relacionados: cf. NEVES, Maria Helena de M. (org.). *Gramática do Português Falado*, vários volumes, e a Série Projetos Paralelos do Projeto NURC-SP – núcleo USP, publicação Humanitas/FFLCH/USP.

em tratar sobre um tema, a alta preocupação com o planejamento discursivo ou a forma do dizer, entre tantas outras possibilidades.

O que é preciso ressaltar é que a fragmentariedade é constitutiva da interação oral, própria das necessidades intrínsecas à comunicação, atendendo muitas vezes aos seus apelos básicos: ser bem entendido, bem interpretado, bem ouvido... Em outros momentos, o receio de ser avaliado, julgado pelo que diz e como diz, o desconforto em uma situação particular, inclusive com relação aos interlocutores, causas internas quase orgânicas, como dores, tristeza, frio etc., o tempo escasso para exposição, a preocupação com outros compromissos, podem gerar descontinuidades no fluxo discursivo.

Mesmo nas elocuições formais, como palestras, conferências, algumas aulas, principalmente nas universidades, em que, supostamente, há um distanciamento entre expositor e platéia, as reações não-verbais do público podem interferir no planejamento prévio do falante, alterando seu fluxo informacional e, muitas vezes, gerando interrupções devido à “decodificação” dos sinais recebidos.

Acreditamos que os professores sempre trabalharam ou procuram desenvolver atividades envolvendo as realizações orais, porém, de forma assistemática, por meio da promoção de debates, exposição de trabalhos, dramatizações, jograis, tendo como centro sempre o desenvolvimento da produção e consistindo em fim para se atingir o objetivo final que é a escrita.

Entendemos que, nas situações de ensino-aprendizagem, em relação às realizações lingüísticas, as atividades de recepção e de produção não devem se dissociar, pois são ações e usos em diálogo constante, que se (re)constróem justamente neste diálogo contínuo. Nesse sentido, a reflexão sobre as produções lingüísticas de outros, prática associada à recepção, deve necessariamente servir de base às reflexões sobre suas próprias práticas de produção.

Desenvolver a expressão oral dos alunos é um dos objetivos fundamentais do ensino da oralidade, que não deve, portanto, distanciar-se da prática constante de construção dos sentidos presentes na interação, já que, para um uso proficiente de qualquer modalidade, é necessário captar as intencionalidades subjacentes, os implícitos, as possíveis tentativas de manipulação discursiva que qualquer sujeito pode operar sobre a linguagem. Enfim, perceber as estratégias argumentativas, principalmente aquelas muitas vezes puramente retóricas, tem de ser uma meta no ensino, evidentemente em qualquer modalidade. Estabelecer as ligações entre discurso e

contexto sócio-histórico-cultural, explicitar os implícitos, redimensionar os explícitos, os aspectos subjacentes, ativando a criticidade é o nosso objetivo.

Acreditamos que propostas de abordagem da oralidade não devem se basear na mera apresentação de exercícios de reprodução ou na criação de um modelo didático, mas em princípios e sugestões, de uma forma mais abrangente e genérica, de forma a abrir possibilidades para que o professor possa construir seu próprio caminho metodológico.

Assim, não proporemos progressões para o desenvolvimento de conteúdos, mas uma série de aspectos relevantes no estudo da oralidade, que poderão ser considerados pelo professor e por ele adaptados e aperfeiçoados para suas aulas.

Para o desenvolvimento de uma proposta de ensino, pretendemos o estudo de eventos orais, depreendendo da própria prática de análise os elementos presentes e constitutivos de determinada interação. Acreditamos, com Marcuschi (1998), que os exercícios escolares “não são mero complemento do ensino, mas a verdadeira forma de exercer o ensino”.

Consideramos ainda necessário enfatizar que, nessa proposta de abordagem da oralidade na escola, defendemos um estudo que olhe inicialmente para o objeto, perceba o que ele requer.

## VI – Nossas propostas de abordagem da oralidade na escola

*Para ensinar a língua materna, não se trata de devolver ao aluno a palavra para que emergam histórias contidas e não contadas em função apenas de uma opção ideológica de compromisso com as classes populares. Devolver e aceitar a palavra do outro como constitutiva de nossas próprias palavras é uma exigência do próprio objeto de ensino.*

Geraldi (1996, 54)

Realmente, propor o ensino em torno das manifestações orais não é tarefa simples. Considerando-se que os falantes, dentro de condições psicofisiológicas ideais, ou seja, com o funcionamento orgânico, mental e social adequados, já iniciaram o processo de desenvolvimento da fala desde alguns meses de vida, que atingiram uma plena capacidade comunicativa imediata muito cedo, e, portanto, não vão à escola para aprender a falar, ao contrário do que ocorre na maioria dos casos com a escrita, tal ensino deve, de partida, conter especificidades, com abordagens distintas daquelas voltadas à escrita.

Talvez, uma das questões complexas em torno da abordagem da oralidade seja entendê-la como uma modalidade lingüística, que, simultaneamente, distingue-se da escrita, porém inter-relaciona-se constantemente com ela, nos grupos sociais em que ambas estão presentes, como em nosso caso.

As possibilidades de manifestação oral, por se desenvolverem a partir da interação social desde os primeiros meses de vida da criança, tendem a ser consideradas naturais e pouco seriam passíveis de ensino. No entanto, a construção desse objeto de ensino, a oralidade, é nosso foco de estudo. Como poderiam ser arrolados os elementos constitutivos desse objeto? Parece-nos essencial considerá-lo essencialmente como uma atividade e, portanto, para que seja

desenvolvido, deve estar ativo, quer dizer, é necessário que as práticas sociais orais sejam constantes e integrem um projeto de ensino-aprendizagem.

Não é possível conceber um ensino teórico da oralidade, baseado na aprendizagem de regras, na repetição mecânica de exercícios descontextualizados ou na tentativa artificial de categorizações de usos de linguagem dadas de antemão, com classificações diversas, muitas vezes desnecessárias para a apreensão de sentidos, como já se viu no caso da escrita. Essa concepção de ensino já se revelou fracassada: a escrita também não deveria ser “ensinada” apenas teoricamente.

Consideramos que, de forma geral, o ensino-aprendizagem da oralidade deve incluir o contato e a análise de diversos gêneros:

- para que sejam percebidas suas especificidades composicionais, estilísticas, temáticas, bem como os traços distintivos que permitirão identificá-los/reconhecê-los;
- para que sejam observadas suas especificidades e elementos comuns e/ou diferentes;
- para que se perceba que sua constituição sempre está relacionada a outros gêneros, num diálogo constante;
- apreendendo-se sua inserções sócio-históricas;
- nos vários níveis lingüísticos: fonológico/fonético, morfológico, sintático, lexical, para que se apreendam as pistas formais que remetem aos aspectos sócio-históricos mencionados, bem como revelem que a linguagem pode e deve ser estudada de vários pontos de vista;
- a partir da perspectiva de sua função comunicativa, como uma possibilidade de realização e finalidade;
- a partir dos atos de fala: usar a linguagem implica em agir sobre o outro.

## 1. Pressupostos e propósitos

A partir do levantamento de aspectos específicos da oralidade em situações de uso, sugerimos algumas abordagens, associadas ou não à escrita. Uma de nossas preocupações é a de constituir a oralidade como objeto relativamente independente da escrita no ensino. Suas correlações e interferências mútuas deverão sempre ser observadas, mas parece-nos importante salientar que as duas práticas são distintas, com processos de produção e recepção também distintos. Evidentemente, a língua é a mesma, portanto, muitos componentes de seu estudo irão se referir tanto a uma quanto a outra realização, mas as especificidades merecem abordagens específicas, particulares.

Em uma sociedade letrada, tanto oralidade quanto escrita pré-existem à escola. Entretanto, a prática social oral, já desenvolvida pela criança, é de seu domínio, o que a torna, de certa forma, mais familiar e, portanto, de mais fácil reconhecimento. Por outro lado, essa mesma proximidade pode levar, muitas vezes, a dificuldades em seu desvelamento e percepção. Aquilo que está arraigado, funcionando sistematicamente no cotidiano, requer muitas vezes um olhar mais distanciado, atento e cuidadoso.

Consideramos, assim, que, embora a fala já seja conhecida pela criança ao chegar à escola, seu processo de ensino não deve ser pautado apenas em aperfeiçoamentos e ajustes. Todas as situações de interação que deverão ser proporcionadas para a produção, reconhecimento, identificação e compreensão de diversos gêneros orais são momentos de aprendizagem, de construção de novos olhares, portanto, de conhecimento sobre o objeto em questão.

Reconhecer as variedades lingüísticas empregadas em cada contexto é fundamental, mas desejamos ir além: que se perceba que, de maneira geral – pois nos tempos atuais os relacionamentos têm tido uma tendência à informalidade e, ignorando-se muitas vezes a assimetria inerente às relações hierárquicas, como entre pai e filho, professor e aluno, chefe e empregado, a linguagem revela certo descaso com convenções anteriores –, muitas variações nos usos lingüísticos devem-se a interesses e motivações pessoais: sentimentais, profissionais, econômicos. Muitas vezes, as pessoas alteram suas realizações lingüísticas em função do interlocutor específico em questão e suas expectativas em relação a ele. Em alguns casos, observar apenas que a linguagem entre colegas, teoricamente simétrica, é mais distensa, relaxada,

não é suficiente para explicar os usos, pois conteúdos implícitos ligados à situação de interação são deixados de lado.

Partimos do princípio de que, nas abordagens da oralidade, os alunos não devem apenas representar papéis, participando do processo educacional como “atores de situações imaginárias” (termo extraído de Milanez: 1993, 28). O ensino deve, quando se tem por objetivo a produção e recepção de diferentes gêneros, distanciar-se das atividades simuladoras de situações. As vivências interativas proporcionadas devem ser o mais reais possíveis, para que sejam significativas na formação dos estudantes. As simulações devem sempre ser evitadas, ou seja, as experiências didáticas com a oralidade não podem cair no mesmo artificialismo já apontado com relação à escrita, pois, assim, pouco tendem a contribuir na constituição dos sujeitos sociais. Como diz Bourdieu (1983):

*A competência prática é adquirida em situação, na prática: o que é adquirido é, inseparavelmente, o domínio prático da linguagem e o domínio prático das situações, que permitem produzir o discurso adequado numa situação determinada.*

e

*É nesse sentido que o domínio prático se distingue da competência erudita (ou escolar) (...) adquirida nas situações irrealis do aprendizado escolar – onde a linguagem é tratada como letra morta, como simples objeto de análise – isto é, fora de toda situação prática (...).*

Nesse sentido, referimo-nos às conhecidas propostas de simulação de júris, assembléias, apresentação de programas televisivos. De certa forma, alguns aspectos serão reproduções, porém os elementos temáticos, sobretudo, devem partir de situações concretas e importantes para o grupo, como problemas ocorridos na aula, na escola, no bairro, no país. Além disso, a prática da participação em atividades coletivas, para que decisões também sejam construídas em grupo, deve ser desenvolvida cotidianamente na escola, pois os participantes do processo de ensino-aprendizagem inserem-se em diversos grupos na escola: a classe ou turma, as turmas do período etc. O que defendemos é que não sejam apresentadas situações “descoladas” da vida de crianças, jovens e adultos, mas que sejam discutidas aquelas relacionadas diretamente ao seu cotidiano, ao seu contexto, aquelas que tenham um sentido imediato. Isso não significa que a poesia, o teatro,

enfim, a arte, não deva fazer parte do ensino, apenas que as propostas devem ser definidas claramente como distintas, atendendo aos objetivos específicos de cada momento e situação.

Assim, mais do que tornar consciente o que é intuitivo, como propõe Milanez (1993), o objetivo desse ensino deve ser o de fornecer ferramentas para o desvelamento de variados recursos próprios das práticas orais e para a utilização de tantas outras estratégias, a partir da maior diversidade possível de interações efetivas, centradas nos alunos.

Não se pode esquecer, como salienta Bourdieu (*ibidem*), que a “língua não é somente um instrumento de comunicação ou mesmo de conhecimento, mas um instrumento de poder”, e, portanto, seu ensino deve contemplar esse componente da interação. A percepção das relações de poder inscritas na linguagem é um objetivo de ensino. O professor, junto aos alunos, precisa descobrir que o “que fala nunca é a palavra, o discurso, mas toda a *pessoa social*” (*ibidem*). Assim, o discurso autorizado e as relações de poder instauradas no discurso constituem a força simbólica entre os locutores, que depende da importância de seu capital de autoridade.

Sendo a comunicação uma “interação socialmente estruturada” e considerando que toda interação implica relações de poder, a linguagem acaba também por se constituir como elemento da reprodução. É nela e através dela que as relações se estabelecem. Nunca é demais lembrar o que diz Bakhtin (1990): a palavra é a arena onde os signos ideológicos se confrontam.

Saber sobre as relações instauradas sob o prisma da reprodução não pode levar à mera conclusão de que não há saídas. Como afirma Ortiz (1983), sob esse olhar, não há saída ou possibilidade de transformação, pois todas as reações, as subversões, servem apenas para equilibrar o sistema; no fundo, para mantê-lo. Entretanto, é necessário pensar em uma crítica e na proposta de construção de um novo caminho; deve-se procurar romper com a ordem estabelecida. Não se pensar apenas na mudança de posições dentro de um mesmo *locus*, mas na mudança de *locus*. Essa parece ser uma saída para essa estrutura circular.

Nesse aspecto, pode-se considerar ainda que as alterações oficiais na legislação educacional têm uma função equilibradora do sistema social. Determinadas forças tendem a pressionar governos, pedindo por mudanças, e algumas necessariamente precisam ocorrer. Isto se evidencia também quando pensamos na questão da tônica dada às exigências do mercado de trabalho sobre os indivíduos. A escola assume explicitamente o papel de agente de reprodução da desigualdade. Como romper com essa estrutura dentro do ensino de língua materna? O único

caminho que vislumbramos é a descoberta e o desvelamento coletivos – por educadores e educandos – de tais relações sociais e outras possíveis, criadas e recriadas no processo histórico.

Destacamos também que, em qualquer área, e particularmente no ensino de língua materna, o primeiro passo fundamental no trabalho do professor é a clareza quanto aos seus objetivos de ensino. Para que estudar a própria língua? O que se pretende com os alunos, em relação à linguagem? A partir daí, seus objetos de ensino começarão a aparecer nitidamente, terão uma configuração. Por configuração nos referimos ao processo de delineamento dos objetivos do ensino, dos conteúdos específicos a serem desenvolvidos, das estratégias para tal desenvolvimento, enfim, ao processo de constituição de sua forma, seus contornos, seus limites e desenhos.

A construção do currículo e a determinação do plano de ensino, com procedimentos, conteúdos – gêneros diversos, nos aspectos gramaticais, discursivos, textuais... – e processo de avaliação, daí serão decorrentes.

Na interação oral, palavras, expressões fisionômicas, sons revelam constantemente o grau da presença real, não apenas física, dos interlocutores na situação. Todos esses elementos compõem a rede de significações estabelecidas no diálogo, sem contar com predisposições físicas, psicológicas, emocionais e fatores externos determinantes da situação: o porquê de uma conversa, as circunstâncias e motivações particulares e coletivas, que envolvem ambos e também outros agentes sociais: a família, os chefes, entre outros.

De certa forma, apresenta-se aqui uma discussão sobre nossa concepção e conseqüente inserção na Lingüística Aplicada. Partimos do princípio que o conhecimento sobre as diversas teorias lingüísticas é imprescindível para o olhar sobre a linguagem, além de que uma concepção de linguagem está presente, explícita ou implicitamente, em qualquer abordagem. Essa posição se coloca, de certo modo, contrariamente àquelas que defendem que estudar a linguagem em uso pode prescindir da Lingüística. Defendemos que qualquer estudo dos fenômenos da linguagem deve se pautar, de um modo ou de outro, em uma concepção lingüística consciente e previamente definida.

Com relação aos juízos, aos preconceitos estabelecidos socialmente e que, na escola, refletem-se nas atitudes dos professores em relação aos alunos, convém recordar o conceito de “profecias auto-realizadoras” (Rosenthal; Jacobson: 1981), ou seja, aqueles pré-conceitos

estabelecidos anteriormente ao processo de ensino-aprendizagem, que acabam por conferir aos alunos uma carga simbólica e estereotipá-los, fazendo-os arcar com um peso que interferirá tanto em seu próprio processo de aprendizagem, quanto na avaliação que deles se fará.

Cabe também ao professor atenção especial às suas práticas orais: sem *scripts* estabelecidos previamente, ele deve ter consciência do valor social da linguagem, de suas interferências e sentidos nas relações humanas estabelecidas.

Outro aspecto importante relacionado ao professor é a necessidade de sua constante abertura para as situações imprevistas. Cada circunstância de relacionamento humano pode gerar elementos novos e surpreendentes. Em relação à fala, estar pronto para refletir sobre qualquer novo uso, nova ou diferente forma, novo sentido pretendido, atingido ou não, são aspectos enriquecedores e necessários no processo de conhecimento da língua e do outro.

Como propor então um ensino dos gêneros orais de forma sistemática, porém não mecânica, teórica e previamente “formatada” por outros? A organização curricular pode prever possíveis gêneros a serem desenvolvidos em sala de aula, como aqueles propostos em Dolz e Schneuwly (2004). Para o professor, entretanto, parece-nos que mais do que apresentar um modelo seqüencial pré-estabelecido é interessante apresentar possibilidades de abordagens, estratégias, elementos constitutivos presentes em determinados gêneros, como parâmetros, para que ele, sujeito de sua atividade profissional, possa, a partir daí, conceber seu próprio projeto de trabalho, junto a seus alunos.

Não entendemos que propor o ensino de gêneros orais e – e de qualquer forma de linguagem – deve consistir no estabelecimento de padrões prévia e rigidamente determinados. O ensino envolve a reflexão consciente sobre as possibilidades significativas que podem ser geradas a cada situação de interação, a partir da escolha de uma palavra, da altura da voz, da entonação empregada, do tom, enfim, dos inúmeros recursos lingüísticos, paralingüísticos e extra-lingüísticos envolvidos em cada circunstância.

A sensibilização para as regras sociais de grupo, para o comportamento em debates, discussões, são também concernentes a esse ensino, pois a oralidade, enquanto prática, segue padrões sociais de uso. Cada momento, cada interlocutor, cada local e situação pedirão determinados comportamentos. A atenção para os usos próprios e dos outros deve contribuir para uma inserção menos traumática, mais justa como ponto de partida, na medida em que aquele que

domina as regras tende a se desenvolver com menos preocupação: suas atenções poderão se voltar para outros aspectos do conhecimento, da vida, em amplitude diferenciada, permitindo “mergulhos” mais profundos nos mares em que costuma, ou não, navegar. Em outras palavras, uma educação que contemple a constante reflexão sobre os usos da linguagem – seus e do outro – tende a contribuir para a formação de um sujeito em constante construção, um sujeito ativo e não apenas ouvinte ou integrante de um auditório qualquer, um sujeito que escolhe minimamente seus usos, suas companhias, seus representantes, alguns estreitos caminhos.

Desejamos auxiliar na construção de um mundo formado por sujeitos com prazer pelo aprender, seja teórico, seja prático. Sujeitos talvez menos felizes, pois perceber constantes manipulações talvez não seja tão agradável ou bonito inicialmente, porém sujeitos em condições menos desiguais socialmente.

A educação deve ter por meta contribuir para a humanização e a busca pela igualdade social. Pessoas são desiguais, trilham caminhos também desiguais, mas poderão fazê-lo com um mínimo de formação mais justa e humanizadora, digna de uma espécie vivente. Manipular populações sempre fez parte do *modus operandi* das elites e grupos de poder. Contribuir para a dissolução desse processo de empobrecimento e embrutecimento também mental é dever dos educadores.

A oralidade é uma prática bem mais acessível que a escrita. Está presente no cotidiano de todos os usuários da língua. O rádio, a televisão, os professores, os alunos, todos empregam recursos que podem passar despercebidos para muitos. Trazer à tona procedimentos e implicações possíveis dos usos de linguagem deve ser um foco no ensino.

O objeto cria o método e fornece os elementos a serem observados, analisados. Cada amostra de gênero oral apresenta suas particularidades e, em cada situação, de acordo com seus participantes, com o processo de construção dos significados, novos elementos podem ser captados ou re-vistos sob novas luzes.

Marcuschi (1998) aponta três temas essenciais ligados à oralidade: 1. a organização dialógica da fala; 2. as características lingüísticas da produção oral; 3. as relações entre língua falada e língua escrita. Além disso, ressalta que fala e escrita não são concorrentes, mas complementares. É nessa perspectiva que percebemos deve ser tratado nosso objeto.

Assim, apresentamos algumas sugestões que poderiam servir de base para a criação de um plano de ensino próprio, adequado a cada contexto de aprendizagem. Seleccionamos gêneros orais relacionados a programas radiofônicos devido à alta inserção desse veículo, bem como pela facilidade de acesso a materiais de áudio, seja por parte de professores – obviamente tais equipamentos devem fazer parte da infra-estrutura das escolas –, seja por parte dos próprios alunos.

Evidentemente, nas gravações de programas transmitidos pelo rádio, não há a abordagem de aspectos como gestualidade, vestuário, disposição física no ambiente. As observações restringem-se, de certa forma, aos graus de planejamento e ao tipo de linguagem utilizada.

Nosso percurso na construção dessa proposta seguiu uma concepção sócio-interativa de fato: sem o estabelecimento prévio de tópicos a serem observados, partimos do próprio material gravado e transcrito para verificar ali, concretamente, que elementos nos parecem altamente contributivos para uma melhor compreensão dos gêneros orais. Aliás, esse procedimento é enriquecedor e consideramos útil ser realizado, podendo inclusive ser uma proposta de atividade conjunta entre professores e estudantes.

## **2. A oralidade no (e a partir do) rádio**

*O discurso contém e impõe uma ideologia; e cada ideologia encontra o seu discurso. Compreendemos pois porque é que qualquer classe dominante vigia particularmente a prática da linguagem e controla as suas formas e os meios da sua difusão: a informação, a imprensa, a literatura.*

(Kristeva: 1988, 329)

Bourdieu (1983) aponta o sistema de ensino como detentor do monopólio de produção de produtores e consumidores dos mercados que alimentam e se alimentam da competência

lingüística, tornando-a capital de maior valor. Não nos parece, em termos de contexto atual, que se possa afirmar que o sistema de ensino mantém o monopólio dessa reprodução: os meios de comunicação e a propaganda detêm hoje alto poder formador, no entanto, é indiscutível a afirmação, quando se pensa na academia, nos vestibulares para ingresso em nível superior... De qualquer maneira, a compreensão depende também de determinada competência lingüística. Tanto é verdade que massas imensas ouvem discursos políticos sem entender seu significado (que muitas vezes é quase nulo, já considerando a maior parte do público ouvinte – escolha feita pelo orador, de acordo com o rendimento político esperado). Para a compreensão – que não é apenas “reconhecer um sentido invariante, mas apreender a singularidade de uma forma que só existe num contexto particular” (Gnerre: 1994), é fundamental também a “posse” de determinados mecanismos e informações.

Os agentes do sistema de ensino – no caso, os professores, coordenadores pedagógicos, diretores etc. – devem ser considerados, de nosso ponto de vista, paralelamente, sob dois aspectos: a função social que desempenham e a formação. Em termos de contexto atual, é preciso levar em conta o capital social de que dispõem. A desvalorização dos profissionais ligados à educação, tanto em termos econômicos quanto em relação à imagem social de que desfrutam, acaba por interferir, direta ou indiretamente, em sua atuação. Já é senso comum que profissionais mal-remunerados não terão disponibilidade física, emocional, econômica e de tempo para adquirir bens culturais e educacionais necessários à sua constante formação.

A formação anterior, como ponto de partida para o trabalho dos profissionais, constituída com base nos sistemas de valores que mantêm a estrutura social, só poderá implicar também um projeto de instituição – no caso, a escolar – que reforça os modelos e padrões a serem incorporados pelos educandos.

Com o intuito de contribuir para a reflexão sobre o papel da mídia na formação dos sujeitos e verificarmos aspectos dos gêneros orais essenciais a seu ensino, optamos por analisar programas transmitidos pelo rádio. Neste trabalho não é nosso propósito discutir os conceitos e aspectos específicos da linguagem radiofônica, mas aproveitar os elementos relacionados às realizações orais para o trabalho na escola. Assim, os termos técnicos associados à radiofonia e à comunicação social – como *spot*, *jingle*, sonoplastia etc. – não serão necessariamente empregados.

A opção por programas radiofônicos deve-se, também, ao fato de considerarmos, com Preti (1998), que a mídia é um novo fator sociocultural, com norma lingüística própria e alta proximidade dos padrões orais. Além disso, “certos fenômenos da linguagem da **mídia** refletem comportamentos novos da linguagem do Brasil (inclusive da escrita), como, por exemplo, a perda dos limites (outrora bem nítidos) entre vocabulário comum e gíria”. (*ibidem*)

## **2.1 A escolha dos programas radiofônicos**

Nosso percurso, dadas as dificuldades de levantamento de um rol de especificidades do oral, em suas múltiplas realizações além da conversação, considera amostragens de usos espontâneos e planejados – desde conversações até apresentações de notícias, ou seja, partimos de realizações vocais orais e oralizadas, tendo ou não como origem a escrita. Dessa forma, buscamos abranger uma diversidade de gêneros discursivos, cada qual contribuindo com elementos a serem considerados na produção e na construção significativa relacionada à oralidade.

O rádio constitui uma fonte interessante na medida em que é um veículo que atinge grande parte da população por meio de sua variada programação, envolvendo jornalismo informativo, esportes, religião, música. Em nosso caso específico, adquire importância central na medida em que nos permite focar o uso da palavra falada sem a presença e interferência de outros componentes comunicacionais, como gestualidade, vestuário, postura e comportamento físico, posições ocupadas, cenário, entre outros. Em poucas situações ocorrem interações diretas, como a conversação. Na maior parte do tempo os interlocutores são virtuais, a grande massa anônima dos ouvintes. Essas condições não se constituem necessariamente como objeto melhor do que outros para o estudo da oralidade. Entretanto, parece-nos que podem acrescentar elementos em relação às práticas sociais orais, sobretudo pelo emprego de recursos previamente considerados, pois os locutores têm ampla consciência das estratégias comunicativas, principalmente com a finalidade de atingir os interlocutores (ouvintes). Nesse caso, mais do que informar, a ênfase dos programas considerados volta-se para a função apelativa da linguagem, ou seja, aquela em que predomina a preocupação com o tu ou o você da comunicação.

Ao tratarmos da observação de programas radiofônicos, evidencia-se, de certo modo, uma preocupação com a recepção oral como um dos aspectos do ensino da oralidade, ligado ao interesse pela leitura e a compreensão; numa concepção dialógica, considerar os sentidos implica considerar todos os componentes da enunciação, mas o foco de interesse aqui se relaciona, sobretudo, à apreensão das intencionalidades subjacentes a serem captadas, na medida em que contribuem para uma outra apreensão sobre a linguagem e seus usos, o que, a nosso ver, se refletirá inclusive nas produções orais dos envolvidos no processo.

Os dados focalizados fazem parte de um *corpus* mais abrangente, coletado no segundo semestre de 2004, e gravado em fita cassete durante a sua exibição nas rádios paulistas, em frequência modulada (FM). Selecionamos três programas de rádio (ver transcrição, em *Anexos*), que nos servem de base para análise, envolvendo predominantemente o discurso jornalístico informativo, religioso e esportivo, voltados tanto para um público jovem quanto mais maduro.

## **2.2 Características e composição dos programas**

Apresentaremos, na seqüência, esquemas descritivos, indicando os eventos estruturais de cada programa: entrevistas, vinhetas, propagandas diversas, informações sobre o tempo etc.

### **2.2.1 Programa de jornalismo informativo – “CBN São Paulo”**

Gravação: 14/09/2004 – 11:30 – 12:00 – duração aproximada: 30 minutos

Programa “CBN São Paulo” – apresentação: Milton Jung

Rádio CBN – FM 90,5 SP

De acordo com informações do *site* da emissora, o programa foi concebido, em termos de conceito de rádio, formato e audiência, no seguinte padrão<sup>17</sup>:

*CBN - A Rádio que toca notícia. Em formato all news, a CBN traz a cobertura dos principais fatos do país e do exterior. Caracterizada por ser uma emissora plural, dá espaço para as diversas vozes da sociedade, na busca constante da isenção e credibilidade.*

*A CBN é direcionada para ouvintes das classes AB, acima de 30 anos, economicamente ativos.*

A gravação tem início durante o encerramento de uma entrevista e apresenta a seguinte composição geral:

#### **Esquema descritivo do programa**

- Entrevista
- Vinheta do programa CBN
- Vinheta de sincronização da rede no país
- Horário
- Música (vinheta?)
- Vinheta do programa “Repórter CBN” / propaganda do patrocinador
- Data
- Notícias (3) e informações econômicas: cotação do dólar, euro e Bolsa de Valores de São Paulo
- Horário
- Música/ vinheta

---

<sup>17</sup> <http://radioclick.globo.com/cbn>, acesso: 08/01/2006.

- Informações na Rede CBN Brasil:

- Apresentador (Milton Jung)

- chamada a repórter em Belo Horizonte: este narra a notícia (libertação de reféns) – contexto – oralização da escrita é menor ou menos evidente
- chamada a repórter em Brasília: esta narra a notícia, citando o ministro da cultura (proposta do Governo TV/Gilberto Gil/agência reguladora do cinema e audiovisual – Ancinavi) – texto escrito e oralizado; oralização evidente.

- Propagandas na seqüência:

- 1. SEBRAE;
- 2. SEBRAE/ Caixa Seguro Empresarial – Caixa Econômica Federal;
- 3. Com música / Associação Brasileira de Anunciantes;
- 4. Programação da Orquestra Sinfônica Municipal em homenagem aos 93 do Teatro Municipal de São Paulo;
- 5. Campanha “São Paulo contra a violência” - Disque denúncia (cativeiro) – “Instituto São Paulo contra a violência” e Grupo de Profissionais de Rádio de São Paulo;
- 6. Propaganda Eleitoral (Marta/bilhete único-CEU saúde);
- 7. “Comentário de Arnaldo Jabor”, horário de apresentação.

- Horário

- Música / notícias sobre esportes voleibol; SporTV – leitura oralizada

- Entrevista com Dra. Lina Mara Rizzo Batistella – Diretora Executiva da Divisão de Medicina de Reabilitação (DMR) da Faculdade de Medicina do Hospital das Clínicas – sobre reabilitação de deficientes por meio da atividade física (referência às para-olimpíadas – entrevistada: padrão culto de linguagem, com *degradés*: “eu acho que a gente não erra se a gente afirmar ...”

- Chamada a repórter sobre a “Semana da Solidariedade”: Renata Pedini – sobre mobilização do Fundo Social de Solidariedade (leitura oralizada) – com inserção da fala de Lu Alckmin

(esposa do atual governador do Estado de São Paulo). Anúncio sobre curso, “para quem atende deficientes”, promovido pela Divisão de Medicina e Reabilitação do Hospital das Clínicas.
- Propaganda política – Erundina. Música de fundo
- Propaganda de “Parceiro dos brasileiros”, programa do SEBRAE
- Propaganda “Brasil alfabetizado”, Governo Federal, Ministério da Educação
- Horário
- Chamada a repórter, Tatiane Conceição: notícia sobre funcionários do Hospital São Paulo, que estavam parados desde junho e podem voltar ao trabalho.
- Horário
- Propaganda da Justiça Eleitoral – “Vota Brasil”. Música
- Horário – mesmo do anterior (“onze e cinquenta e três”)
- Chamada a repórter, Kátia Tofoletto: fala sobre o projeto de transporte coletivo “passa-rápido” no corredor Rebouças / Eusébio Matoso; relato das dificuldades no trânsito, obras em execução, pessoas nos pontos, ônibus na velocidade máxima permitida.
- Horário
- Propaganda política: Enéas/Havanir
- Propaganda sobre programa de Gilberto Dimenstein, “Boletim Mais São Paulo”. Patrocinador
- Vinheta “Programa de hoje” – Projeto “Um banquinho e <i>rock and roll</i> ” – Centro Cultural Banco do Brasil – 1 da tarde e 7 da noite; preço dos ingressos (leitura intercalada com som) – repórter Fabiana Boa Sorte
- Encerramento do programa “CBN São Paulo” pelo apresentador: data (14/09/2004); início no dia seguinte (dez horas). Anúncio da seqüência da programação: “Repórter CBN”, horário eleitoral e, ao meio dia e trinta, “CBN Brasil”
- Encerramento do programa – vinheta (música ao fundo): CBN São Paulo, as notícias da

nossa cidade. Rádio CBN, ZYK meia nove cinco, AM 780 kHz e ZYD 800 FM, 90,5 kHz, São Paulo
- Horário
- Repórter CBN – As principais notícias do dia, a cada meia hora (vinheta Rede CBN Brasil) – patrocínio
- Notícias: Declaração do ministro Guido Mântega sobre empenho do governo para aprovação de projeto de parcerias público-privadas no Senado; Assalto a agência do Banco do Brasil em Belo Horizonte, com reféns.
- Horário
- Vinheta
- CBN Tempo e temperatura. Informações Climatempo
- Vinheta
- Som sinalizando início propaganda eleitoral obrigatória
- PMN ...

### **2.2.2 Programa religioso – “A voz do Brasil para Cristo”**

Gravação: 26/10/2004 – início: 10 h 55 min – duração aproximada: 30 minutos

Programa “A voz do Brasil para Cristo” – segunda a sexta – 11 h às 12 h

Direção: Pastor Paulo Lutero de Mello

Apresentação: Evangelista Buaiz de Mello

Rádio Musical – 106 FM

A gravação se inicia durante o anúncio da programação da rádio, pelo presbítero Carlos, apresentador do programa anterior, e segue a seguinte organização:

### Esquema descritivo do programa

Anúncio do programa – início às nove da manhã
Anúncio de evento “Mulheres em comunhão”
Vinheta FM Musical “Receba o poder de Deus”
Repetição anúncio do próprio programa – às nove da manhã
Anúncio de outro programa – da uma às três da tarde
Anúncio do programa de sábado – nove da manhã – “Você pode ajudar”
Vinheta
Anúncio do próximo programa – “A voz do Brasil para Cristo” e do pastor que o dirige
Horário/local
Anúncio do apresentador do programa
Início da apresentação pelo pastor Buaiz de Mello
Dia/data
Refere-se ao diretor do programa, que é seu próprio irmão
Anúncio da presença de outro pastor no programa
Agradecimento “aos dizimistas e ofertantes do grande templo Brasil para Cristo Pompéia”
Saúda o pastor Paulo Lutero de Mello, seu irmão, mandando um abraço e um beijo
Anúncio encontro das quartas-feiras na mesma igreja (Pompéia)
Cumprimenta o presbítero Carlos
Diálogo sobre o tempo – nublado – e a fé
Anúncio do programa como “espaço conversão”

Anúncio da presença de outro pastor no programa
Horário/ nome do programa
Música
Oração
Música
Vinheta
Horário
Início de venda do produto <i>Ginkgo Biloba</i> / chamada à vendedora
Diálogo com a vendedora
Vinheta
Anúncio de evento gospel no Hopi Hari
Horário
Comentário sobre o anúncio; o pastor pede para repeti-lo
Anúncio de evento gospel no Hopi Hari novamente
Comentário sobre o Hopi Hari; chamada ao responsável pela venda
Diálogo com o vendedor
Anúncio do pastor Luís Fernandes Bergamin, que “ta na linha”, “com a palavra de Deus”
Remissão ao fato de que desde a época de seu pai é assim (?); diz que depois falará mais sobre o Hopi Hari e cumprimenta o outro pastor, passando-lhe a palavra
Início do discurso do pastor Luís Fernandes Bergamin
Cumprimenta o apresentador, os ouvintes, o pastor que dirige o programa
Remissão à oração feita pelo pastor Buaiz de Mello
Remissão ao fato de o programa estar no ar há quarenta e oito anos
Rádio FM Musical, segunda a sexta, às onze da manhã

Localização temporal: “terça-feira é dia de espaço conversão”
Início da pregação: São Lucas, cap. 15, versículo 22, verso 22 – música de fundo (sax)
Comentário sobre os versículos lidos/mencionados
Música gospel

### 2.2.3 Programa esportivo – “Estádio 97”

Gravação: 09/11/2004 – início: 20 h 18 min (total aproximado de 20 minutos)

Programa “Estádio 97” – segunda a sexta, das 18 às 20 h 30 min

Apresentadores do programa: Bá, Benjamin, Bento, Domenico, Mano, Mota, Portuga, RG 02, Sombra.<sup>18</sup>

Rádio Energia 97

A escolha do programa foi aleatória. Buscávamos um exemplar relacionado ao público jovem e, ao nos depararmos, ao vivo, com o diálogo entre os rapazes e a moça, optamos por gravá-lo. Por muito tempo imaginamos ser esse um programa de variedades, porém, apenas com pesquisa na Internet, verificamos que se propõe como esportivo, especificamente sobre futebol. Além disso, devido à miscelânea de vozes e falas, identificamos também somente pela Internet que são nove os apresentadores do programa. Na gravação percebemos a participação de quatro locutores distintos, com a menção a outros nomes que depois descobrimos serem integrantes. No trecho gravado, predominam os momentos em que, devido à sobreposição de vozes, é quase impossível a identificação dos locutores.

<sup>18</sup> A fonte dessas informações são os *sites* da emissora e do programa: [www.energia97.com.br](http://www.energia97.com.br) e [www.estadio97.com.br](http://www.estadio97.com.br)

### Esquema descritivo do programa

<ul style="list-style-type: none"><li>- Entrevista com ouvinte (já iniciada) – questões/tópicos:<ul style="list-style-type: none"><li>• peso (da entrevistada);</li><li>• medidas (idem);</li><li>• vestuário íntimo para sair (idem);</li><li>• time de preferência.</li></ul></li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>- Discussão entre os apresentadores a partir da declaração de que o pai da ouvinte estaria ouvindo a entrevista.</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>- Retorno ao tópico “time” – com a entrevistada<ul style="list-style-type: none"><li>• pergunta sobre o técnico do time.</li></ul></li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>- Discussão entre os locutores sobre futebol: técnicos, jogadores, episódios envolvendo escutas telefônicas no futebol.</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>- Despedida/finalização da entrevista.</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>- Oferecimento/música</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>- Música – Trio Parada Dura</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>- Brincadeiras com um dos apresentadores do programa, Portuga</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>- Propagandas:<ul style="list-style-type: none"><li>• pilhas</li><li>• hipermercado/celulares</li></ul>(imitação de Silvio Santos)</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>- Despedida de um convidado a participar do programa como “estranho no ninho”, campeão de futebol de botão<ul style="list-style-type: none"><li>• piada</li><li>• comentários sobre onde estaria a namorada do convidado</li></ul></li></ul>

<ul style="list-style-type: none"> <li>- Finalização do programa/patrocinadores/propaganda: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Restaurante La Buca Romana;</li> <li>• Extra;</li> <li>• Gillete;</li> <li>• Grupo Votorantim;</li> <li>• Besni;</li> <li>• Extra.</li> </ul> </li> </ul>
- Vinheta
- Anúncio da festa “Spirit of London”: nove horas de música (eletrônica)
- Vinheta da rádio Energia 97
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Propaganda: <ul style="list-style-type: none"> <li>• pilhas Duracell;</li> <li>• crédito pessoal BV Financeira;</li> <li>• xampu Celsun Azul.</li> </ul> </li> </ul>
- Vinheta da rádio
- Propaganda: bar “Barça”
- Vinheta da rádio
- Propaganda Ministério da Educação/Governo Federal: “Brasil Alfabetizado”
- Chamada para outro programa: “Night Sessions” e DJ Chico Alves

## 2.3 Considerações sobre os programas observados

### 2.3.1 Programa 1: “CBN São Paulo”

No período observado, cerca de trinta minutos, há a ocorrência da informação de horário por nove vezes. Além disso, a presença de músicas, sobretudo associadas a vinhetas comerciais, do próprio programa e da rádio, é constante.

Determinadas características observadas no rádio ligam-se às posições de fala e escrita em relação ao tempo. Como observa Barros (2000), a não-concomitância temporal – entre concepção do discurso e realização – se revela:

- na distinção dos três momentos que envolvem a elaboração, a realização escrita e a realização falada;
- no aspecto durativo e pontual;
- no planejamento e a presença de apenas algumas marcas de elaboração e reelaboração;
- na fragmentação.

Diz a autora:

*As notícias nos jornais falados na televisão e no rádio são planejadas antecipadamente, escritas e praticamente lidas, em geral com pequenas mudanças no momento da efetiva realização. Mesmo tendo sido antecipadamente planejadas, as notícias acabam por apresentar alguns traços do descompasso entre a realização escrita planejada e a realização falada não-planejada. Além disso, como o texto será falado (lido), seu planejamento já prevê um texto mais entrecortado, com unidades menores e menos complexas.*

A linguagem empregada no programa apresenta, predominantemente, um grau de formalidade elevado, que se verifica na proximidade com a escrita – muitas matérias apresentadas por repórteres são perceptivelmente lidas –, na apresentação de informações de natureza econômica (índices de cotação do dólar, do euro, da Bolsa de Valores), bem como na

seleção de entrevistados. No caso, uma das entrevistas realizadas se deu com uma médica, especialista em reabilitação do Hospital das Clínicas de São Paulo, centro reconhecido pela formação e trabalho desenvolvido por seus profissionais. Nesse sentido, o programa – e a proposta da rádio, voltada para um grupo social das classes A e B – refletem o que diz Gnerre (1994):

*A linguagem pode ser usada para impedir a comunicação de informações para grandes setores da população. (...) A linguagem usada e o quadro de referências dado como implícito constituem um verdadeiro filtro da comunicação de informações: estas podem ser entendidas somente pelos ouvintes já iniciados não só na linguagem padrão mas também nos conteúdos a elas associados. Assim, também, se a televisão e o rádio alcançam uma enorme difusão, a comunicação de notícias e informações fica restrita a grupos relativamente reduzidos entre os que têm acesso aos instrumentos de tais comunicações.*

### **2.3.2 Programa 2: “A voz do Brasil para Cristo”**

O programa tem tradição familiar, o que é citado explicitamente pelo apresentador. Quem o apresenta é filho do pastor que o apresentava anteriormente e irmão do diretor do programa. Essas observações são repetidas tanto pelo apresentador do programa, quanto pelo pastor que insere sua pregação por telefone.

Em aproximadamente trinta minutos, pode-se observar que o tempo destinado a músicas evangélicas é significativo. Além disso, a continuidade do programa se divide em vendas:

1. produto *Ginkgo Biloba* – 6 minutos – remédio/planta medicinal<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Substantivo masculino. 1. design. comum às árvores do gên. *Ginkgo*, da fam. das ginkgoáceas, que compreende uma sp. apenas; gincgo. 1.1 árvore dióica (*Ginkgo biloba*), de folhas flabeliformes, bilobadas no ápice, decíduas, microsporângios em amentos, óvulos em pedúnculos axilares, e sementes grandes, pétreas, carnosas no exterior, com odor de manteiga rançosa; gincgo, gingko, nogueira-do-japão [Nativa da China, pode atingir 1.000 anos e 3 m de diâmetro no tronco, sendo muito cultivada pela madeira, para arborização, pelos brotos aéreos us. em bonsai, pelas sementes comestíveis e esp. para a extração de óleos e substâncias medicinais.]. Etimologia: lat.cien. gên. *Ginkgo* (1771), do jap. *ginkyo*, de *gin* 'prata' + *kyo* 'damasco'. Fonte: <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=ginkgo>, acesso em 08/01/2006.

Na conversa com Maria, representante comercial do produto, são apresentadas algumas das indicações do produto: varizes, estresse, mal-humor, labirintite, tontura, vertigem, pele saudável e bonita; além da ênfase de que o mesmo encontra-se há “quinze anos no mercado”.

Algumas frases de efeito do apresentador são relevantes no processo de venda:

“DÊ saÚde (de presente)”

“Maria... e o teleFOne da saÚde?”

Nesse sentido, são importantes as observações de Araújo (2003):

*Em suma, os procedimentos de atribuir ‘sentido figurado’ a algumas palavras, utilizar expressões idiomáticas, generalizadoras e as de origem gíria parecem revelar uma característica da mídia eletrônica: informatividade associada a ‘jogos de palavras’. Por outro lado, parece revelar um intrincado fenômeno da língua que aqui se apresenta: a construção de sentidos figurados e os usos de expressões para reforçar determinados direcionamentos argumentativos.*

## 2. Hopi Hari – 6 minutos – evento gospel

Observa-se, no discurso do locutor, a proposta de evangelização explícita ligada à igreja “O Brasil para Cristo”. Boa parte dos argumentos empregados pelo pastor para a ida dos fiéis ao Hopi Hari é religiosa, envolvendo evangelização, confraternização, louvação:

“ótimo dia para evangelizar” (oportunidade para evangelizar: show gospel incluído no ingresso)

“e você dá uma disfarçada”

“você vai levar ele para festa... alegria... e vai ter evangelização.”

Outras manifestações envolvendo a comercialização podem ser verificadas em:

“eu tenho quarenta e seis anos e dou baile em moleque de dezoito hein? pode me desafiar”  
– sobre os brinquedos mais “emocionantes” do Hopi Hari

“eu nem vou falar no valor... porque ...” – na conversa com o vendedor dos ingressos.

No discurso do apresentador, nota-se, quanto à alta incidência de adjetivos, além da repetição, a ênfase para idéias “positivas”, ligadas a aspectos emocionais favoráveis, não depressivos: “programa maravilhoso”; “isso é maravilhoso”; “algo que é precioso”; “amor imensurável”; “audiência imensa”; “mensagem muito profunda”; “pessoas necessitadas, carentes, perdidos”; “cana quebrada”; “palavra muito enfática”, “muito cristalina”; “pai foi enfático”; “nada impossível, nada difícil”; “tudo possível; forte abraço”; “gostoso”; “gostosa”. Além da evidente limitação do repertório vocabular evidenciada, tais empregos podem criar no ouvinte a imagem do pastor vinculada também ao maravilhoso, ao bom, assim como suas palavras. Nesse caso, o aspecto didático associado à repetição é bastante evidenciado no emprego dos adjetivos.

Outros recursos enfáticos são observados nas repetições – fones, palavras, sintagmas frases – e intensificações na pronúncia e entonação: “REStaura”; “restauração”; “retornou”; “reviveu”; “se você re... re...”; “reviver”; “perdido”; “perdeu”; “reaver”; “não despreza”; “restituir”, “grave essas palavras nas paredes do seu coração”; “restaurado”, “restaurada”; “vida”; “Deus”; “semear a semente”; “Deus tem urgência que você seja restaurado ou restaurada”.

O esforço voltado para a construção de uma identidade de grupo pode ser observado em construções como:

“porque lá só vai ta nós evangélicos”

“pra que você fazer numa época... em que não vai ter gente igual a você lá (...) poxa... vai num dia que vão todos jovens evangélicos...”

Tais apelos acabam revelando uma posição “separatista”, de grupo distinto de outros conjuntos sociais. O sentido agregador aqui parece voltado apenas àqueles que partilham e participam das atividades de um grupo religioso específico.

Em relação ao evento no Hopi Hari como encontro para evangelização, propõe o pastor:

“e você dá aquela disfarçada... a pessoa nem vai perceber... cê ta a fim de evangelizar teu vizinho... aquele teu amigo de escola... de faculdade?”

Além do pressuposto de que as outras pessoas não têm senso crítico e sensibilidade, numa posição arrogante de superioridade – na percepção –, há a indução à mentira ou, minimamente, à falsidade “bem-intencionada”. O princípio maquiavélico “os fins justificam os meios” é explícito

e não se questiona sua validade moral, o que seria de se esperar de todos, principalmente daqueles ligados a projetos religiosos, em que a moral é componente obrigatório do discurso.

A participação de outro pastor, com sua pregação – leitura de versículos e comentários – tem duração de treze minutos. Percebe-se, a partir da transcrição da gravação, que o pastor anuncia uma determinada direção para a pregação, mas parece que o versículo que lê não corresponde exatamente ao que indicou, portanto passa à leitura de vários versos na seqüência. Tal observação só foi possível a partir da re-leitura das transcrições.

### **2.3.3 Programa 3: “Estádio 97”**

A gravação tem início com uma entrevista em desenvolvimento, e a pergunta do entrevistador à ouvinte:

“mas você pesa QUANTos quiLInhos?”

O emprego do diminutivo não se associa a um tratamento afetivo, mas a uma insinuação, quase uma ironia, quanto a um possível excesso de peso, que não se confirma com a resposta da ouvinte, afirmando pesar 58 kg. Imediatamente um dos outros locutores diz:

“se for verdade cê tá BEM... hein meu?”

O comentário coloca em dúvida a informação dada, já que, por ser um programa de rádio, em que as imagens visuais inexistem e são preenchidas pelos interlocutores por meio da voz, a informação não pode ser comprovada. Os próprios locutores tecem, direta e indiretamente, em vários momentos, julgamentos de valor em relação à ouvinte “entrevistada” por eles.

Em outro momento, em que a moça responde uma pergunta e se confunde com a resposta, há uma espécie de ridicularização (“então não sabe nem o que é já...”), por responder as perguntas sem saber a que se referem.

Quando a ouvinte foge de um questionamento, afirmando que seu pai está por perto, e que por isso o assunto não seria adequado, os próprios locutores a cobram (“depois de tudo isso cê

fala que seu pai tá do lado?") por possivelmente ter respondido perguntas piores, do ponto de vista moral.

Os termos e expressões empregados, relacionados ao pai da moça, por estar ouvindo a conversa, em tom pejorativo e desrespeitoso, embutem uma concepção de "inutilidade" de pessoas mais idosas, que deveriam procurar atividades:

"manda o velho dar ossinho pro cachorro..."

"manda ele jogar BINgo"

"tomar um rabo de galo lá"

Um outro locutor direciona em determinado momento o diálogo, inserindo uma pergunta completamente distante do tema anterior, ao perguntar para qual time a moça torce. Aliás, a forma enfática e categórica como é formulada a questão "o time?" sugere que a adesão à torcida por um time é obrigatória. Considerando-se que o programa se define como esportivo, é de se esperar que existam diálogos sobre esse assunto.

Neste ponto começam as inserções de todos os locutores falando sobre o técnico, defendendo posições diversas e impedindo a participação da moça entrevistada. O debate chega a um nível de entusiasmo que se assemelha a uma discussão acalorada. A moça mal consegue falar. A certa altura, um dos apresentadores diz "deixa falar". Os outros continuam discutindo. Frequentemente as vozes se superpõem, as interrupções são várias, as correções idem. Cada qual vai apresentando seu ponto de vista, muitas vezes de maneira desordenada, com a alteração na altura da voz, sobretudo quando passam a falar de outro técnico. O tempo da discussão sobre o assunto é aproximadamente oito minutos, o que significa mais de 30% do tempo total da entrevista. Nessa conversa, a sobreposição de vozes torna quase incompreensível qualquer uma delas. Os locutores gritam, falam ao mesmo tempo, riem.

Destacamos o emprego de:

- Frases feitas e chavões: "técnico Roberto Carlos (...) tem um milhão de amigos"; "líder você não faz... o líder nasce... o líder nasce"; "o Luxemburgo é o maior telhado de vidro...";
- Termos chulos: "a imprensa também só sabe meter o pau..."; "mas quando o próprio cara recuou e viu... eh entre aspas... a cagada que fez...";

- Correção explícita da fala, iniciada por outro participante da interação: “o Luxemburgo só foi com... pegar eh... eh... eh... como é que vou dizer... pancha (...) “panche”... (...) é “panche” de...”

Durante a entrevista, a insistência em perguntas feitas à ouvinte em relação ao técnico do Palmeiras pode indicar a intenção de trazer a discussão para os locutores, que apresentam posicionamentos distintos em relação ao assunto e desejam explicitá-los. Na realidade, a pergunta para a moça parece um pretexto para os próprios locutores apresentarem suas opiniões, sem praticamente nenhuma atenção ao que ela diz. Somente em um momento o que a ouvinte declara é retomado, mas com vistas a fortalecer o argumento de um dos locutores.

A conversa sobre o tema esportivo, a partir da pergunta feita sobre o técnico à ouvinte, apenas entre os locutores, com quase total exclusão da “entrevistada”, dura aproximadamente oito minutos, em um total de vinte minutos de programa gravados. Após a longa discussão entre os apresentadores, oferecem a palavra à garota para se despedir.

A consciência do escracho pode ser observada na fala de um dos locutores: “gente deixa eu dá uma salvada no programa aqui”, que então conta uma piada.

Outro aspecto observado no programa é a existência de conversas paralelas, dos próprios locutores, durante as falas. Aliás, a confusão gerada pela interação tumultuada dificulta a percepção de quantos e quais são exatamente os apresentadores. Apenas tivemos uma idéia aproximada quando consultamos as informações sobre o programa apresentadas no *site* da Internet.

É interessante também notar que o *slogan* do programa é o seguinte<sup>20</sup>:

*Estádio 97*

*O programa que só fala de futebol, com a galera que mais entende do assunto!*

---

<sup>20</sup> [www.estadio97.com.br](http://www.estadio97.com.br), acesso em 08/01/2006.

No entanto, no trecho do programa gravado, mais de 50% tratavam sobre outro tema, que não o futebol: a conversa com a ouvinte, predominantemente com conotação sexual, piada, música, propagandas no final.

A observação mais detida de um programa desse gênero pode ser um recurso importante em sala de aula. Afinal de contas, pode fazer parte, em muitos casos, de um universo conhecido e familiar dos estudantes, pois envolve usos de linguagem informais, temas cotidianos, expressões populares, brincadeiras comuns a adolescentes, sobretudo.

A atitude do professor não deve ser necessariamente de recusa a esse tipo de evento, pois ele é parte da realidade, quer desejemos quer não. A proposta de irreverência, associada ao público jovem, acaba se transformando em mero escracho e degradação dos relacionamentos. Talvez seja essa mesma a proposta do programa, mas o que nos parece mais importante é que os comportamentos devem ser evidenciados, pois se revelam por meio da linguagem: explicitamente são empregados termos pejorativos, seja em relação à mulher, seja em relação aos supostamente idosos (em referência ao pai da moça). Indiretamente, o tratamento desrespeitoso ao outro se evidencia tanto em relação à ouvinte entrevistada – o tempo de fala destinado a ela é insignificante em proporção ao restante – quanto em relação aos próprios apresentadores do programa, com falas sobrepostas, interrupções do turno do outro.

Assim, os estudantes poderiam perceber, pela análise de programas como esse, as relações de poder instauradas nos usos da linguagem, a assimetria estabelecida, os valores sociais e concepções dos apresentadores, veiculadas explícita ou subliminarmente...

## **2.4 Comentários gerais sobre e a partir dos programas**

Nos exemplos analisados, predomina a chamada oralidade secundária, típica de programas radiofônicos, por apresentar alta correspondência e interface com a escrita, na medida em que boa parte das apresentações é preparada previamente e organizada em pautas.<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> Marcuschi (2001) considera que tais realizações constituem gêneros mistos, por situarem-se em domínios ora pertencentes à escrita, ora à fala. Zumthor (*apud* Silva: 1999) trata como “oralidade mediatizada” aquela que se realiza por meios auditivos e audiovisuais.

Nas gravações observadas, por serem de programas de rádio, não se evidenciam falhas ou problemas de falta de conhecimento de mundo ou pouca compreensão de textos lidos previamente às apresentações. Verifica-se, de modo geral, alguns “recursos de informalidade”: introdução de elementos do cotidiano, expressões coloquiais, mudança de tópico, quebra de expectativas (Milanez: 1993, 148), sobretudo no programa 3.

As entrevistas observadas no Programa 1 e no Programa 3, ambas realizadas por telefone, atendem às seções distintas estruturalmente: a abertura, o desenvolvimento e o fechamento (Marcuschi: 1986, 53). Porém, diferentemente da conversação usual, neste caso o fechamento parte da iniciativa do telefonado – o locutor – e não do “telefonador” – no caso do ouvinte. Em relação à entrevista do programa informativo, provavelmente o contato com a médica entrevistada partiu da própria produção do programa. Nesse sentido, observa-se também o planejamento prévio da entrevista. No caso do jornalismo informativo, as entrevistas ocorrem a partir da necessidade de apresentação de especialistas comentando determinados assuntos ou profissionais que atuam diretamente na área tratada no noticiário. Por outro lado, a ocorrência de entrevistas por telefone (programas 1 e 3) permite a observação de elementos próprios da conversação: pausas, rupturas, correções, interrupção de turnos e sobreposição de falas, perguntas e respostas, marcadores conversacionais, como “né”, finalizando turnos etc.

No programa esportivo são mais evidentes as pré-seqüências, elementos que prefiguram as ações, como quando o locutor pretende continuar a conversa com a ouvinte: “ô:.. Regiane...”.

Observamos também que a incidência de correções, tanto pelo outro, quanto pelo próprio falante, é relativamente baixa em relação aos locutores. Tal aspecto atende à expectativa de que os profissionais do rádio possuem preparo e prática maior nas exposições públicas.

Além disso, no programa de notícias e no religioso, nota-se que o tom empregado pelos apresentadores é “tipicamente profissional, ou seja, mais objetivo e cordial” (Milanez: 1993), diferentemente daquele encontrado no programa esportivo, em que as falas são sobrepostas constantemente, as interrupções do turno do outro são significativas, há a presença de ironia e risos durante as falas e o deboche explícito em relação à ouvinte entrevistada.

No rádio, as lacunas, os silêncios são altamente indesejáveis, pois podem criar uma sensação de vazio nos ouvintes que, certamente, poderão procurar outro programa que os “preencha” ou satisfaça. Assim, determinadas interrupções na programação, na realidade, são

planejadas; rupturas temáticas e formais com a finalidade de, provavelmente, preencher vazios. Temos, principalmente, as vinhetas, os comerciais, as músicas como elementos fundamentais. A constante remissão ao horário e a repetição de vinhetas mostram-se como indicadores de situação específica – qual é o programa, horário de ocorrência, a rádio que o transmite, entre outros. Isso é mais fortemente percebido no programa informativo, porém tem alta recorrência também no programa religioso observado.

No discurso religioso em questão, as repetições têm um papel predominantemente didático, para o reforço de determinadas idéias, como se pode notar em certos trechos, com repetições de elementos, e poucos indícios de hesitação. Percebemos também, como aspecto didático, a construção sintática e presença de perguntas retóricas, ou seja, questões com a finalidade de pretexto para a continuidade do discurso que se pretende, como, em meio a uma “oração”:

“olhamos para os MONtes e pergunTAmos... de onde nos VIRÁ O SOCORRO? e nós responDEmos COM FIRMEZA: O NOSSO SOCORRO... VEM DO SENHOR... que fez o CÉU (...)”

ou então, na venda de um produto:

“DÊ saÚde... sabe por quê? porque você estará dando um produto (...)”.

No programa religioso, vemos também, na relação instaurada pelo pastor, dirigindo-se a seus interlocutores, os evangélicos, a preocupação de legitimidade: a linguagem legítima ou autorizada pressupõe algumas condições básicas para que se “efetive” rentavelmente: o discurso deve ser pronunciado por um locutor legítimo – pela pessoa que convém; enunciado numa situação legítima – no mercado que convém; dirigido a destinatários legítimos (no caso, os ouvintes evangélicos, consumidores dos produtos vendidos no programa); formulado nas bases fonológicas e sintáticas legítimas, atendendo às condições de aceitabilidade da situação.

O relevo atribuído a diversas formas, seja por meio da entonação, da altura da voz empregada, dos adjetivos e de outros itens lexicais escolhidos, seja por meio da presença ou não de música de fundo também é elemento presente em todos os programas analisados<sup>22</sup>. No sentido da proeminência – relevo positivo – verificam-se aspectos ligados à pregação religiosa, o

---

<sup>22</sup> Cf. “O relevo no português falado”, de Luiz Carlos Travaglia In: *Gramática do Português Falado*, vol. VII.

destaque de determinadas informações, sobretudo dados numéricos (em relação à dívida externa brasileira, por exemplo) e situacionais (os locais de onde falam os repórteres chamados ou onde vão ocorrer eventos), no programa informativo, e as diversas intensificações entonacionais, bem como elevação de altura de voz (principalmente nos debates sobre futebol), no programa esportivo.

Percebe-se, observando-se o programa da CBN, que o mais importante é o que é informado, o foco é a notícia, diferentemente do discurso religioso, em que o mais importante é a interpretação do pregador, do locutor, sobre os produtos oferecidos (remédios para o corpo – *Ginkgo Biloba* – e para a alma – Hopi Hari e palavras do Senhor). Por trás do discurso religioso notamos a forte preocupação comercial. Ali, o tempo dedicado às vendas equivale a aproximadamente um terço do tempo gravado. Além disso, é o próprio apresentador quem interage com os representantes comerciais oficiais ou vendedores, participando da propaganda.

Inserimo-nos numa era predominantemente visual, em que as pessoas muitas vezes olham para as palavras escritas (representação gráfica, visual) e não fixam suas formas. A velocidade e a imediatez fazem com que as pessoas olhem sem ver, automatizadas por movimentos repetitivos que as direcionam, sem que saibam. No caso dos sons da fala, fluidos, velozes, efêmeros, o que se fixa, o que a atenção retém? A entonação, o gesto, a altura? Provavelmente a informação, na maioria dos casos. Talvez isso explique a intensidade com que termos, expressões são reproduzidos constantemente, como observamos no programa religioso. As repetições, que, como afirma Koch (1998), não são constitutivas apenas do texto falado, mas da interação social, podem atender a diversas funções e se realizar de variadas formas.

É possível ainda observar o uso do tom e da entonação como recurso argumentativo, pois os programas têm ênfases e preocupações diversas. Assim, no programa informativo, de modo geral, as variações de entonação e de tom são menos evidentes, predominando em propagandas comerciais, enquanto que, no programa religioso, pelo fato de os apresentadores – os pastores – já possuírem um preparo anterior da fala pública, voltada à persuasão e ao convencimento, tais recursos são empregados de forma mais marcada e conscientemente, sobretudo nas vendas e nas pregações, em exaltações a personagens bíblicos.

Nota-se também, nos programas radiofônicos, a quase total ausência de digressões, pela óbvia necessidade de objetividade e economia lingüística, devido ao tempo pré-determinado e

definido, enfim, economicamente. Normalmente, tem-se uma pauta estabelecida previamente, o que é fácil de identificar nos programas informativos. Entretanto, no programa esportivo, destinado ao público jovem, como definimos, a partir dos comentários dos apresentadores, muitas vezes pejorativos e preconceituosos, o desvio de tópico causa estranhamento e revela pouco planejamento anterior do programa, ou baixa preocupação com a organização do mesmo, ou ainda a falta de exigências muito rígidas para o cumprimento de horário.

Percebe-se, inclusive, um único momento destinado a anúncios comerciais, ao final do programa, indicando que os patrocinadores e, portanto, os financiadores, não são tantos, o que permite tal “liberdade” ou baixa preocupação com a economia discursiva. Nesse caso, a descontinuidade do tópico, praticamente sem retorno, caracterizando quase total desvio do tema, acaba se revelando como uma estratégia empregada pelos locutores para o retorno ao propósito pré-estabelecido pelo programa: tratar sobre futebol.

A força e valor do oral parecem ainda oficialmente menores que da escrita. Quanto à fragmentariedade, consideramos que seja constitutiva das produções concretas orais, e não apenas falha ou descontinuidade, defeito apenas. A linguagem oral é toda elaborada, produzida, não é natural, casual. Os falantes escolhem caminhos mais favoráveis para seus objetivos: tom e altura de voz, seleção vocabular, construção sintática, silêncios e repetições mais ou menos intensos. No rádio, percebe-se que os usos são mais conscientes, intencionais, sem gestos, com o predomínio de discursos com propósitos bem definidos: venda de produtos de natureza diversa, como passeios, remédios milagrosos, pilhas, igrejas etc.

Nas realizações orais são comuns as ocorrências de repetições diversas. Perceber essa tendência – que também ocorre na escrita, porém as possibilidades de correção e edição do texto são distintas – é um recurso que pode chamar a atenção do(s) interlocutor(es) para a forma, além do tema desenvolvido. Os usos, atendendo a objetivos específicos – ligados à fixação e memorização, em termos didáticos, e à construção argumentativa – certamente são aspectos considerados pelos profissionais da mídia.

A fala “decorada” é a que busca reproduzir o escrito, sendo facilmente identificável pela falta de espontaneidade. Essa característica é evidente nos discursos religiosos examinados, porém, no programa esportivo, bastante marcado pela “descontração”, bem como no jornalístico

– em que a escrita se revela mais presente, e, portanto, a leitura é assumida – esse elemento não é recorrente.

Nesse trabalho, percebemos diferenças significativas entre o processo de observação a partir das gravações (audição) e a partir das transcrições (leitura). Determinados componentes, como recursos entonacionais, altura de voz e frases de efeito são percebidos mais claramente a partir da audição das gravações. Por outro lado, detalhes no encaminhamento do discurso, reorientações devido a fatores diversos, como a percepção, por parte do locutor, sobre a coerência com o já-dito são manifestações recuperadas com a re-leitura das transcrições realizadas.

A análise de dados revela, em nível lexical, diferentemente do que se esperava, grande número no uso de gírias, diminutivos, aumentativos ou jargões especializados, próprios de situações de enunciação mais informais.

Inúmeros outros aspectos poderiam ser considerados a partir da observação dos programas e, certamente, outros sujeitos perceberiam ou destacariam elementos diversos. Selecionamos alguns que nos pareceram relevantes no momento.

### **3. Outras possíveis atividades envolvendo práticas orais na escola**

Pensando na alfabetização, Gnerre (1994) nos apresenta algumas práticas interessantes para seu desenvolvimento, tendo em vista uma “mediação entre oralidade e escrita”:

- devolução do gosto e da confiança na oralidade;
- prestígio da arte verbal;
- discussão sobre hipóteses relativas ao que é escrita;
- leitura oral em voz alta de livros escritos e impressos;
- discussão de seus conteúdos, comparados com conteúdos de histórias de tradição oral.

Considerando esses aspectos, pensamos ser pertinente a apresentação de outras sugestões e observações envolvendo o ensino-aprendizagem de gêneros orais na escola, que, em graus diferentes de aprofundamento e adequação, podem ser desenvolvidas em quaisquer dos níveis de ensino.

### **3.1 Exposição oral**

Para uma exposição oral, pode-se solicitar aos alunos que gravem anteriormente sua própria fala sobre determinado assunto, para que analisem e observem possíveis modificações a serem realizadas previamente a uma outra exposição. Assim, é possível ajudar a revelar e salientar que falas públicas geralmente têm preparo e planejamento anterior, e que todos podem utilizar esse recurso. A autocrítica também tende a ser desenvolvida, a partir do momento em que todos podem perceber que sempre há o que aprimorar, sem necessariamente cair no julgamento simplista e limitante de certo ou errado.

### **3.2 Prática de transcrições<sup>23</sup>**

A prática de transcrições pode servir para auxiliar na percepção de características próprias da fala: repetições, hesitações, rupturas sintáticas e semânticas, entre outras. Porém, a atividade deve ser esporádica, envolvendo trechos curtos e visando à sensibilização para determinados elementos, sem gerar a exaustão e o desgaste, próprios do trabalho meramente mecânico e repetitivo da transcrição, tornando-a atividade ou tarefa com fim em si.

---

<sup>23</sup> Sobre as transcrições, em relação à transposição de textos da modalidade falada para a escrita e sobre as transcodificações, cf. Marcuschi (1986); (2001).

A apresentação de normas de transcrição é fundamental para que se tenha parâmetros no trabalho. Nesse sentido, as normas do Projeto NURC-SP (Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo) são uma indicação importante<sup>24</sup>.

Sugerimos que a atividade ocorra basicamente em dois momentos: o primeiro, de registro literal do que se ouve na gravação, e o segundo, de adequação dos registros escritos às normas de transcrição. Evidentemente, esse trabalho requer a leitura e releitura das anotações, bem como a audição das gravações, repetidas vezes, o que pode demandar um tempo grande de dedicação. Por isso, é interessante que as escolhas sejam feitas pelos próprios alunos, com o auxílio do professor, orientando-os para que sejam escolhidos trechos curtos e significativos, que possuam alguma unidade ou aspecto relevante a ser observado pelo grupo naquele momento. Uma referência é a de que cinco minutos de gravação podem resultar, aproximadamente, em três ou quatro páginas digitadas, portanto, parece-nos que devem ser iniciados os trabalhos com um tempo de gravação inferior a esse.

Participando do processo de transcrição de gravações, os alunos provavelmente perceberão também aspectos relacionados às dificuldades na transposição da modalidade oral para a escrita, principalmente no que se refere às diferenças entre elas. Assim, a escrita pode passar, inclusive, a ser vista não como mera representação da fala. Isso é um ganho, na medida que se revê uma visão tradicional de primazia de uma modalidade sobre outra. Partimos do princípio que tanto as realizações escritas quanto as orais desempenham diferentes funções sociais, todas importantes. Nem uma nem outra é superior ou mais relevante, e nos interessam seus aspectos definidores e constitutivos, suas realizações em diversos contextos e por diferentes sujeitos, todas com suas especificidades, pontos de confluência, diálogo constante em grupos determinados.

---

<sup>24</sup> Na página introdutória dos anexos apresentamos uma síntese dos sinais empregados nas transcrições, de acordo com as normas do Projeto NURC. Para as informações completas, cf. PRETI, D. (org.) *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999, p.11.

### **3.3 Cultura popular/ realizações orais**

#### **3.3.1 Adivinhas: do escrito para o falado**

Uma forma de trabalho com a oralidade pode partir da escrita – num processo inverso ao que normalmente se propõe –: os alunos podem pesquisar adivinhas e charadas em diversas fontes (livros, revistas, *sites* de Internet ou mesmo em casa, com os familiares), registrá-las e depois realizar jogos em classe, para que os colegas decifrem os enigmas apresentados. A entonação, dicção, ritmo de fala são essenciais à compreensão e à descoberta das adivinhas.

#### **3.3.2 Cordel: oralização**

Com relação às propostas para desenvolvimento da oralidade em sala de aula, um dos aspectos fundamentais é o exercício de *dizer* textos em voz alta (Bajard: 1994), uma atividade que não se limita à “tradução” de uma modalidade escrita a outra falada, mas implica em uma recriação de linguagem, envolvendo todos os elementos que compõem a expressão falada (aspectos supra-segmentais, paralingüísticos e extra-lingüísticos), bem como a inserção de um novo sujeito que, ao *dizer* o texto, se diz também.

Para Bajard (*ibidem*), dizer o texto escrito em voz alta é a “prática vocal e social do texto, cujo objetivo é a comunicação”, atividade que não se confunde com a “leitura” do texto, que pode ser realizada silenciosamente. Ainda segundo o autor, o “interesse em ouvir supõe que se atribua ao *dizer* uma função comunicativa que requer não só a língua, mas também a *contribuição de outras linguagens*”. (*ibidem*)

Para ilustrar o trabalho com o *dizer* textos, propomos a inserção do cordel em sala de aula, focando (e resgatando) principalmente uma etapa necessária de sua circulação que é a oralização (tanto na venda quanto depois, nos grupos familiares)<sup>25</sup>.

A idéia de desenvolver uma proposta de abordagem desse gênero surge a partir da preocupação de se inserir um componente significativo da cultura popular no ensino de língua materna, sob um enfoque interacionista de linguagem. Assim, considerando-se a concepção de Bakhtin, parece interessante propor uma abordagem que considere alguns de seus principais pressupostos, sobretudo a dialogicidade e a interdiscursividade.

Um olhar sobre esse gênero nos faz refletir essencialmente sobre alguns elementos. Em primeiro lugar, quanto às condições de produção, é preciso considerar que o cordel, já nesse aspecto, revela sua heterogeneidade. Por um lado, é um produto comercial, desenvolvido por todo um círculo editorial, mesmo sem os componentes da grande indústria, mas contando com autores, editores – muitas vezes os próprios autores –, ilustradores – os artistas gráficos que compõem as capas, impressores etc. E, por outro lado, mantém, inclusive no processo de comercialização e consumo, características ligadas à sua origem, a tradição oral. Isso porque sua circulação, predominantemente no Nordeste brasileiro, ocorre em círculos nos quais os níveis de letramento são baixos, ou seja, o público consumidor desse material tem pouquíssimo contato com a cultura escrita, escolar e formalizada, e, muitas vezes, quem adquire os romances (24, 32, 48, 64 páginas), folhetos (4, 8, 16 páginas) ou folhas avulsas são pessoas que não dominam o código lingüístico e que vão, portanto, depender de outras pessoas que lerão os textos em voz alta, ou seja, dirão os textos, segundo Bajard (*ibidem*). Conseqüentemente, essa leitura tende a não ser predominantemente aquela leitura individual, silenciosa e solitária que nós conhecemos bem, e a fruição do texto não terá como única via de chegada o escrito. Nesse sentido, o cordel possui uma tendência agregadora, aglutinadora, de agrupar pessoas em torno de um material escrito, entretanto, tal gênero acaba sendo produzido para ser veiculado pela voz. Na realidade, não se trata aqui de uma produção oral, mas oralizada.

O percurso do cordel, então, inicia-se na oralidade, na medida em que os temas e, muitas vezes, as próprias narrativas, surgem da tradição oral. Passa posteriormente pela escrita, no processo de produção gráfica, e volta à voz, na forma oralizada, no momento de sua circulação.

---

<sup>25</sup> Tais reflexões iniciaram-se no trabalho “O cordel em sala de aula”, de nossa autoria, publicado em Brandão, H. N. (org.). *Gêneros do discurso na escola*. São Paulo: Editora Cortez, 2000.

Em relação aos aspectos lingüístico-discursivos do texto de cordel, podemos dizer que, mais do que marcas da oralidade no texto escrito, o que se percebe, como aponta Corrêa (2001), é a chamada heterogeneidade constitutiva da escrita, que reflete o sujeito produtor daquele texto, bem como as concepções que tem do que é a escrita, de quem é seu leitor. Assim, podemos considerar os empregos de expressões entre aspas, usos alternados de termos mais e menos formais (pra/para), entre outros, como reveladores dessa heterogeneidade.

Outro elemento significativo a ser considerado é o constante diálogo que mantém com outros discursos, formal, composicional e tematicamente. Essa interdiscursividade pode ser considerada tanto na perspectiva das marcas textuais do cordel em outras produções, quanto como constituinte básico desse gênero, que reporta sempre a passagens bíblicas, lições de moral e aconselhamentos, ou a narrativas popularizadas e mesmo a outras produções de cordel.

O trabalho com o cordel permite, ainda, a consideração desse constante diálogo que a oralidade mantém com a escrita, seja em termos de seus aspectos constitutivos, seja em relação à inserção social de produções culturais diversas, como aquelas pertencentes à chamada literatura, socialmente aceitas e privilegiadas, e aquelas próximas da tradição oral.

Na escola, pensamos que proporcionar a circulação de folhetos de cordel, resgatando um pouco da história de sua produção, bem como propondo atividades de oralização pode ser um recurso na constituição do trabalho com a oralidade e com os sujeitos participantes do processo de ensino-aprendizagem, pois, ao dizer o cordel, o leitor se diz, recriando a narrativa.

A leitura oralizada de textos escritos pode se tornar um expediente eficiente no processo de desenvolvimento e ensino da escrita. Quanto à oralidade, é pertinente para a análise de falas veiculadas pela televisão e pelo rádio, de programas jornalísticos, que freqüentemente adotam essa prática; para a preparação anterior de comunicações e exposições orais; e, finalmente, um dos fatores mais importantes, para o cotejo com produções espontâneas, com o objetivo de se perceber mais nitidamente as características distintas das realizações verbais.

Acreditamos, com Gnerre (1994), que:

*Repensar (...) a riqueza da oralidade comporta repensar todo o nosso mundo grafocêntrico; na medida em que vai ser dado um novo espaço à criatividade da oralidade, receberemos*

*resultados na criatividade escrita, cujos produtos podem circular e produzir mais criatividade e mais confiança dos indivíduos na expressão dos seus próprios pensamentos.*

Outras atividades poderiam ser propostas, como para a exploração das variações lingüísticas, a utilização de músicas. Uma sugestão é “Pindorama”, de Sandra Peres e Luiz Tatit, que permite a observação das variantes do português do Brasil e de Portugal e da linguagem infantil, com a consideração, em especial, de aspectos como sonoridade e rimas.

Nesse sentido, a apresentação de falares diversos, características de diferentes regiões do país, do português de Portugal, de estrangeiros falantes do português, parece ser mais enriquecedor, na medida que a busca é pelo respeito às diferenças, a ênfase no plural, sem distinção de classe, cor, raça ...

Mais do que cair no simplismo de classificar pobre/rico, escolarizado/não-escolarizado (para não dizer analfabeto, preconceituosamente), a reflexão sobre o diferente – e não sobre o divergente necessariamente – deve propiciar o desenvolvimento da percepção para as diferentes realizações fonético-fonológicas possíveis e pertinentes no uso da língua.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino que pensamos não tem apenas a finalidade de ajustamento ou adequação de indivíduos a normas pré-estabelecidas de bem falar, bem se expressar ou bem “vender idéias”. Tais objetivos responderiam unicamente a uma concepção de educação a serviço da produtividade e do capital.

Perceber e entender aspectos como os observados aqui relaciona-se à construção de sentidos e compreensão de mundo que buscamos se efetive criticamente. Nesse sentido, entender o funcionamento da linguagem, não naturalmente construída, mas composta de idiossincrasias, intencionalidades, pode auxiliar no desenvolvimento de sujeitos de fato inseridos, social e historicamente.

Se concebermos uma proposta pedagógica que atenda às necessidades de um grupo social específico, evidentemente deveremos ter quadro referencial, parâmetros que norteiem tal trabalho, porém ele deve ser calcado em princípios gerais, que contemplem modalidades, gêneros e tipos textuais e discursivos diversos, muitas vezes diferentes daqueles imaginados previamente. A realidade social, o contexto imediato deve ser um ponto de partida para o trabalho mais abrangente possível, que extrapole as barreiras e cerceamentos de um “quadro” fornecido *a priori*, como mais uma força coercitiva e assujeitante, seja de educadores, seja de educandos. Desse modo, a educação – que não deve ser prisão, mas liberdade, como diz Paulo Freire, precisa ser construída como lugar de reflexão permanente, professores devem ser formados com base em concepções abrangentes de sua área de atuação, dominando sim conhecimentos específicos e técnicos, mas que não se restrinjam à aplicação de exercícios mecânicos, descontextualizados, reprodutivos sempre de um modelo concebido por outrem.

O primeiro passo na construção dessa educação libertadora deve ser sempre o de clareza sobre o papel social que desempenhamos. Assim, para que e por que ensinar língua e linguagem? O que significa ensinar língua e linguagem? Bastariam reproduções de regras de uso, orais ou escritas? A expressão humana requer interação para se desenvolver. A aprendizagem de

expressões não pode se restringir a técnicas de uso, mas deve atingir um grau de consciência sobre usos possíveis. Imaginar o que um poeta poderia querer dizer é também uma construção que se aprende e se desenvolve. Levantar hipóteses sobre intenções subjacentes possíveis em uma afirmação aparentemente ingênua e desinteressada é também estratégia de sobrevivência. Mais do que instrumentalizar sujeitos, um professor de língua e linguagem deve fazer parte da construção de novos sujeitos que, a partir do momento da tomada de uma consciência sobre os mecanismos possíveis e mesmo os não previstos, deixarão de ser os mesmos, podendo passar a ter acesso também a tais mecanismos, sem dúvida utilizados conscientemente por outros.

No processo de trabalho com as realizações orais na escola, consideramos que sua análise não deve se basear apenas em transcrições. Nossa experiência neste trabalho revelou que determinados aspectos só são percebidos a partir da leitura e re-leitura das gravações transcritas, principalmente algumas construções que evidenciam as orientações argumentativas dos falantes, ou desvios de tópicos discursivos. Porém, a vivacidade e o movimento trazidos pela voz, que despertam tanta atração, apenas são perceptíveis com a audição. Certas estratégias e escolhas expressivas só podem ser realmente captadas a partir do meio sonoro. Assim, acreditamos que tais experiências – de audição das gravações e de leitura das transcrições – devam ser realizadas na escola, de forma complementar, sem a substituição de uma pela outra, o que, sem dúvida, geraria perdas.

A partir da leitura dos documentos oficiais propostos, de alguns manuais de introdução aos “estudos lingüísticos” e de parte da literatura referente ao ensino da língua falada e dos gêneros orais, percebemos que a concepção de oralidade como conteúdo de ensino-aprendizagem ainda é um tanto vaga. Buscamos, a partir da análise de programas radiofônicos, observar aspectos relacionados aos vários usos da linguagem empregados concretamente pelos sujeitos em interação, para então apresentar possibilidades de abordagens de gêneros orais. Acreditamos que o trabalho do professor de língua materna em torno de seu objeto deve envolver os exercícios não apenas como estratégia esporádica, mas como prática cotidiana de construção de sentidos. Foi nessa direção que pretendemos contribuir, realizando um exercício de análise de eventos orais.

O que fizemos aqui foi apresentar uma proposta inicial com estas considerações. Cada professor, em sua prática, junto a seus alunos, desenvolverá seu plano de ação, suas estratégias de

ensino, e descobrirá, certamente, outros caminhos eficientes para que seus objetivos sejam atingidos.

Finalizamos, tomando as palavras do professor Geraldi (1996, 63-64), que acreditamos devem ser observadas em relação ao ensino da oralidade, ou melhor, da linguagem:

*Todas estas considerações mostram a necessidade de transformar a sala de aula em um tempo de reflexão sobre o já-conhecido para aprender o desconhecido e produzir o novo. É por isso que atividades de reflexão sobre a linguagem (atividades epilingüísticas) são mais fundamentais do que aplicação a fenômenos sequer compreendidos de uma metalinguagem de análise construída pela reflexão de outros. Aquele que aprendeu a refletir sobre a linguagem é capaz de compreender uma gramática – que nada mais é do que o resultado de uma (longa) reflexão sobre a língua; aquele que nunca refletiu sobre a linguagem pode decorar uma gramática, mas jamais compreenderá seu sentido.*

## BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Denise Lino de. “A língua falada na TV: texto falado ou escrito?” In: *Linguagem & Ensino*, Vol. 6, No. 1, 2003.
- BAJARD, Élie. *Ler e dizer: compreensão e comunicação do texto escrito*. São Paulo: Cortez, 1994.
- BAKHTIN, Mikhail. “Os gêneros do discurso” In: *Estética da criação verbal*. (4ª ed.). São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1990.
- BARROS, Diana Luz P. de. “Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias” In: PRETI, Dino. (org.) *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2000.
- BASTOS, Lúcia K. X. & MATTOS, Maria Augusta B. de. “A Lingüística Aplicada e a Lingüística” In: *Trabalhos em Lingüística Aplicada: 22*. Campinas: UNICAMP/IEL, jul-dez/1993.
- BELINTANE, Claudemir. “Linguagem oral na escola em tempo de redes” In: *Educação e Pesquisa*. V. 26, nº 1. São Paulo, junho/2000.
- BENVENISTE, Émile. “Da subjetividade na linguagem” In: *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas: Pontes, 1995.
- “O aparelho formal da enunciação” In: *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. “A economia das trocas lingüísticas” In: ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983. Série Grandes Cientistas Sociais, nº 39.
- BRAIT, Beth. “Imagens da norma culta, interação e constituição do texto oral” In: PRETI, Dino (org.). *O discurso oral culto*. São Paulo: Humanitas – FFLCH/USP, 1999.
- “O processo interacional” In: PRETI, D. (org.). *Análise de Textos Oraís*. (4ª ed.). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. (Projetos Paralelos, v. 1).
- BUESCU, Maria Leonor C. “Introdução” In: OLIVEIRA, Fernão de. *A Gramática da Linguagem Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1975.
- CASTILHO, Ataliba T. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 1998.

- CAVALCANTE, Marianne Carvalho B. “A oralidade no livro didático de língua portuguesa: erros e acertos”. Trabalho apresentado em mesa-redonda: *Livro didático de língua portuguesa, múltiplos olhares*. Congresso da ABRALIN, Fortaleza, 2001.
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce. “Uma ciência prática do singular” In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce, MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CES/CNE. Pareceres 492/2001 (03/04/2001) e 1363/2001 (25/01/2002). [www.inep.prolei.gov.br](http://www.inep.prolei.gov.br); [www.mec.gov.br/sesu](http://www.mec.gov.br/sesu). 18/05/2003.
- Resolução nº 18, 13/03/2002. [www.inep.prolei.gov.br](http://www.inep.prolei.gov.br); [www.mec.gov.br/sesu](http://www.mec.gov.br/sesu). 18/05/2003.
- CORRÊA, Manoel L. G. “Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de Português” In SIGNORINI, Inês (org.) *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.
- *Linguagem e comunicação social: visões da lingüística moderna*. São Paulo: Parábola, 2002.
- “A metalinguagem e o ensino de língua portuguesa” In: *Trabalhos em Lingüística Aplicada*: 22. Campinas: UNICAMP/IEL, jul-dez/1993.
- *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. (tese de doutoramento). Campinas: UNICAMP, 1997.
- DIONÍSIO, A. P., MACHADO, A. R., BEZERRA M. A. *Gêneros Textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- FÁVERO, Leonor Lopes *et al.* *Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna*. (5ª ed). São Paulo: Cortez, 2005.
- FIORIN, J. L. (org.). *Introdução à Lingüística*. São Paulo: Contexto, 2002.
- FRANCHI, Carlos. “Criatividade e Gramática” In: *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, Revista do Departamento de Lingüística Aplicada – IEL – UNICAMP. Número 9, 1987.
- GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.
- (org.) *O texto na sala de aula*. São Paulo, Ática, 1997.
- GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. (3ª ed). São Paulo: Martins Fontes, 1994.

- ILARI, Rodolfo. *A Lingüística e o ensino da língua portuguesa*. (4ª ed.). São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- KLEIMAN, Ângela B. (org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- KOCH, Ingedore V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1998.
- KRISTEVA, Julia. *História da linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- MAHER, Terezinha M. “O adjetivo... quem diria? Apontamentos para um trabalho em sala de aula” In: *Trabalhos em Lingüística Aplicada*. Revista do Departamento de Lingüística Aplicada – IEL – UNICAMP. Número 9, 1987.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Introdução à Lingüística*. Lisboa, Gradiva, 1997.
- *Os termos-chave da análise do discurso*. Lisboa: Gradiva, 1997.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo, Ática, 1986.
- *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
- “A língua falada e o ensino de português” In: BASTOS, Neusa B. (org.). *Língua Portuguesa: história, perspectivas, ensino*. São Paulo: EDUC, 1998. (pp. 101-119)
- “A questão do suporte nos gêneros textuais”. DLCV: *Língua, Lingüística e Literatura*. João Pessoa, 2003.
- MILANEZ, Wânia. *Pedagogia do oral: a elocução formal sob o prisma textual-interativo*. (Tese de doutorado). Campinas: UNICAMP, 1993.
- MUSSALIN, Fernanda & BENTES, Anna Christina. *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Ed. Cortez, 2001, vol. 2.
- NEVES, Lúcia Maria W. (org.). *Educação e política no limiar do século XXI*. Campinas: Autores Associados, 2000.
- *Educação e política no Brasil de hoje*. São Paulo: Cortez, 1999.
- NEVES, Maria Helena de M. (org.). *Gramática do português falado*. São Paulo - Campinas, Humanitas - FFLCH/USP - Ed. da UNICAMP, 1999, v. VII.
- ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983. Série Grandes Cientistas Sociais, nº 39.

- PRETI, Dino. “O ensino da Língua Portuguesa: na encruzilhada entre a escrita e a oralidade” In: BASTOS, Neusa B. (org.) *Língua Portuguesa: história, perspectivas, ensino*. São Paulo: EDUC, 1998.
- REYZÁBAL, Maria Victoria. *A comunicação oral e sua didática*. Bauru; SP: EDUSC, 1999.
- RODRIGUES, Ângela Cecília S. “Língua falada e língua escrita” In: PRETI, Dino. (org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas – FFLCH/USP, 1999.
- ROJO, Roxane (org.) *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCN’s*. São Paulo: EDUC; Campinas: Mercado de Letras, 2000.
- ROSENTHAL, Robert; JACOBSON, Lenore. “Profecias auto-realizadoras em sala de aula: as expectativas dos professores como determinantes não intencionais da competência intelectual” In: PATTO, Maria Helena de S. (org.) *Introdução à psicologia escolar*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981.
- SAVIANI, Dermeval *A nova lei da educação: LDB – trajetória, limites e perspectivas*. 7ª. ed. Campinas: Autores Associados, 2001.
- SCHNEUWLY, Bernard, DOLZ, Joaquim et al. / tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- SEF. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- SILVA, Júlia Lúcia de O. A. da. *Rádio: a oralidade mediatizada – os elementos da linguagem radiofônica*. São Paulo: Annablume, 1999.
- SILVA, Maria Abadia da. *Intervenção e consentimento: a política educacional do Banco Mundial*. Campinas: Autores Associados; São Paulo: FAPESP, 2002.
- URBANO, Hudinilson. *Oralidade na literatura*. São Paulo, Cortez, 2000.
- VANDRESEN, Paulino. “A Lingüística no Brasil” In: [www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling15.htm](http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling15.htm) 10/08/2001. (Publicação eletrônica da SBPC).

## **ANEXOS**

## Normas de transcrição utilizadas

Os sinais empregados na transcrição seguem a padronização proposta em “Normas para transcrição” - Projeto NURC/SP. Segue abaixo um quadro-síntese desses sinais.

OCORRÊNCIAS	SINAIS
Alongamentos de vogais e consoantes	:
Entonação enfática/intensidade	maiúsculas
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Nomes próprios/siglas	iniciais maiúsculas
Comentário descritivo do transcritor	((minúscula))
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto	(...)
Fáticos	éh
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	“ ”
Superposição, simultaneidade de vozes	ligando as [ linhas

## Transcrição 1 – Programa “CBN São Paulo”

Gravação – 14/09/2004 – 11 h 30 min às 12 h – duração aproximada: 30 minutos

Apresentação: Milton Jung

Rádio CBN – FM 90,5 SP

Entrevistado: de pico algo em torno de três quatro minutos a menos... ontem por exemplo... às nove da noite eu fui... da Paulista ATÉ a Eusébio Matoso em cinco minutos... isso seria impensável há há sete oito meses atrás... e pra concluir Milton... é importante lembrá... que no passado antes de ter o passa-rápido antes de ter o túnel... as pessoas levavam de cinqüenta minutos de manhã pra subir a Eusébio Matoso e a Rebouças... e levavam uma hora e quinze uma hora e vinte... pra ir da Paulista até a Ponte Eusébio Matoso então... nós acreditamos que... nos próximos dois meses aquilo

[

MJ: secreta...

ali será um cartão postal da cidade...

MJ: secretário Valdemir Garredo quero agradecer sua participação mais uma vez aqui no CBN São Paulo esclarecendo esses pontos que são levantados aqui pelos ouvintes... da CBN muito obrigado secretário municipal de projetos especiais... são onze horas e trinta minutos...

Vinheta: C...B...N... atenção emissoras da Rede CBN... (top?) de cinco segundos...

MJ: onze e trinta e um.

Vinheta: Repórter CBN... as principais notícias do dia... a cada meia hora... oferecimento: Bradesco Seguros e Previdência... segurança em boa companhia...

MJ: hoje é terça-feira... quatorze de setembro de dois mil e quatro... os vinte países da América Latina e do Caribe fecharão o ano de dois mil e quatro com uma dívida externa BRUTA... de setecentos e setenta e seis bilhões de dólares... e o Brasil vai liderar a lista de endividados... segundo estudo divulgado hoje pelo ( ) Bank... segundo o relatório... o Brasil vai liderar a lista de países mais endividados em dois mil e quatro... com duzentos e vinte e dois bilhões de dólares... seguido do México... com cento e sessenta e um bilhões de dólares... e da Argentina... com cento e cinqüenta e dois bilhões de dólares... de cada dez rackers ativos no mundo... OITO

vivem no Brasil... além disso... mais da metade dos responsáveis pela criação de páginas de pedofilia... NA INTERNET têm origem brasileira... no Brasil... as fraudes financeiras que utilizam Internet e correios eletrônicos... já superam em valores financeiros os prejuízos causados a assaltos a BANCos... os dados foram apresentados pela polícia federal na primeira Conferência Internacional de Perícia em Crimes Cibernéticos... que vai até o dia dezesseis em Brasília... e reúne especialistas de mais de vinte países... a dívida externa do país... vai aumentar em dois BILHÕES de reais... em um espaço de doze meses... se o Comitê de Política Monetária decidir aumentar o juro básico da economia... a taxa selic... em meio ponto percentual... o cálculo feito pela consultoria Global Station... leva em em conta os quatrocentos e oito BILHÕES de reais da dívida do governo atrelada à taxa celic... que hoje está em dezesseis por cento ao ano.... o dólar comercial opera em alta... de zero vírgula dezessete por cento... cotado a dois reais novecentos e catorze milésimos para a venda.... o EURO está em alta de zero vírgula vinte e oito por cento e é negociado a três reais quinhentos e setenta e seis milésimos... a Bolsa de Valores de São Paulo registra alta de zero vírgula setenta e sete por cento... em Brasília onze horas trinta e três minutos...

Vinheta: Repórter CBN... as principais notícias do dia... a cada meia hora...

MJ: na Rede CBN Brasil nós voltamos a falar de BElo Horizonte... Luis Fernando Rocha qual é a situação do assalto com reféns neste momento...

LFR: olha apesar da... dos cinco... cinco assaltantes terem sido presos terem saído agora dentro da agência algemados e dominados pela polícia a situação aqui na agência do Banco do Brasil da avenida Antônio Carlos AINDA é tensa porque as informações que nós tínhamos... que nós tínhamos aqui inicialmente é que seriam sete assaltantes... ELES próprios saíram gritando que são só cinco e não são sete mas parece que a polícia NÃO acredita nesta possibilidade que são só que sejam só cinco não... eles tão procurando ainda continuam com a agência cercada... os reféns ainda estão no interior da agência e os cerca de trinta reféns e eles tentam encontrar ou tentam mais informações... e sobre esses possíveis outros dois homens que tenham participado deste assalto... informações que nós tivemos de uma funcionária que foi libertada aqui grávida de seis meses é que ela teria chegado às oito horas da manhã pra trabalhar e encontrou no interior da agência um gerente com os cinco assaltantes e o gerente disse que a família dele que estaria como refém de outros assaltantes estaria refém de outros assaltantes em outro ponto da cidade... essa informação não foi confirmada pela polícia e não foi confirmada po... por outros funcionários que

já deixaram a agência... algumas pessoas estão recebendo atendimento médico... muito vidro no chão muita confusão há u... a quantidade ENORME de pessoas e curiosos aqui... e a situação no interior da agência AINDA é tensa... espero... ah que a qualquer momento aí a gente possa dar mais informações sobre a libertação desses trinta reféns que ainda permanecem lá dentro Jung...

MJ: perfeito muito obrigado Luis Fernando Rocha falando diretamente de BELO Horizonte e nós vamos agora até BRASÍLIA onde está a repórter Rosean Kennedy...

RK: Jung... duas reuniões podem definir HOJE a estrutura do projeto da Ancinav a Agência Nacional do Cinema e do Audiovisual no Ministério da Cultura o Conselho Superior de Cinema discute a abrangência do projeto.... a reunião está prevista para durar DEZ horas.... e o ministro Gilberto Gil participa neste momento de audiência pública na Comissão de Educação do Senado... sobre o assunto.... na palestra de abertura Gilberto Gil ressaltou que a proposta ainda está sendo aperfeiçoada... e que está em consulta pública pela Internet... para receber sugestões da população.... o ministro afirmou que a proposta definitiva do governo... deve ser encaminhada pelo presidente Luis Inácio Lula da Silva ao Congresso... até o final de novembro... Gilberto Gil lembrou que a criação da Ancinav é uma reivindicação antiga do setor... e que vinha sendo pensada DESDE o governo anterior... voltou a afirmar que a idéia de que a Ancinav iria limitar a liberdade de expressão e teria perfil autoritário... foi mau entendimento da proposta... e garantiu que isso foi corrigido com alterações de termos contidos no texto... Gilberto Gil deu exemplo da regulamentação do setor em outros países e disse que a proposta do governo em discussão agora buscou inspiração em exemplos que são realizados no exterior... disse por exemplo que... no Canadá para cada canal de TV por assinatura com um conteúdo gerado fora do país... é preciso haver um canal com conteúdo gerado no PRÓPRIO pra país... na Austrália por outro lado... há uma cota para o conteúdo nacional na TV aberta... cinquenta e cinco por cento da programação... devem ser australianos... além da agência reguladora e do órgão de controle social... Gilberto Gil ressaltou que o Conselho Superior do Cinema e do Audiovisual o Ministério... propõe ao Ministério da Cultura... a criação de dois fundos de natureza contábil... e que portanto não estariam sujeitos a contingenciamento... um desses fundos seria para financiar a fiscalização das atividades do setor... e o outro para fomentar... as empresas... financiando sua expansão... Milton Jung...

MJ: essas foram as informações na Rede CBN Brasil...

Propaganda SEBRAE: SEBRAE... parceiro dos brasileiros... desistir de velhos hábitos pode ser a saída... principalmente em setores tradicionais como agricultura.... há dois anos... o plantio diversificado está resgatando a esperança de mais de MIL famílias maranhenses... tudo começou quando depois de amargar os maus resultados de uma safra de mandioca... os agricultores do município de Mirinzal resolveram procurar o SEBRAE... os técnicos avaliaram a situação... e sugeriram que o município apostasse no cultivo de outras culturas... pra que produzisse durante todo o ano... para isso os trabalhadores rurais receberam cursos de capacitação em horticultura orgânica... gestão tecnológica e associativismo... segundo o agricultor... Claudinor Costa... desistir da monocultura da mandioca foi um bom negócio... realmente mudou... muita coisa... as informações as coisas que às vezes... a gente tá trabalhando um pouco fora do do padrão... melhorou cem por cento a gente buscando sempre os conhecimentos sempre participando desses cursos as reuniões e com isso a gente teve... uma renda mais elevada melhoramento de um plantio de milho... melancia... quiabo o pepino vários outros tipos de legumes e verduras... apenas em Mirinzal mais de CENTO E OITENTA famílias vivem da agricultura familiar sendo que o projeto já alcançou mais de oito municípios maranhenses beneficiando cerca de MIL famílias... parceiro dos brasileiros... os pequenos empresários já podem contar com um tipo de seguro feito especialmente pela Caixa Econômica Federal... chamado de Caixa Seguro Empresarial... o produto oferece cobertura básica por morte serviço de assistência funeral e auxílio-alimentação... o pagamento é flexível com prestações mensais bimestrais ou semestrais... e ainda oferece a oportunidade de escolher até três capitais... faça parte desta parceria... acesse [www.sebrae.com.br](http://www.sebrae.com.br)...

#### Vinheta musical

Propaganda: Roberto Carlos sempre sonhou em ter uma família... em vez disso ele achou a Febem o primeiro dia das crianças de que ele se lembra... foi na Febem... sem família... depois de muitas fugas... ele foi adotado por uma professora... hoje o pedagogo e palestrante Roberto Carlos... tem a sua família... doze filhos adotivos... Roberto Carlos é brasileiro e não desiste nunca... Associação Brasileira de Anunciantes... o melhor do Brasil... é o brasileiro...

- o violoncelista Antônio Menezes... é o solista convidado dos concertos de setembro que a Sinfônica Municipal... faz em homenagem aos noventa e três anos do teatro Municipal... regência do maestro (Aira Levin)... no programa obras de Camargo Guarnieri... Antoine Dvorák... Heitor Villa-Lobos e Maurice Ravel... dia doze... às dezessete horas... e dias treze e

quatorze... às vinte e uma horas... censura livre... informações dois dois dois oito meia nove oito... apoio Massaini Cultural Marketing... e CBN...

- São Paulo Contra A Violência... você pode ajudar a solucionar um seqüestro... o cativo pode estar PERTO de você... fique atento... A ocupação repentina de imóvel que estava sem moradores há algum tempo... sem que haja a chegada de caminhões... com os móveis dos novos moradores... chegada de comida rápida diariamente como pizza... marmiteix e sanduíches... casa ocupada por pessoas mantida sempre fechada... sem que seus moradores sejam vistos... ou não mantenham relacionamento com a vizinhança... podem ser indicadores de um cativo... disque-denúncia... em São Paulo... zero oitocentos quinze meia três quinze... ou de outra localidade... zero prestadora onze três dois sete dois... sete três sete três... uma campanha do Instituto São Paulo Contra a Violência... e do GPR... Grupo de Profissionais de Rádio de São Paulo...

Propaganda eleitoral: eu prometi fazer o bilhete único... e fiz... muita gente não acreditou que seria possível... era bom demais para ser verdade e agora tenho compromisso de fazer o CEU Saúde... pode acreditar... Marta... uma mulher de palavra... Coligação União por São Paulo PT PC do B PL PTB PTN PRDB e PSL...

- o comentário de Arnaldo Jabor... a sua dose diária de polêmica... e inteligência no jornal da CBN... de segunda a sexta... às oito e cinco da manhã... o comentário de Arnaldo Jabor está na CBN... a rádio que toca notícia...

MJ: agora são onze hora e quarenta e dois minutos... hoje pela manhã o... técnico José Roberto GUIMARÃES diante do apelo do presidente da Confederação Brasileira de Vôlei Ari Graça para que continue no comando da seleção... feminina... de voleibol... comentou no programa Redação Sport TV da Sport TV... que o importante é ter deixado as portas abertas na seleção... não desCARta a possibilidade de voltar diz que tudo é pra se pensar e discutir... NO futuro... depois de ter ficado em quarto lugar na Olimpíada de Atenas Zé Roberto anunciou que voltaria ao time da Finasa Osasco mesmo porque o contrato dele... pra dirigir a seleção brasileira... acabou no mês de agosto... em entrevista à Agência Estado na segunda-feira... o presidente da CBV... garantiu que nem pensa em trocar o técnico da seleção... “não há menor possibilidade de o Zé Roberto ir embora” foi o que avisou Ari Graça... presidente da Confederação Brasileira... de Vôlei portanto esse é um namoro que deve se manter aí... nos próximos MEses... o José Roberto Guimarães tocando seu trabalho na Finasa Osasco... e... a Confederação Brasileira... de Voleibol... tocando... os seus trabalhos... na seleção... organizando o seu calendário... e a medida que for necessário...

chama o José Roberto Guimarães... para renovar o seu contrato e permanecer... diante da seleção brasileira de vôlei... feminino... a conversa foi hoje pela maNHÃ... no programa Redação Sport TV... da SPORT TV aliás Sport TV que vai transmitir... a partir de sexta-feira... em um de seus canais... os jogos PARA-olímpicos... a rádio CBN também estará cobrindo com equipe de reportagem... este evento... como já falei hoje aqui na programação... que reunirá... quatro MIL atletas e é sobre esse assunto que a gente vai conversar agora... com a diretora executiva da Divisão de Medicina de Reabilitação do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo... doutora Lina Mara Rizzo Batistela... bom dia pra seNHora...

LMRB: bom dia Milton... como vai...

MJ: tudo bem... doutora Lina... quando nós verificamos um evento... como esse que acontecerá a partir de sexta-feira... em Atenas os Jogos PARA-olímpicos... eu fico pensando aqui o seguinte... de que maneira... uma competição desse nível... aJUda no tratamento e reabilitação de pacientes com deficiência...

LMRB: oh... o Milton ajuda muito... eh... é importante pro deficiente entender a sua capacidade de superar a deficiência... mas eu acho que tem um segundo e mais importante impacto que é o da sociedade... a sociedade passa a ver... a pessoa com deficiência com outro olhar... o olhar do vencedor... o olhar daquele que atrai aplausos ao invés de atrair lágrimas... e isso tem uma importância ENORME na auto-estima e na vida dessa pessoa...

MJ: portanto, um...o um evento desse desse... nível ele acaba cha mudando o comportamento... ou pelo menos proporciona aí... caminho pra mudança de comportamento... tanto do deficiente como daquelas pessoas que não... não aparentam ter uma deficiência...

LMRB: exatamente... as pessoas eh... sem deficiência e as pessoas com deficiência em comum... têm o desejo... da vitória... e nesse momento quando você vê o deficiente vencendo... e você observa que ele não é nem melhor nem pior do que os outros... apenas ele é diferente... você entende que é possível aceitar... as diferenças... e entender o mundo... a partir de uma organização social que privilegia pessoas... como elas são... e não com esse modelo idealizado que nós todos temos... e que não significa que é o melhor ah... mas também não é o pior... apenas as pessoas são diferentes e elas devem ser entendidas pelas suas diferenças... eu eu acho que a gente não erra... se a gente afirmar... que um evento como esse... muda sim o comportamento... muda o comportamento da pessoa... da pessoa com deficiência... muda o comportamento dos familiares e

muda o comportamento da sociedade que passa a olhar... pra... esses... cidaDÃOS... de uma... forma diferente...

MJ: doutora Lina de que maneira vocês... aí na Divisão de... Medicina de Reabilitação do HC... trabalham... um evento como esse... vocês... eh::... pedem pra que as pessoas que tão fazendo esse trabalho de reabilitação assistam aos jogos... vocês motivam a participação delas... existe algum trabalho nesse sentido?

LMRB: ah existe... veja... nós nós temos dois atletas nossos... que passaram o processo de reabilitação aqui... na DMNR... participam ativamente... de uma associação formada aqui dentro sediada aqui dentro... que é uma associação esporTIva da Divisão de Medicina de Reabilitação... e que hoje estão como atletas na Para-olimpíada... então você imagina ah... a satisfação e a felicidade né... então todos os nossos televisões vão ta ligados, nós vamos ta divulgando... e queremos realmente aproveitar muito esse momento...

MJ: agora... não choca um pouco... agora pouco eu ainda conversava sobre:... esse assunto... lembrava que... São Paulo... o estado de São Paulo começa a semana... eh... do voluntário... exatamente HOJE... chaMANDo a atenção pras ações afirmativas... favor da incluSÃO na sociedade... de pessoas que têm qualquer tipo de deficiência... mas não choca um pouco? as pessoas vão a Atenas... nós temos um time aí... de qualidade a gente vê esse pessoal jogando numa cadeira de roda fica impressionado com a habiliDAde que tem pra jogar numa cadeira de roda... só que aí quando sai daí do hospital vai andar pela rua não consegue andar com a sua cadeira de roda...

LMRB: eu... eu acho que a gente não conseguiu tudo que queria ainda Milton... e a semana da solidariedade... que é uma iniciativa da... da Maria Lúcia Alckmin... vai mostrar isso... mas a gente caminhou MUIto... se nós olharmos pra trás... na década de oitenta... a cidade... estava ainda mais inacessível... as dificuldades eram MUIto maiores.... hoje a gente olha pruma cidade que... minimamente tem a noção de que o deficiente existe... nós temos políticas PÚBLicas voltadas pra valorização da saúde... da educação e do desporto da pessoa com deficiência... nós temos alguns pecados? muitos... nós não somos ainda tão abranGENTES como nós gostaríamos... nós não conseguimos ter todas crianças deficientes na esCOLa... nós não conseguimos atender na área de saúde todas as pessoas com deficiência... nós não conseguimos ter LAZER e trabalho pra todas pessoas com deficiência... mas a gente melhorou muito... a gente tem eh... um planejamento eh... em termos de política de... a adaptação profissional... existem áreas de lazer pra pessoas

portadoras de deficiência... a saúde em São Paulo no que tange ao portador de deficiência É UM EXEMPLO... é um exemplo festejado no MUNdo inteiro.... a... a qualidade do atendimento... em reabilitação... da cidade de São Paulo... então eu eu acho que a gente tem que olhar... pras coisas que deram certo... e temos que ter CLArO que a sociedade preCIsa continuar pressionando... é um lobby justo... legal e ético... no sentido de que as políticas públicas se transformem numa realidade... eu acho que a sociedade se organiza através de pressão... e o Estado... enquanto governo... responde a essas pressões... eu acho que a gente conseguiu muita coisa... não conseguimos tudo que queríamos... mas não vamos desistir da nossa luta e vamos festejar nossas vitórias...

MJ: doutora Lina... muito obrigado pela sua participação... boa sorte aos atletas aí do HC...

LMRB: estamos festejando... o Alex e o Marcos...

MJ: tá bom muito obrigado...

LMRB: um abraço...

MJ: doutora Lina Mara Rizzo Batistela... conversando com você ouvinte do CBN São Paulo... ela é direTORa executiva da Divisão de Medicina de Reabilitação do Hospital das Clínicas... da Faculdade de Medicina da Universidade de São PAUlo... mostrando a imporTÂncia do jogos para-olímpicos... para... o trabalho de reabilitação que se reali... se desenvolve em locais como... o Hospital... das Clínicas... e nós falávamos aqui sobre a seMAna da solo solidariedade... a ReNAta Pedini tem informações... pra você...

RP: a quarta edição do evento... promovido pelo Fundo Social de Solidariedade de São Paulo... é dedicada às pessoas com deficiÊncia... são quase quatro milhões no estado... de acordo com o último censo do IBGE... a intenção é promover a intenção do grupo... no mercado de trabalho... o que já é garantido por lei orgânica da Previdência Social... que determina a existência de cotas em empresas privadas... nesta edição... serão realizadas atividades para mobilizar diversos setores... como explica a presidente do Fundo Social de Solidariedade... Lú Alckmin...

LA: com essa mobilização... o governo... entidades... sociedade civil... eh... e empresas... o que nós buscamos... a sensibilidade é muito importante... a formação dessas pessoas... ah... pro profissionalmente e... também... a empregabilidade... aí entra as empresas né... para que possam... ah para que essas pessoas possam serem contratadas nas empresas...

RP: até o dia vinte e um... terça-feira da semana que vem... catorze entidades da capital paulista... que atendem população carente com deficiência... serão visitadas pelo Fundo Social de

Solidariedade... na Estação Especial da Lapa... zona oeste... que já possui oficinas de capacitação... será realizado um curso para quem atende deficientes... com a coordenação da Divisão de Medicina e Reabilitação do Hospital das Clínicas... de São Paulo... Renata Pedini...

MJ: onze horas... cinquenta e um minutos...

Propaganda eleitoral: nesta eleição para prefeito de São Paulo... o melhor candidato... é uma mulher... experiente... honesta... competente... Erundina... sempre do lado do povo... coligação Compromisso com São Paulo PSB PMDB PMN... propaganda eleitoral gratuita São Paulo.

Propaganda SEBRAE: SEBRAE... parceiro dos brasileiros... o trinta e cinco já era o seu número de sorte... e agora é também o da parceria nos pequenos negócios... confira o programa Parceiro dos Brasileiros... em cinco edições diárias... pela manhã às sete e trinta e cinco... dez e trinta e cinco e onze e trinta e cinco... e a tarde... às quatro e trinta e cinco e seis e trinta e cinco... reprise aos sábados e domingos... SEBRAE... parceiro dos brasileiros...

- Bel... aprendeu a andar de bicicleta... aos quarenta anos... Luíza aprendeu a nadar... aos TRINTa e dois... Zé Alves... aprendeu a LER e a escreVER aos cinQUÊnta e três... idade... não é impedimento para aprender... principalmente a ler e a escrever... ligue zero oitocentos meia um meia um meia um... e participe do programa Brasil alfabetizado... três mil municípios do país já têm o programa... Brasil alfabetizado... a educação mudando o Brasil... Ministério da Educação... Brasil... um país de todos...

MJ: onze horas e cinquenta e dois minutos... a informação é de Tatiane Conceição...

TC: Milton Jung... os funcionários do Hospital São Paulo... parados DESde dia dezoNOve de JULho... podem voltar ao trabalho no dia dezesseis de setembro... caso o projeto de lei que cria um plano de carreira para a categoria... seja enviado ao Congresso Nacional até AMANHÃ... dia QUINZE...o próprio sindicato admite que o movimento está desgastado... com cerca de vinte por cento dos funcionários parados... amanhã ao meio dia... haverá uma Assembléia no Espaço Cultural da Unifesp... que fica na rua Borges Lagoa número setecentos e setenta... para decidir se a greve continua ou não... Milton...

MJ: onze e cinquenta e três...

Propaganda: campanha da cidadania... Justiça Eleitoral... cuidar de uma casa não é nada fácil... tem a educação dos filhos... o cuidado com a saúde... a limpeza... e ainda tem que administrar bem o orçamento... é assim que o prefeito deve cuidar de nossa cidade... aqui em casa a última palavra é minha... mas na hora de escolher o melhor pra nossa cidade... a palavra é nossa... eu sou

Adriana Polezer... dona de casa... cidadã... eleições dois mil e quatro... o destino da sua cidade na sua mão... vota Brasil... Justiça Eleitoral...

MJ: onze horas e cinqüenta e três minutos Kátia Tofoletto...

KT: bem Milton... nós... pegamos aí o corredor do Passa-rápido Campo Limpo... Rebouças e Centro... saindo lá da: avenida Paulista às onze e trinta e oito da manhã... e chegamos até aqui a ponte Eusébio Matoso... às onze e cinqüenta e quatro... neste momento nós estamos fazendo aqui o reTORno... nós demoramos portanto todo este tempo pra percorrer esse novo corredor da... Rebouças... justamente onde começou a funcionar na segunda-feira... o Passa-RÁpido... e a gente observou aí algumas faixas ao longo do trajeto... o trânsito que tá... bastante intenso... neste momento... pela avenida Rebouças no sentido bairro... a gente observou algumas faixas informando aí sobre as paradas de ônibus ao longo da avenida Rebouças orientando aí para que... os motoristas reduzam... a velocidade... também observamos aí algumas faixas... de acesso... ao túnel... no túnel nós passamos sem nenhuma dificuldade não havia... muita movimentação de veículos... mas assim que nós terminamos esse trajeto do túnel... aí sim... de novo um pouquinho... o trânsito MAIS carregado... observamos ainda... que as obras ainda estão sendo executadas no canteiro central também... nas calçadas... onde está sendo feito justamente aí esse enterramento dos fios... da rede elétrica... as pessoas nos pontos... de ônibus... o corredor... em si... não tem muita movimentação de ônibus não... o movimento de ônibus é bem mais tranquilo... o ônibus passa aí na velocidade máxima permitida... que é de setenta quilômetros por hora... Milton...

MJ: onze e cinqüenta e cinco...

Propaganda eleitoral: para aquele que votou em mim... aqui em São Paulo... que acredita em mim... eu recomendo... ao votar para vereador... o número é cinqüenta e SEIS... para vereador cinqüenta e SEIS... preFEIta... meu nome é HavaNIR... cinQÜEnta e seis...

Vinheta: Mais São Paulo... a CBN abre espaço para uma cidade melhor... de segunda a sexta... os assuntos mais importantes do dia-a-dia dos cidadãos... estão no boletim Mais São Paulo... com Gilberto Dimenstein... oferecimento: revista Porto Seguro Brasil... a revista do Brasil que dá certo... já nas bancas...

Vinheta: Programa de Hoje...

FBS: os hits do grupo Inocentes... com Clemente... e a irreverência de Marcelo Nova... ex-Camisa de Vênus... é a atração de hoje do projeto um banquinho e rock and roll... a programação

que reúne músicos que despontaram no cenário do rock nacional dos anos oitenta... entre eles Léo Jaime... Paulo Miklos... Supla e Edgar Scandurra... vêm lotando o Centro Cultural Banco do Brasil... e se transformando num novo programa dos paulistanos... as apresentações acontecem todas as terças-feiras em dois horários... a uma da tarde e às sete e meia da noite... os idealizadores do projeto... Dicas Nascimento e Fernando Lopes... criaram essa combinação e resolveram colocar a iniciativa em prática... a idéia é tirar guitarra bateria e baixo... instrumentos característicos do rock... e deixar no osso para valorizar as letras melodias e performances... ((música de fundo)) hoje você confere Marcelo Nova e Clemente... no Centro Cultural Banco do Brasil... que fica na rua Álvares Penteado... cento e doze... região central... o ingresso custa seis reais... Fabiana Boa Sorte... para a CBN...

Vinheta musical

MJ: CBN São Paulo desta sexta... aliás desta terça-feira... vai ficando... por aqui... nós voltamos amanhã... QUARta-FEIRA... dia QUINze de setembro de dois mil e QUATro ... às DEZ horas da manhã... você tem agora o Repórter CBN... na seqüência o horário eleitoral... e o CBN Brasil ao meio dia e trinta... tenham todos uma Ótima tarde...

Vinheta: CBN São Paulo... as notícias da nossa cidade...

Vinheta: rádio CBN... ZYK meia nove cinco AM setecentos e oitenta quilohertz... e ZYD oitocentos... FM noventa vírgula cinco megahertz... São Paulo...

Vinheta: atenção emissoras da Rede CBN... (top) de cinco segundos...

?: onze e cinqüenta e oito...

Vinheta: Repórter CBN... as principais notícias do dia... a cada meia hora... oferecimento: Bradesco Seguros e Previdência... segurança em boa companhia...

?: terça-feira... catorze de setembro de dois mil e quatro... o governo fará um esforço concentrado para pelo menos... dar encaminhamento ao projeto das parcerias público-privadas (na) comissão de assuntos econômicos do SeNAdo.... a informação é do ministro do planejamento Guido Mântega... que participou de seminário em São Paulo na manhã de hoje... à tarde ele participa de reunião no Senado para tratar do tema... cinco homens armados de fuzis e metralhadoras invaDIRam nesta manhã... uma agência do Banco do Brasil em Belo Horizonte... eles fizeram TRINTA reféns... os assaltantes já foram presos pela polícia... os reféns estão sendo atendidos por médicos... em Brasília... onze horas e cinqüenta e nove minutos...

Vinheta: Repórter CBN... as principais notícias do dia... a cada meia hora...

Vinheta musical

- CBN... tempo e temperatura... informações Clima Tempo... o ar seco voltou a predominar e o sol aparece forte aqui em São Paulo... ainda não temos condições críticas nem de umidade relativa... e nem de poluição... mas a qualidade do ar voltou a piorar um pouco... amanhã teremos mais nuvens aqui em São Paulo com avanço de uma frente fria... a previsão é de algumas pancadas de chuva à tarde... que voltam a limpar o ar aqui na cidade... as chuvas são isoladas e passageiras e não têm grande volume não... nas... quinta-feira... o sol ainda predomina em São Paulo... com menor quantidade de nuvens... mas na sexta-feira... a umidade que o vento traz do mar volta a deixar o céu nublado... na maior parte do dia... tanto na capital... quanto no litoral... máxima prevista hoje é de vinte e nove graus... Patrícia Madeira da Clima Tempo para a CBN...

Vinheta: C...B...N...

Horário Eleitoral Gratuito: vote PMN trinta e três... o PMN tem como ideal o bem da coletividade... e não de uma minoria... assim... quer eleger vereadores para que lutem na Câmara Municipal... apresentando projetos que visam ao interesse coletivo... o PMN preCISA de seu voto... São Paulo preCISA de seu voto... vote PMN... vote trinta e três... vereadores do PPS com Serra prefeito... Marco (Lacava)... vinte e três setecentos... e cinquenta... Marco Saca Pucin... vinte e três dois três três... Léia da (OESP)... vinte e três zero quarenta e cinco... sou mulher... negra... paulistana de nascimento e coração... lutarei como sempre fiz pela cultura popular que eu considero séria... que deve ser mais respeitada pelos poderes públicos... como vereadora vamos continuar essa luta... confirme... vinte e três... zero quarenta e cinco... Maria do Bororé... vinte e três... zero noventa e um... Mário (DC)... vinte e três... cento e oitenta... PPS está com Serra também... Joca Martins... vinte e três... trezentos e quarenta e cinco... senhores pais... vocês sabem das dificuldades da entrada dos jovens no mercado de trabalho... fui...

## **Transcrição 2 – Programa “A voz do Brasil para Cristo”**

Gravação: 26/10/2004 – início: 10 h 55 min – duração aproximada: 30 minutos

Direção: Pastor Paulo Lutero de Mello

Apresentação: Evangelista Buaiz de Mello

Rádio Musical – 106 FM

L: nove da manhã... músicas... entrevistas... debates... informações... utilidade pública... mensagens e orações... com o evangelista do povo de Deus...

L: vem aí... terceiro encontro “Mulheres em comunhão”... o Senhor tem algo novo para você... ele tem vestes novas para o seu ministério e para sua vida... dia trinta de outubro... no Expo Barra Funda... em São Paulo... ministrações poderosas com a pastora Vera Lopes... e do apóstolo Sérgio Lopes... terceiro encontro “Mulheres em comunhão”... inscrições pelo telefone... três meia sete três... quatro meia meia quatro... três meia sete três... quatro meia meia quatro... cento e cinco vírgula sete... mais música...

Vinheta

L: FM Musical... receba o poder de Deus...

L: Na FM Musical... você sempre sintoniza a melhor programação... nove da manhã... debates... com o evangelista do povo de Deus... da uma às três da tarde... uma palavra profética... Deus vai dar a você uma condição... espiritual porque sobre você... está a palavra do senhor... uma revelação da parte de Deus para a sua vida... ALELUIA... programa “Uma palavra para o seu coração”... com o apóstolo Sérgio Lopes... e aos sábados... às nove da manhã... programa “Você pode ajudar”... com Cláudio Apolinário... esta é a programação da sua FM Musical...

vinheta 2

Vinheta 3

L: A voz do Brasil... para Cristo... sob a direção do pastor Paulo Lutero de Melo...

((música de fundo))

B: ONze horas... na capital de São Paulo e pra você... A Voz... do Brasil para Cristo... hoje na apresentação... evangelista Buaiz de Mello... bom dia... bom dia pra você aonde estiver... TERça-feira... vinte e seis de outubro... do ano do nosso Senhor Jesus Cristo de dois mil e quatro... um boa dia pra você vitorioso... que você tenha um dia de paz... de vitória e de alegria... e você está ouvindo a voz do Brasil para Cristo... tem a direção geral do meu irmão... pastor Paulo Lutero de Melo... hoje na apresentação... evangelista Buaiz de Mello... daqui a pouquinho o pastor Luís Fernandes Bergamin... porque HOje... é espaço conversão e ele estará entrando no ar... e nós queremos agradecer... já no início da nossa programação... aos diziMistas e oferTANtes do grande templo Brasil para Cristo Pompéia... na pessoa do seu pastor... o pastor Paulo Lutero de Melo... a quem eu mando um abraço... um grande beijo pra você... e já lembrando que amanhã... GRANde templo Brasil para Cristo Pompéia... estará sendo realizado a partir das sete horas da noite... um GRANde encontro com Deus... como TODas as quartas-feiras acontece... a quarta-feira de poder... de BUSca... de libertaÇÃO... e amanhã você é nosso convidado para esse evento... aqui ao meu lado... o presbítero Carlos... bom dia... presbítero Carlos...

PC: bom dia... evangelista Buaiz de Mello... povo de Deus... nós possamos ter um dia abençoado... um dia frio... mas gostoso né...

B: nublado...

PC: é... chu... um pouquinho de chuva... mas a gente aprendeu que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus...

B: mais Carlos... mais bonito do que isso... é que:: a visão do crente... eu gosto sempre do dia nublado... para mostrar para o crente o seguinte... o homem comum... o homem que não tem Deus... ele vê o dia como está vendo agora... aquele que é otimista sabe que acima do céu... dessa... nuvem... escura... há o céu... se você for ao aeroporto agora e pegar um avião... e o avião começa a taxiar na pista... e você vai de encontro a essas nuvens... quando ele levanta o vôo... ele vai de encontro co essas nuvens CINzas... e quando você passa pelas nuvens... ela:: estão mais carregadas ainda e e ta lá nas nuvens ta chovendo... você vê a... passando no no no lado do avião... as goTÍculas... e o avião vai avançando com firMEZA... com firmeza... cada vez o piloto aceLera mais... ele põe mais poTÊNcia nos motores... e aquilo vai... as turbinas vão a mil e ele vai vencendo o espaço... e DE repente... você sente uma paz... tranqüilidade... e você atinge uma altura... aonde só tem... luz... céu... acima das nuvens... acima das nuvens o céu está ali... está lá...

azul... briLHANdo... então o período que a Terra passa aonde as nuvens estão aí... assim também a vida do crente... a ta... assim também é a sua vida.... você que está me ouvindo aGOra... eu não sei qual a chuva... qual a tempestade que está ocorrendo na sua vida AGORA... talvez a sua vida esteja aí um dia nuBLADO... nublado no seu traBALHO no seu emPREGO na sua CAsa... na sua faMÍlia... você está o vendo... olhando pra cima e pergunta... meu Deus cadê o sol? cadê o céu azul? de onde virá o socorro? e aí a bíblia sai... sábia demais... teu socorro vem do senhor... se você tiver fé... se você for preparado... tiver a visão e a visão de um homem de uma mulher de Deus... você vai saber que acima dessas NUvens esCURas... está o céu aZUL... o sol continua brilhando... o firmamento lá está... TUdo é passageiro... TUdo é passageiro... mas se você não se desesperar... e colocar... ASAS da fé... se mon...se se... equipar com Asas da fé... ACELERAR os teus motores... colocar potência nos teus motores da fé... você vai enxergar a vitória... a vitória que esTÁ PRÓxima de você... então... não fique desesperado... não fique triste... não fique abatido... porque aCIma dessas nuvens escuras... nuvens e tempestade... há um céu azul... há um céu de brigadeiro... há um sol brilhando.... Jesus... está... por trás da tua vitória... eu quero orar com você agora... para que o Senhor abençoe o nosso programa... as nossas vozes e:... em seguida vamos ouvir um hino bem gostoso... e estaremos dando continuidade... ao programa que é meu seu nosso “A voz do Brasil para Cristo”... hoje espaço conversão... quando for mais ou menos onze horas vinte cinco minutos... pode aguardar... nós estaremos entrando com uma mensagem POderosa... da parte de Deus... da pessoa do pastor Luís Fernandes Bergamin... que daqui a pouco estará conosco... e hoje será um dia abençoado... temos novidades para falar com você... PARTICIPAção... iremos falar do nosso SIte... TANtas coisas gostosas... iremos cantar... você é o nosso convidado... fique conosco onze horas cinco minutos... é “A voz do Brasil para Cristo”...

((música de fundo))

B: Senhor Deus... te agradeço oh pai... no início da nossa programação podemos falar de ti... oh pai... podemos falar do teu amor... podemos falar... da tua paz... da alegria que tu nos DÁ.... des te servir... senhor Jesus... te agradecemos pelo dia que... mais um dia que raiou... te agradeCEmos Senhor pela nossa família... te agradecemos por tantas coisas maravilhosas... mas pai também queremos te pedir por aqueles... que não têm a mesma oportunidade Senhor Jesus... de estar te agradecendo... porque estão passando... passando por momentos de necessidades... que só tu sabes e esta pessoa... que ora conosco sabe oh Pai... quantas portas de empregos que estão fechada para pais de famílias... e um pai de família... que não tem um emprego... nós sabemos a

dor a tristeza de não poder alimentar o seu filho... chegando numa época agora que é uma época festiva época época de Natal... aonde o comércio... aonde as propagandas os obrigam... a dar presentes a obriga... os obriga a dar brinquedos para os filhos e têm muitos que não têm essa possibilidade... Senhor... Pai Celeste te pedimos uma benção especial... financeira para essa vida... te pedimos... Senhor... a benção da união ainda para casais que estão dispersos... maridos... que não estão BEM com as suas esposas... com seus filhos... Senhor... LAres que estão destruídos... conFUsos... ministÉrios que estão divididos... fraquea fracaSSADOS... fraquejando Senhor... fortalece... oh Pai... te pedimos Senhor a tua unção especial... sobre aqueles que estão agora nos escutando... escutando dos hospiTAIS de São PAUlo... do interior... Senhor Jesus... aonde a espeRANnça já desvaNEI já se FOI... aonde o médico já deu a sentENÇA... dizendo... não... não há CURA... mas... Pai celeste... tu não se manifestou ainda... TU ÉS aQUEle que DÁ a sentença final... TU ÉS aquele... SENHOR... que após o médico falar... NÃO TEM MAIS JEITO... nós olhamos para ti oh Pai... olhamos para os MONtes e pergunTAMos de onde nos VIRÁ O SOCORRO? e nós responDEmos COM FIRMEZA... O NOSSO SOCORRO... VEM DO SENHOR... que fez o CéU e a Terra... E QUE FAZ recuAR a doença... QUE FAZ RE... RECUAR... A SENTENÇA DADA pelo médico... QUE FAZ RECUAR A SENTENÇA DADA PELO ADVOGADO... AONDE NÃO HÁ MAIS ESPERANÇA EU OLHO PARA OS MONTES... MIL CAIRÃO DO MEU LADO... DEZ MIL À MINHA DIREITA... E EU NÃO SEREI ATINGIDO... PORQUE A NOSSA PALAVRA... A PALAVRA DO CRENTE... A PALAVRA DO HOMEM E DA MULHER DE DEUS... É A PALAVRA DA CERTEZA... É A PALAVRA DA FÉ... É A PALAVRA DE QUEM CRÊ... É A PALAVRA DE QUEM SABE QUE A CURA JÁ ESTÁ... AO NOSSO LADO... QUE A VITÓRIA É NOSSA... NÃO EM NOME DE UMA IGREJA... NÃO EM NOME DE UM PASTOR... MAS NO NOME SANTO... E PODEROSO DE JESUS CRISTO... e é com estas palavras Senhor... que nós oramos agora... por pastores que estão doENtes tambÉM... pastores que estão enFERmos... como o pastor Daniel dos SANTos... pastor RamPAzio e OUTROS pastores da nossa denominação... e OUttras denominações... que estão presos a um leito de dor oh Pai celeste... TRANSFORMA o que é doente em SÃO... transforma lágrima de tristeza... em LÁgrima de alegria... A LÁgrima de desespero em lágrima de esperança... A LÁgrima da derrota na LÁgrima da vitória... porque tu és DEUS... tu és podeROso... tu és SUPREMO... tu és Senhor... e em TI confiamos... em ti

deposiTAMOS a nossa fé... em nome de Deus Pai... Deus filho... e Espírito Santo amém Senhor... amém...

((música de fundo))

B: meu Deus... suprirá... ((música)) você ouviu ministério (efatá) da Igreja Brasil para Cristo de Jacuí... cantando “Ele... suprirá”...

Vinheta 1

B: onze horas dezessete minutos e eu quero dar uma dica de saúde pra você... de um produto que é campeão de vendas e é campeão de vendas não é à toa... porque está muitos anos... as pessoas compram... está no ar aqui conosco há muitos anos... as pessoas compram e repetem a compra porque é bom se SENTem BEM... e ninGUÉM repete uma compra... ninguém repete a dose... se não fosse bom... é bom demais... só que você ouve muitos anúncios aí... e nós aqui anunciamos sim há MUITos anos o verdadeiro ginkgo biloba... e eu estou com a Maria na linha... pra falar desse verdadeiro ginkgo biloba extrato seco... de ginkgo biloba que faz bem à saúde... faz bem pra pele... faz bem para o organismo... uma planta...eh::... que É SAÚDE é siNÔNimo de saúde... bom dia... Maria...

M: BOM dia... Buaiz...

B: é uma alegria falar com você Maria...

M: é um prazer imenso falar com você e com todos que nos OUvem... né... Buaiz...

B: Maria... todos estão aí querendo saber os beneFÍcios... de ginkgo biloba...

M: isso... esse produto ce... cem por cento natural... né... indicado pra você que tem problemas com varizes... aquelas varizes que doem muito... também tem... ele pode ser usado também pra você que tá estressado cansado... por você que ta mal-humorado... né Buaiz...

B: é verdade...

M: porque hoje em dia o mau humor faz parte até por causa da poluição...

B: Maria... o que tem de gente de cara amarrada... cara feia reclamando da vida é demais... e vamo TACÁ ginkgo biloba NELES...

M: é TRÂnsito... é poluição... é Fila no banco... então você tem que com toma alguma coisa pra se ajudar... né... Buaiz...

B: é o ginkgo biloba não é que ele mexe no... na psique da pessoa... mas ele dá Ânimo... ele dá vonTAd e enerGIA... a pessoa... se sente energizAd a com vontade... né Maria?

M: isso... ele é um depurativo do sangue... né... que que ele faz... ele limpa as toxinas da corrente sangüínea... ativando também a circulação... melhorando problemas como labirintite tontura vertigens... zumbido também no ouvido... isso é mais com o avanço da idade... né...

B: é verdade...

M: pessoas mais jovens podem usar pra ter uma pele mais bonita... mais saudável... livrando-se de cravos... espinhas... porque a pele fica oleosa... né...

B: é verdade...

M: usou ginkgo biloba você estará limpando a sua corrente sangüínea... e... a pele fica muito mais bonita... né... Buaiz...

B: ele tem um amplo é... leque né de... de aplicações... e ginkgo biloba... tá chegando agora... épocas especiais... você vai guardando esse número... se você não for pedir agora... GUARDE o nosso número... para quê?... pra você pode DÁ saÚde de presente... quem sabe no dia do... dia do NaTAL... tá chegando aí tantos dias especiais... aniversário de um amigo... de uma amiga... da mamãe do papai um aniversário... DÊ saÚde... sabe por quê?... porque você estará dando um produto JÁ é é comproVADA efiCÁcia... e...

M: quinze anos de mercado...

B: quanto tempo?

M: quinze anos...

B: SÓ QUINze anos...

M: eh... ((risos))

B: se TÁ aqui...

M: indicado por vários médicos...

B: e olha... Maria a gente o... ouve jornais e vê toda hora... escândalo... gente no Procon... reclamando de empresas... que vendem... FAlam que é ginkgo biloba... põe lá uma serragem... põe lá não sei o quê... essas empresas Abrem e FEcham... a Maria está há QUINze anos no mercado... dando saúde pra população de São Paulo... né Maria?

M: exatamente... ginkgo biloba é sinônimo DE SAÚDE...

B: Maria... e o TELEFONE da saÚde?

M: DDD onze... meia sete dois quatro... meia meia... meia sete...

B: marque esse telefone... meia sete dois quatro... meia meia... meia sete... vou repetir... meia sete dois quatro... meia meia meia sete...

B: pedindo ginkgo biloba hoje você vai receber daqui a três semanas... é Isso... Maria?

M: não não... pediu extrato seco de ginkgo biloba puro e sem mistura... que usa só... uma cápsula ao dia... e isso eu comprovo pra você no rótulo do seu frasco... é uma cápsula ao dia... por quê? porque as miligramas que contém esse produto... já vai fazer o efeito de um ginkgo biloba tradicional... que normalmente você teria que usar quatro cápsulas ao dia Buaiz...

B: e em vez de usar quatro é um por dia porque ele é CONcentrado... e uma cápsula BASTa...

[

M: uma cápsula...

B: ... olha só o que RENDe... UM pote de ginkgo biloba... olha o que rende...

M: em dois meses...

B: quanto tempo Maria?

M: dois meses um pote você leva mais dois de cortesia...

B: mais Maria eu pedindo hoje eu pe... eu recebo quando?

M: você vai receber amanhã... vai levar um PRESENTÃO Buaiz...

[

B: olha só...

B: e qual o presentão... Maria?

M: é a LEVEDURA NUTRIVIDA...

B: ah:...

M: aquele que você tá usando...

B: e tô bem... tô tomando... tô feliz da vida com ele Maria...

M: ele é um complemento alimentar rico em vitamina B um B dois e B seis... mais se liga AGORA... porque também tem mais promoção... o valor hoje parcelado em duas vezes... será o VALOR DE A VISTA...

B: olha... então é se eu tivesse comprando a vista você vai parcelar...

M: em duas vezes... cheque pra dez do onze e dez DO DOze... saiu fora dessas datas... aí não é o valor de a vista...

B: olha só... você vai pagar o mesmo preço a vista... já com desconto em DUas vezes...

M: isso...

B: o primeiro cheque pra dez do onze... você tem que ligar... e a Maria vai dar MUIta ... muito mais brinde pra você... muito mais PRÊMio pra você... presente... não é brinde não... é PRESENTE... fora a nécessaire que é LINDa também...

M: isso... Buaiz... cê também fala tudo... né... conta todos segredos...

B: não... a nécessaire é muito bonita... e quando acabar o remédio isso vai servir pra tanta coisa ...

M: então é só ligar AGORA e não perca a promoção cinquenta por cento de desconto... levedura e nécessaire de brinde... cheque pra dez do onze dez do doze... valor de a vista... mas qual é o telefone dessa maravilha... Buaiz?

B: meia sete dois quatro... MEIa MEIa meia sete... É SÓ NESTE telefone... meia sete DOIS QUATRO... meia meia meia sete... liga agora a Maria tá te esperando lá... ela vai dar todas as dicas... se a senhora tiver DÚvida... se o irmão tiver dúvida... pode ligar... olha é são consultores ta... você vai falar o que você precisa mais e eles vão te ... vão te falar de outras coisas que eles têm... e hoje o principal é ginkgo biloba... mais LIgue lá... com TODa paciência eles vão te atender... meia sete dois quatro... meia meia meia sete... meia sete dois quatro... meia meia meia sete... até mais Maria...

Vinheta.

Anúncio: dia vinte e sete de novembro... no maior parque de diversões... da América Latina... Hopi Hari... acontece mais um grande evento gospel... será um dia especial com muito louvor diversão e confraternização... você não pode ficar de fora dessa... é dia vinte e sete de novembro... no Hopi Hari... maiores informações ligue... zero oitocentos... sete sete um... quatro cinco quatro zero... zero oitocentos... sete sete um... quatro cinco quatro zero... realização e organização... Jubrac São Paulo... Juventude Unida... O Brasil para Cristo...

B: onze horas vinte e quatro minutos... olha esse anúncio do Hopi Hari tá MUIto bom... muito bom mesmo... ô ô ô Zinho... COLOCA de novo... você que tá em casa presta atenção que eu vou comentar... sobre... esse anúncio... vai lá... Zinho...

Anúncio novamente...

B: taí você é o nosso convidado... meu irmão... É A MELHOR oportunidade presbítero Carlos... a pessoa tá visitando o Hopi Hari... pra que que você vai... você que tá planejando com a tua família... você... jovem... tá planejando uma visita ao Hopi Hari... mais pra que você vai fazer numa época... em que não vai ter gente igual a você lá... vai ter (imp...)... vai ter pessoas que... enfim... poxa... vai num dia que vão todos jovens evangélicos... vão famílias inteiras... eu vou estar lá... os pastores da nossa igreja pastores Bergamin... pastor Paulo Lutero pastor Lucena... pastores... nós vamos ter show gospel lá... vão ter cantores... QUER DIA MELHOR PRA IR NO HOPI HARI do que esse? e há outra coisa... vai tá mais barato... você vai po ... pagar parceLAdo... pode ir a mamãe o papai... a família inteira o vizinho... é um ótimo dia pra evangelizar... quer evangelizar legal porque lá só vai ta nós evangélicos... e sabe que que... sabe que vai ser mais legal ainda... é que você vai poder levar... famílias... para conhecer o evangelho... e você dá aquela disfarçada... a pessoa nem vai perceber... se tá a fim de evangelizar teu vizinho... aquele teu amigo de escola... de faculdade? você tá a fim de evangelizar aquele teu amigo do trabalho? fala pra ele vamo no Hopi Hari com a gente... ah mais eu não tenho dinheiro pra pagar... paga em duas vezes daqui a pouco o Carlos vai falar duas... três vezes aí... dá pra pagar tranqüilamente... você vai levar ele sabe pra onde? pro um dia de festa... alegria... e vai ter evangelizaÇÃÃO lá no Hopi Hari... fora aqueles brinquedos... que eu Acho que você tem medo de andar... eu não tenho medo... e aí Carlos... vai ser um dia de festa lá... né?

C: é com certeza...

B: VINTE SETE DE NOVEMBRO?

C: vinte sete de novembro...

B: TÁ CHEGANDO AÍ...

C: é a... hoje é vinte e seis daqui... trinta dias estaremos lá no Hopi Hari invaDINDO... invadindo o Hopi Hari...

B: UM MÊS?

C: daqui um mês... então você:: ah mas não dá mais tempo...

B: lógico que dá...

C: anote o telefone... zero oitocentos... sete sete um... quarenta e cinco quarenta...

B: É DE GRAÇA...

C: o telefone é... gratuito...

B: É DE GRÁTIS o telefone...

C: não precisa nem pagar pra ligar... tá certo... então você vai ligar lá pra convenção... vai tirar todas as informações... Buaiz falou dos brinquedos do Hopi Hari... a gente precisaria de um programa todo só pra falar dos brinquedos... ah... mas eu quero aqui ah me me ... me manter nos objetivos des... dessa... festa... no dia vinte e sete de novembro... que é... a confraternização... vamos tar todos juntos... podemos brincar juntos... conversar... comer juntos... cultivar juntos lá... eh::... o Buaiz disse da evangelização vai ser... um um um ponto forte do... eh:: do dia vinte e sete é a evangelização... e a::... além disso nós também vamos trabalhar no social... porque a pessoa vai levar um quilo de alimento que depois nós vamos... distribuir... pra:: pras instituições... ligadas a nós e a outras igrejas também... eh:: pra ajudar as famílias carentes aí... que precisam de alimentos... tá certo... o parque do Hopi Hari é um parque temático... então a algumas tão achando ah::: mas eu tenho oitenta anos... eu tenho sessenta... eu tenho dez não vou... é uma ... é um parque PRA TODAS AS IDADES... pra família toda...

B: se você não pode tem aqueles eh eh eh... cinemas cento e oitenta graus Carlos...

C: TEM DE TUDO...

B: que você se sente dentro de um... de um parque de dinossauro... é a coi mais linda do mundo... você tem a impressão que tá lá dentro... cinema três D... tô dizendo isso pra quem não gosta dos brinquedos tá... tem VÁrias atrações CULTURAIS também... e fora os brinquedos que a moÇAda vai adorar... eu tenho quarenta e seis anos e dou baile em moleque de dezoito... hein... pode me desafiar... onde eles forem eu vou também... e e tem coisas gostosas pra trabalh ... pra brincar... tem aquela montanha russa que é a maior da AMÉRICA LATINA...

C: cento e cinco quilômetros POR HORA...

B: CENTO E CINCO QUILOMETROS POR HORA...

B: quero lhe desafiar... eu vou sem as mãos... bota as mãos pra cima... mas que que tem lá... Carlos?

C: olha eh ... eh ... tem o elevador... tem vinte e três andares e ele desce em seis segunDOS...

B: ele sobe ele despenca lá de cima... é uma DeLÍcia...

C: seis segundos... e e... também essa algumas pessoas têm ligado pra gente... de outras denominações... mas ah... o evento é só pro Brasil para Cristo não é... é um evento aberto pra todos os evangélicos...

B: e... pessoal... é a melhor oportunidade de você evangelizar... todo mundo junto... no mesmo dia... lá não vai ter cor denominacional não... e fora que nós vamos ter um show GOSPEL... que tá incluído no preço que tá::: ... o passaporte lá ta baratíssimo...

C: é é verdade... eu nem vou falar do valor... você vai ligar no zero oitocentos... que é gratuito vai tirar as informações... como pagar e em quantas vezes... a ... há só um alerta... você tem que comprar o seu passaporte antecipado porque ele é PERSONALIZADO... LÁ NO DIA... não será vendido passaporte aVUlso...

B: não tem isso hein...

C: não tem... então se tem que comprar antecipado... ligar pra nossa central li ... eh comprar antecipado... e já garantir a sua vaga lá... no dia vinte e sete...

B: Carlos... nós vamos comentar mais... o pastor Luís Fernandes Bergamin TÁ na linha... ele vai entrar com a paLAvra de Deus... eu já até atrasei um pouco... o pastor Luís ele... vai chegar porque o programa “A voz do Brasil para Cristo”... tradicionalmente... desde a época de meu pai

é assim... e hoje na apresentação do meu irmão o pastor Paulo Lutero de Melo da mesma maneira... e o pastor Luís hoje no espaço conversão... estará fazendo... ah o uso da palavra para pega ... pregar a palavra de Deus... e na volta NÓS VAMOS FALAR MAIS DO HOPI HARI... É O DIA ESPECIAL... meu amigo meu amigo meu irmão minha irmã é um dia especial para você... TODos nós irmos JUNTOS... e olha e ... brincarmos e evangelizarmos... daqui a pouco a gente vai falar mais... bom dia... pastor Luís Fernandes Bergamin...

PLFB: bom dia evangelista Buaiz de Mello... bom dia presbítero Carlos... e a todos os ouvintes queridos... da Musical FM... do programa Voz do Brasil para Cristo... bom dia ao pastor PAULO Lutero de Mello... bom dia irmã Cibele... um forte abraço a todos vocês... eu quero... o desejo do meu coração é que... vocês estejam eh::... abençoados... através desta programação... ah... desde o início a forma que o... evangelista Buaiz... fez a abertura... aquela oração maravilhosa que tocou FUNdo... o nosso coração... e nós estamos por certo... sendo Abençoado por Jesus... e... o desejo do nosso coração... é que você esteja DESFRUTANdo desta paz maravilhosa... que só se encontra em Jesus Cristo... ele foi quem disse “a minha paz vos dou... não vo-la dou como o mundo a dá...” Jesus Cristo é a FONte eterna da verdadeira PAZ... este programa é maravilhoso... está no ar há quarenta e oito anos... e isso é maravilhoso... e quando nós falamos ta no ar há quarenta e oito anos... nós não falamos para nos mostrar para nos engrandecer... nós falamos com muita humildade... porque... é:: se tem algo... que é precioso... se tem algo que... dignifica o:: ministério de cada homem... de cada mulher ... é ele poder semear a semente... semear a semente da palavra... é:: todos os dias... da sua vida... e esse programa está no ar há quarenta e oito anos... levando sempre essa mensagem de fé... de esperança... de vida... de restauração... de perdão... pois ESTe é o alvo... principal... desta programação... que vai ao ar aqui na Musical... de segunda à sexta-feira... às onze horas da manhã... na palavra na direção geral e palavra... do pastor Paulo Lutero de Mello... hoje terça-feira... é:: o espaço conversão... evangelista Buaiz de Mello... que apresenta e nós estamos sempre entrando com a mensagem do coração de Deus... para os vossos corações... e... evangelista Buaiz de Mello... esse... esse amigo querido companheiro querido que... ele entra e levanta assim o ânimo de... de toda audiência... com certeza levanta... Buaiz é uma alegria poder estar falando... deste amor IMENSURÁVEL de Jesus... dentro deste programa... que tem uma audiência imensa... e eu gostaria nestes minutinhos que se seguem... de compartilhar com os ouvintes... uma palavra de Deus que está em São Lucas no capítulo quinze... no versículo de número vinte e dois... o verso de número vinte e dois... o capítulo quinze do

evangelho de Jesus é segundo escreveu São Lucas... ele... tem uma mensagem muito profunda... porque em todo o capítulo nós observamos... em todo o capítulo nós observamos... eh:: cristalinamente... o inteREsse de Deus... pelas pessoas necessitadas... o inteREsse de Deus pelos caRENtes... o inteREsse de Deus pelos perDidos... a prova é que DENtro desse capítulo... eh::... quinze de São Lucas... o senhor Jesus coloca TRÊS PARÁbolas... TRÊS PARÁbolas na MESMA direção... ele vem falando da... parábola da oVELha perdida... ele vem falando da parábola da DRÁcma perdida... e ele falando eh... da parábola do Filho perdido... então... o inteREsse de DEUS pelos perdidos é grande... é MUIto grande... às vezes nós olhamos no geral e as pessoas... até mesmo DENtro da igreja... quando alguém eh... escoRREga quando alguém deRRaPa quando alguém eh coMEte alguma coisa eh::... que não não ... não é boa eh... logo as pessoas já fica de OLHO daquela pessoa... logo as pessoas já ficam talvez até eh ... julGANdo aquela pessoa... mas uma coisa que me chama muito atenção... também é quando a palavra nos diz que o senhor Jesus Cristo... ele não esmaga a cana quebrada... ele NÃO esmaga a cana quebrada... se a CAnA já foi quebrada... é porque ela foi vítima de um... de uma tempeSTAdade... de um tempoRAL e por isso ela se quebrou... e a coisa mais fácil que tem... evangelista Buaiz de Mello... presbítero Carlos... ouvintes queridos... a coisa mais fácil que tem é se liVRAR da cana quebrada... é CORTAR ela... é cortar e se livrar dela... mas a bíblia diz que o senhor Jesus... ele NÃO PISA... ou ele não esMaga a cana quebrada... isso significa... que ele procura RESTAURAR a cana quebrada... ele procura eh... DAR VIDA à cana quebrada... Jesus Cristo NÃO PISA... e não CORta a cana quebrada... mas restaura...neste MESmo... neste... nesta mesma passagem... a bíblia diz que... O SENHOR NÃO APAGA o pavio que fumege... o senhor não apaga aquele pavio que talvez só está... eh... soltando aquela fumacinha QUase se apagando... o senhor NÃO apaga... coisa mais fácil que tem é você apertar o dedo e apagar logo e acabar com aquela fumacinha que ta atrapalhando... talvez esteja até atrapalhando... mas o senhor NÃO APAGA o pavio que fumege... tem até um cântico que... nós cantávamos na igreja... agora faz muito tempo que eu não ouço cantar... o::... senhor Jesus... ELE ASSOPRA O PAVIO e o fogo PEGA... então o senhor Jesus... ele não despreza os... os perdidos... ele não despreza... os caídos... ele não... não o senhor Jesus tem interesse de REStaurar... o Senhor Jesus sempre quer buscar... a RESTAURAÇÃO pra o homem... pra mulher... pra moça... pra o rapaz... e eu tenho aqui... a minha bíblia aberta no verso vinte e DOIS... no verso vinte e dois... deste mesmo capítulo... eu quero chamar a atenção dos ouvintes... para... a uma curta meditação aqui... preste bem atenção... a bíblia diz no verso

vinte e dois... “o Pai... porém... disse aos seus servos... TRAZEI DEPRESSA... A MELHOR ROUPA... VESTI-O... PONDE-LHE UM ANEL NO DEDO... E SANDÁLIAS... NOS PÉS...” neste primeiro verso... neste primeiro verso que eu li ... depois tem aqui o vinte e três... que eu gostaria de ler pra os irmãos também... que diz assim olha... “trazei também... e MATAI-O O NOVILHO CEVADO... e comamos... e REGOZIJAMOS-NOS...” e o vinte e quatro eu fecho aqui olha... o vinte e quatro diz... “porque este MEU filho... estava MORTO e reviveu... estava PERDIDO... e foi achado... e começaram a REGOZIJAR-SE...” meus amigos queridos... é muito... a palavra é muito enfática... é muito cristalina... quando aqui no vinte e quatro no verso vinte e quatro o Senhor diz “esse meu filho estava morto...” estava morto e reviveu... primeiro nós observamos que... quem está longe... da casa do pai... quem está longe do olhar do pai... quem não está vivENDO em comunhão com o pai... AFINADO com... o QUERER do Pai... está disTANTE do pai... é como se estivesse morto... e o pai aqui que... representa Deus... simboliza Deus nessa parábola... o pai foi enfático a dizer... ESTE MEU FILHO ESTAVA MORTO e reviveu... reviveu À MEDIDA QUE ELE RETORNOU para o pai... REVIVEU À MEDIDA QUE ELE VOLTOU-SE PARA O PAI... aí ele reviveu... AÍ ele reviveu... todo homem que está LONGe de Deus... disTANte de Deus... está morto... mais você não está perdido... porque se você RE... eh re... eh... se você... SE VOLTAR para Deus... se você se voLTAR para o Pai... você pode REviver... e ainda no mesmo verso vinte e quatro... ele diz o seguinte... ele estava perDido e foi achado... meus amigos queridos quem sabe... muitos muitos que estão nos ouvindo... se sente perdido... ou você... perdeu alguma coisa e você não tem mais esperança... de reaver o que você perdeu... olha... pra Deus não tem nada impossível... pa pra Deus não tem NADA difícil... TUDO É POSSÍvel para o DEUS desta palavra... que nós estamos pregando... tudo é possível para o DEUS desta palavra que nós estamos pregando... DEUS pode lhe RESTITUIR o que você pediu... quem sabe até os ANOS que você ficou LONGe do Pai... LONGe da casa do Pai... o Pai pode REstituir a você... TUDO que você já perdeu... tenha isso na tua vida... grave essas palavras na parede ou nas paredes do teu coração e viva esta palavra de Deus... e eu quero fechar a meditação... no verso vinte e dois... no verso vinte e dois quando o pai diz... “o pai porém disse aos seus servos... TRAZEI DEPRESSA a melhor ROUPA...” eu quero fechar com essa palavra... meu querido e amado ouvinte... o Pai... o Deus... desta palavra que nós estamos pregando... ele quer pra você... sempre o melhor... ele quer pra você sempre o melhor... veja QUAIS FORAM as paLavras que o pai disse aos servos... ele disse... “trazei...” e Deus tem urGÊncia que você seja

abençoado... Deus tem URGÊNCIA que você seja REstaurado ou restaurada... Deus tem URGÊNCIA DE QUE VOCÊ RECEBA o melhor DELE nesta manhã... ele disse aos seus... servos... “TRAZEI DEPRESSA...” DEPRESSA é urGENTE... Deus tem urGÊNCIA de te restaurar... ele quer te restaurar... ele quer te dar o melhor... porque ele disse trazei depressa a melhor ROUPA... Deus SEMpre te dá o melhor... Deus sempre quer que você tenha O MELHOR... não vá pra distante da casa do Pai... pra disTANTE do olhar do Pai... procura PERMANECER JUNTO do Pai... andando afiNADO com o QUERER do Pai com a vontade do Pai... vivendo em comunHÃO com o Pai... e você desfrutará por certo... sempre... do melhor... do Pai... sempre do meLHOR de Deus... porque Deus tem interesse... que você reCEBA o melhor e Deus... quer fazer isso com urgênCIA... reCEBA nesta manhã... esta palavra... e VIVA no teu dia-a-dia essa palavra... e tenha uma vida abençoada... e desfrute sempre... do melhor... de Deus... DEUS abençoe a todos... um FORte abraço a TODA essa audiência querida... um forte abraço em você Buai... um forte abraço em você Carlos... e... até o próximo programa...

((música evangélica))

### Transcrição 3 – Programa “Estádio 97”

Gravação: 09/11/2004 – início: 20 h 18 min – duração aproximada: 20 minutos

Apresentadores do programa: Bá, Benjamin, Bento, Domenico, Mano, Mota, Portuga, RG 02, Sombra.

Rádio Energia 97 – FM

L1: mas você pesa QUANTos quiLINhos?

O: cinqüenta e oito...

L2: caRACas... se for verdade se tá BEM hein meu...

[

?: meu Deus... ... que avião...

L1: é... não adianta puxar o saco dela NÃO... cê já detonou a menina...

[

?: ainda bem que...

L2: não não tô puxando o saco...

?: puxa o saco NÃO...

L2: porque eu falei que ela é fácil não é detonar... hoje em dia...

[

eeee vai...

L1: certo... e ô:.... Regiane ...

O: oi..

L1: sutiã P M G GG extra G?

O: é... P...

?: como?

O: P...

?: P...

[

?: P...

?: queninho...

L2: olha... perinha...

[

azeitona... azeitona

L1: P de pequenos...

L1: prova do lápis... CAI ou Fica?

O: não... fica... não CAI... cai...

?: fic...

L1: ih então não sabe nem o que é já...

?: não... não... não...

O: cai...

?: cai...

L: cai... cai de ponta ou cai deitado?

[

?: cai tranqüilamente...

O: ah... não sei... nunca nunca... nunca fiz...

?: ce nunca fez?

L: o Caio ta... o Caio tá no Botafogo...

?: tem que fazer ... olha... se pega ... se pegar um pouquinho ele cai de ponta... se tiver zeradinho ele cai deitado... entendeu?

O: Não nunca fiz ... nunca fiz...

?: é va vai por mim ... vai que mais...

?: e::: ... Regiane me diga uma coisa você... a calcinha que você quando você vai sair...

?: (sons)

O: ah não meu pai tá aqui do lado...

?: uuuuu...

L: e daí? seu pai não usa calcinha...

L: depois de tudo isso cê fala que seu pai ta do lado? seu pai ó... deve ta olhando pro cê e falando... que beleza hein seu pai...

?: agora vai deserdar... agora vai deserdar...

?: essa hora...

?: manda o ... manda o velho dar ossinho pro cachorro...

?: manda ele jogar BINGo...

?: oh ... o respeito com o pai da moça...

?: tomar um rabo de galo lá...

?: oh ... não é pinGUÇO...

L1: ô: ... Regiane...

O: oi...

L1: o time?

O: Palmeiras...

?: o (A) tá cheio...

O: sou palmeirense...

?: tá louco...

?: verDÃO...

?: agora que o pai ia descobrir TUdo da intimidade da Filha...

?: é mais não pode ... não pode não pode...

?: tem que parar tem que parar...

?: tem que parar por aí...

?: a... a gente respeita...

O: é... melhor...

?: Domenico... se você fosse o pai dela... e ela fosse sua filha... e você tivesse ouvindo todo isso...

O: (      )

?: que se faria Domenico?

?: se falou que a menina é fácil...

?: se o Domenico fosse o pai dela ela seria filha dele... lógico... né...

?: que se faria Domenico?

?: cacet...

?: pelo que eu conheço do Domenico... se um dia ele tiver uma filha vai ser a mais safada do Brasil...

?: oh ... oh ...oh ...oh ...

?: ô louco...

?: que é isso...

?: chamou de salchicheiro...

?: nossa...

?: sua filha é uma sem-vergonha...

?: a mulher quando sentá pra jantar ela fica assim ó...

[

?: que isso...

?: risos: ah ... ah... ah...

?: se tá louco Domenico...

?: a lá ô ...

L1: ô:: ... Regiane...

?: responde pra ele Domenico...

?: só quem conhece o Domenico gato pode falar...

[

?: rasgadeira...

?: tô igual baiana...

L1: ô::...

?: (Te) chamou de rasgadeira...

L1: Regiane ...

?: risos

L1: cê não vai levar em consideração isso né...

O: não... não... não... não... esquece...

?: ( ) você lembra da Regiane Ritter?

?: sim...

?: é memo... sumiu hein...

?: sumiu...

?: eh ... também...

L1: ô: ... Regiane...

O: oi...

L1: vamo lá... e o Palmeiras... se acha que consegue a vaga da Libertadores... vai conseguir ser campeão... ou não consegue NAda?

[

O:

com certeza ... não... vai... ele vai conseguir a vaga... pelo menos isso eu tenho certeza...

L1: no mínimo a vaga pra Libertadores?

O: vai...

L1: mais tá difícil hein...

O: não... mas vai...

L1: e esse jogo contra o Figueirense... que que cê tá achando...

O: acho que vai ser ... dois a zero pro Palmeiras...

L1: dois a zero .... o Pedrinho não joga... Lúcio não joga... faz FALta ou não?

[

?:

muito feio...

O: fazer falta faz... né... lógico que faz...

?: (muito feio) ((risos em volume relativamente baixo))

O: mas mesmo assim acho que é superior...

L1: o que cê tá achando do ... do ... do ... do técnico se gosta do técnico?

O: normal...

L1: se acha um técnico comum ... comum?

[

?:

normal não cheira nem fede... normal...

L1: certo e ... e...

O: normal... nada de ... nada de fantástico ( )

L1: certo... cê acha que o Palmeiras consegue a vaga pra Libertadores?

O: consegue...

L1: conseguindo a vaga pra Libertadores ... cê acha que o Estevão Soares É o

[

O:

aí ...

técnico ideal pra dirigir o Palmeiras na competição... ou não?

O: ideal acho que não é ...

L1: quem que cê queria ver...

O: ... dos quais eu acho que é bom não ... não vai tá disponível...

?: ô Regiane... ô Regiane... cê sabe que eu... eu nun nunca defendi o Estevão aqui... e não vou defender hoje ...

?: risos

O: não não ... é lógico...

?: ... mas vou falar um negócio pra você...

?: não... não... não...

?: ô... Regiane... mas eu vou falar um negócio pra você... ó... ele que pegou o time do Palmeiras que é um time ... é um time limitadíssimo hein...

O: eh...

?: e ele tá na briga pelo título... ele tem o mérito dele... num tem não?

?: ah ... ((vá ... vá))

?: eu acho limitadíssimo...

?: pa ... pa ... para com isso...

?: não é...

?: ah ... para ... para, para ... não para...

?: limitadíssimo...

?: ... não ... não pode ser volúvel pó... a hora que o time tava tomando porrada aí vem aqui: não é ... o ... eu t ... desconfiava tal agora .. na ... eh ... na a o time tá ...

[

O: (mas eu acho que ...)

?: ... ganhando...

?: eu falei isso?

?: ah ... sim senhor...

?: eu falei desconfiava do quê? pe ... pe ... pe... pe ... pera aí...

?: não eu apoiava... agora não apóio mais ...

[

?: não tenho que apoiar ninguém

?: ... porque eu acho que ele errou...

[

?: não pera aí...

[

?: agora vem aí: ah o Estevão Soares pó...

?: o ... o ... o não senhor...

?: se tá louco...

?: teve substituí ... teve substituição que eu acho que ele errou...

?: ah... para ta... igual o PorTUga? o time que tá na frente é o que vai ser o...

[

?: ah... tô igual o Portuga não...

... campeão...

?: não...

P: eu sempre disse que é o Atlético do Paraná...

?: ah ... dá licença...

?: eu não tô igual ao Portuga não...

?: ((incompreensível))

?: Atlético do Paraná...

?: eu sempre di ... des ... Domenico...

?: quem vai ser o campeão?

?: Atlético do...

?: ô... Regiane...

O: oi...

?: mas ontem se tava falando que é o São Caetano...

?: não mas ... (antes ele não era o líder)

?: ô... Regiane...

?: pára pára...

O: oi...

?: mas o Estevão ...

?: se eu fosse (Interna) ... se eu fosse torcedor do São Caetano do Atlético do Paraná...

?: eu tinha receio...

?: rapaz agora eu taria boRRAdo de (medo)...

?: ô... Regiane...

?: oi...

?: a... eu tô falando sério... o Estevão pegou um time... eu acho o time do Palmeiras um time limitaDÍssimo cara...

O: não mais é assim eu não acho que é por competência não tô discutindo competência eu acho que é pressão... a Libertadores é de pressão...

?: quando o Palmeiras perde a culpa é dele...

?: mas quando o Palmeiras perde... aí falam que ele é ruim, ...

?: mas é mesmo...

B: ... aí quando ele põe o Palmeiras ali na briga... ah ...é sorte... ué...

?: não é isso... não é isso Benjamin eu...

?: ((incompreensível)) ... todos times acontece isso todos times acontece isso ta (...)

[

?:                   deixa falar...

B: o Palmeiras é limitado... assim como todos os times do ...

?: então...

O: então...

B: ... campeonato são limitados... HÁ uma pequena exceção acho que de Santos e Atlético do Paraná...

?: Mas o que ela tá dizendo... eu concordo com ela Benjamin... na hora do vamo vê... na hora do pega pra capá... o Estevão Soares não é o... não é um técnico prum Palmeiras...

O: é isso aí...

?: mas...

?: mas não é por quê? porque ele não tem a liderança necessária... pra tocar um time grande... é só isso...

B: eu acho que ele tem...

?: como não FOI... como não foi o Jair...

B: ah... eu acho que ...

?: como não foi o Jair...

B: bom mas eu eu vou te falar ... eu acho que ele teve a liderança... na hora da confusão do Pedrinho...

?: eh ... não teve NÃO...

B: (pera aí) presta atenção...

?: a liderança é antes de estourar... não depois que estoura...

B: na hora da confusão ... na hora da confusão do Pedrinho... estourou ...

?: ave eu não concordo...

B: ... estourou a confusão... eu acho que ele errou... eu acho que o Pedrinho errou... cê vê que ele chamou o grupo lá conversou e o Palmeiras tá pó...

P: é mais se não fosse ele não haveria confusão e o Palmeiras tava ((incompreensível))...

?: mas essa liderança...

B: a culpa não é dele... ô:...

P: é sim... parcela é...

B: o ... vem cá... vem cá ... vem cá ...

P: parcela tem sim...

B: ... vem cá... ele errou... e o Pedrinho também errou... o Pedrinho não é uma flor... o Estevão também errou... os dois erraram... por que só um errou?

?: agora (se saiu fora)...

?: eu vou ... eu vou dizer um negócio...

?: mas eu nunca falei que nenhum dos dois errou...

?: ah ... tá vendo...

?: não pera aí pera aí...

?: ô gente...

?: eu acho que o Pedrinho errou... acho que o Estevão errou...

?: esse negócio aí de liderança aí esse negócio de exercer liderança...

?: mas ele tem uma parcela...

?: como o Pedrinho também tem...

?: então...

?: ninguém ... ninguém arruma com o outro de graça...

?: mas ele não deveria ter (tido)...

?: esse negócio de exercer liderança... isso vem com o tempo... e com aquilo que o técnico conquistar... com certeza... no primeiro ano de carreira... o Telê Santana não exercia liderança... com certeza o Luxemburgo também não exercia liderança no seu primeiro ano de carreira no seu segundo no terceiro ano... quando você vai conquistando vai fazendo um currículo... tá certo...

?: ah... o Luxemburgo só foi com... pegar eh...eh...eh... como é que vou dizer... pancha de de de time de time...

?: panche...

?: é panche de.. de... de... de treinador memo... foi quando ele ganhou o Palmeiras... o na aqueles dois o a o primeiro...

?: exato...

?: ... ano de noventa e três ...

?: porque o título...

?: ... paulista e brasileiro...

?: ... o título dá o aval pro cara poder exercer liderança...

[

?: quando ele conquistou...

?: é...

?: quando ele conquistou... tirou o Palmeiras da fila... já falavam dele...

?: ((incompreensível)) desculpa...

?: quando ele conquistou no mesmo ano o brasileiro... aí AH... é o ...

?: mas ... mas ... eh .... desculpa...

?: ... Luxemburgo... não é o técnico entendeu...

?: ... desculpe ... desculpe eu discordar... respeito ...

?: então precisa ganhar alguma coisa...

?: ... respeito ... eu respeito a opinião de vocês... agora... li ... eu não concordo... líder você não faz... o líder nasce... o líder nasce... vo ... eu vou dar um exemplo...

?: tem aquele que nunca vai ser também... isso é verdade...

[

?: eu vou dar um exemplo ...

?: tem aquele que nunca vai ser...

?: ... cê pe...

?: tem...

?: ... cê peg ... cê pega um Joel Santana...

?: eu acho que o Jair Picerni nunca vai ser...

[

?: cê pega um Joel Santana ... se pega um Jair ...

?: também acho...

?: ... Picerni ...

?: não vai ser...

?: ... se pega um monte que ... nunca vão ser um líder ...

?: não não...

?: ... nunca nunca por exemplo você pega esse do São Caetano agora que é um garoto que tá vindo aí é um técnico novo o Mursca...

[

?: o Péricles Chamursca.

?: Péric ... você ...

?: parece ser bom...

?: ...você vê o perfil do cara de ser um líder...

?: parece ... parece que vai...

[

?: agora vendo uma entrevista você... pelo pouco que a gente vê do Estevão... pelo que você vê da imprensa... da mídia... eu não consigo ver que memo ele sendo ele pode amanhã ser super vitorioso e campeão...

?: sim...

?: ...mas não me passa a característica de que vai ser um técnico... que exerça a liderança...

?: é isso...

?: mas pro...

?: não passa isso...

?: ... pro palmeirense é isso...

?: mas isso não significa... ou seja... isso não significa incompetência técnica... não... é diferente... isso é uma questão de personalidade...

P: o Estevão... o Estevão ele tem uma vantagem...

?: pode até ganhar título...

P: o Estevão ele tem uma vantagem... ele é o técnico Roberto Carlos...

?: que que é técnico Roberto Carlos?

?: tem um milhão de amigos... ninguém na imprensa critica ele... o que ele tem de amigão... que fala Não:::::....

[

?: olha...

?: ... o que... porque o treinador precisa se cercar de boas amizades...

[

?: ó ... ó ... ... é ... é

?: ((incompreensível))

B: vem cá... vem cá... vem cá... vem cá e que é que critica o Luxemburgo?

P: mas o cara já tem um histórico Benjamin... não é um para-quedista do nada que apareceu...

B: pera aí... pera aí... pera aí... o Luxemburgo não tem defeitos? ele é um homem cem por cento?

?: Se quer comparar o Estevão com o Luxemburgo?

O: [ ((ouvinte entrevistada tenta falar))

?: não tô comparando ...

?: não não pode...

?: ... você sem ... você quando não tem argumentos se leva ...

?: não pode...

?: ... eu não tô comparando ...

?: não pode pô...

?: ... (acaba) o Luxemburgo não tem defeito nenhum é o... o ... o Deus...

[

?: ((incompreensível))

?: ... colocou o homem perfeito no mundo...

?: como treinador...

?: o Luxemburgo não tem defeito ô... ô Domenico?

?: não tem tem... lógico que tem...

B: como treinador hoje não...

D: tem tem tem...

?: ah Domenico ce não gosta dele ((incompreensível))...

D: não não não não não pe... pe... pe... pe.... pe não gosto dele nada...

?: eu acho ele o melhor do Brasil... mas ele tem um defeito sim...

D: num gosto dele não... eu não gostei da atiTUde que ele teve... ((incompreensível) ...

[

?: como ((incompreensível))...

... vel)) no Palmeiras isso é diferente...

?: ceis não acham que as críticas elas vão na mesma proporção que o time vai bem ou vai mal? por exemplo... quando teve aquele problema do Estevão e do Pedrinho se em seguida... o Palmeiras desse uma “dibicada” e caísse na ...

[

?: ia embora espirrava

?: ... tabela... a imprensa ia falar pra cacete... mas como que a imprensa vai falar de um cara que mesmo tendo seus atritos com o Pedrinho... vem somando pontos pelo clube... o que vai falar do Estevão gente?

?: fica na briga...

?: o que vo ... cê pode falar do Leão? o que vo ... cê pode falar do Luxemburgo? Embora o Luxemburgo ... e olha o Luxemburgo se bobiar... se não fizer o Santos ...

[

?: ((incompreensível)) ouvir também...

?: ...campeão... vão falar um monte... o Luxemburgo é o maior telhado de vidro ...

[

?: NOssa... NOssa... nossa...

?: ... do futebol brasileiro...

?: então...

?: se ele não for campeão até da Renata Alves vão lembrar...

?: nossa...

?: vichhhh...

?: e a torcida do Santos não morre de amores por ele não...

?: e vão esquecer que ele pegou o time em vigésimo: primeiro lugar... tá certo... e levou pra liderança...

?: e eu prefiro não ver Portuga que quando o cara não é criticado é que ele tem um milhão de amigos eu prefiro ver que quando as pessoas não são tão criticadas... é que a imprensa tá melhorando porque imprensa também só sabe meter o pau...

?: é ...

P: mas calma... mas o Estevão... desculpa... quando ele colocou o Pedrinho a margem... todo mundo... “não... o cara tem razão porque o Pedrinho não tá jogando nada... é isso e ... o cara tem razão...”

?: e não tava mesmo...

P: quan ...

P: ta... mas quando o próprio cara recuou e viu... e entre aspas... a cagada que fez...

[

?: você vê...

?: pera aí pe ... pe ... pe ... pera aí, pera só um minuto...

P: que o cara tava fazendo coisa errada ...

?: na sua opinião... pera aí ... pera aí, pera só um minuto...

P: ... ele mesmo recuou e falou... tava errado...

?: tem que da o mérito...

P: então...

P: ma... mas a ... aí a imprensa ((incompreensível)) ...

?: o JOSÉ Eduardo Savoia

P: porque ele não sustentou ah...

?: o SaVOia esteve aqui no programa... onde ele falou que o Pedrinho quis processar ele porque o Savoia deu a informação... que o Pedrinho teria feito lá a reunião pra derrubar o Estevão e ter ligado pro PC... não sou eu... o Savoia esteve aqui... cêis lembram do Savoia?

P: PC não é treinador também... na minha opinião...

?: Bom, nã ... u .... eu tô falando uma notícia que o José Eduardo Savoia...

?: ... o Pedrinho...

?: pra não ficar um negócio...

B: e o Pedrinho falou... que ia processar o Savoia o Savoia falou... você pode me processar e eu vou... e no processo... mandar abrir... as sua ligações telefônicas você prova que você não ligou... palavras do Savoia o Savoio falou que o Pedri:nho: falou não... então deixa o processo pra lá...

?: mas Benjamim...

B: pera aí ... eu não acho que o Estevão...

[

?: o Estevão estava errado ou não...

B: eu não acho ... e o Pedrinho tava certo?

P: os dois tavam errado mas que ...

B: ((incompreensível))...

P: ... quem perdeu foi o Palmeiras...

B: ((incompreensível))...

P: ... quem é o comandante do Palmeiras Benjamin?

B: ma que que eu acabei de falar...

P: não é o Estevão?

B: que que eu acabei de falar? o Luxemburgo também cansou de encostar jogador... é normal o Est... tem técnico...

?: errou também...

?: olha gente...

?: ah se vem falar que ele não erra...

?: mas cêis tão discutindo uma coisa... que é besteira ficar discutindo... isso é da persole... personalidade de cada um... ô Galdeano... tem jo... você disputa vários campeonatos de botão... você vê às vezes um cara que num tem muita... que é bom jogador de botão... mas chega lá não é um cara que as vezes se impõe... e tem aqueles que se impõe... tô errado?

G: não tá certo... até eu tava comentando com o pessoal hoje que assim... na minha opinião... eh... os primeiros sei lá... trinta quarenta do ranking... eles são... se equivalem... o que vale mesmo é na hora da chegada lá... que você passou da primeira fase da segunda... que quem tem mais personalidade quem vai tá na hora menos nervoso ali que vai ser o campeão... porque o nível técnico deles são...

[

?: é muito igual...

?: ô... ô... ô RG... o Luxemburgo num erra? quem que pediu o Ta... quem que pediu o Tapia pro gol?

[

RG: lógico que erra lógico que erra...

RG: é lógico que erra...

?: no::ssa...

?: se ó... o que é o Luxe...

?: [((incompreensível)) tá onde hoje...

?: mas ele pediu... ele errou...

?: mas ele recon...

[

?: bom essa discussão não vai levar a nada eh... desculpa... vamo pedi pra ... pra menina aí mandar um abraço pra quem ela quiser...

?: Regiane...

?: Regiane...

O: oi...

D: vamo lá Regiane...

O: um abraço pro meu pai que tá aqui...

D: papai...

O: pra minha irmã que deve tá escutando...

D: certo...

?: quanto ... quan ...

[

O: o meu namorado não tá escutando... tá trabalhando...

[

RG: quantos aninhos tem a sua irmã?

O: minha irmã? trinta e quatro...

?: trinta e quatro aninhos... solteira?

?: ela é casada?

[

?: solteira... solteira?

O: separada...

[

?: e já tá...

[

?: separada...

?: ah... separada... não vai encontrar mais nada...

?: hum ...

?: chupa ((incompreensível))...

?: ce tá louco?

?: trinta e quatro separada tá dando mais...

O: é Portuga... quando a minha irmã foi aí você não falou isso pra ela...

?: iiiiii ....

P: mas ela também não falou ...

O: ah é...

?: mas ela também não falou pra mim que tinha sido rejeitada por outro homem...

[

O: ce sabe...

O: seu negócio é a Bianca...

?: oooo... iiiiiiiiii...

?: Portuga viado... Portuga viado... ((coro))

?: negócio do Portuga é o dentinho do ( )

?: Regiane... um beijo pra você e agora aí um ( ) ouça aí... Trio Parada Dura e Fran que CD hein Fran...

[

?: aí da hora o baguio da hora ... da hora prego...

?: essa música é em homenagem ao Portuga ó...

?: certo...

?: ó o que a Bianca vai usar quando encontrar o Portuga ó...

?: ele não tem noção...

?: a lá parece o Mário (Góes) a lá se liga...

?: a Bianca vai usar...

?: a Bianca vai usar isso aqui com o Portuga ó...

P: é vai...

?: música de fundo...

?: as badaladas... risos...

?: ma badalada é de SIno...

?: não olha al ... olha al ...

?: ouça o refrão...

?: ó... ó...

?: esse é que é... Santa Isabel seis horas da manhã... olha que lindo... sol sol vem surgindo... é legal... o galo cantando... ((imitação do galo))...

?: e eu tomando... e eu tomando doze Lexotan... pra passar logo o tempo...

?: a da hora o bagueio ô prego... é da hora...

?: legal...

?: o galo de novo...

?: o cachorro latindo...

?: o galo de novo...

?: ((imitação do galo))

?: eh bom dia... são oito e trinta e um... ((imitação do Silvio Santos))

?: ((risos))

?: ai ai... Estádio noventa e sete que tem o oferecimento de pilhas Duracell:... vamo mostrar aqui um galo que a pilha não acaba nunca...

?: ((imitação do galo))

[

?: bom dia... oito e trinta e dois... bom dia... oito e trinta e três...

?: acorda... acorda... ((imitação de sotaque caipira; incompreensível))... acorda... taca água nele... acorda...

[

?: ((imitação do cachorro))

[

?: ((imitação do galo))

[

?: bom dia... oito e trinta e três e meio

?: ((imitação da vaca))

?: bom dia... oito e trinta e três e quarenta...

?: ce viu que esse galo num para nu:nca... porque que ele não para nunca... é que esse galo é movido a pilha Duracell: não é...

?: bom dia... oito e trinta e quatro...

[

?: ((imitação do galo))

?: esse porra desse Silvio também num para nunca...

[

?: ((risos))

?: bom dia... oito e trinta e quatro e dez segundos...

?: enquanto se não quer que as coisas acabem se tem que usar pilha Duracell deixa eu tirar aqui a pilha Duracell porque eu não agüento mais ((incompreensível)) tirei a pilha Duracell... isso... mas quando se quer que a coisa funcione tem que ser pilha Duracell porque elas duram mais... e duram dez vezes mais que as pilhas comuns de zinco... é no brinquedo... artigo eletrônico... é no rádio-relógio que vai pilha... é naquele equipamento que você leva pro acampamento precisou de pilha... é na lanterna é sempre pilhas Duracell porque as pilhas Duracell duram mais muito mais aliás... Duracell é sinônimo de pilha que du:ra hein? num tem mais essa estória de falar compra pilha... é compra... Duracell porque Duracell dura mais...

Todos: mu:::ito mais...

?: e ligou aqui na estádio noventa e sete falou Duracell dura mais mu:::ito mais ganhou um kit Duracell...

?: e pela primeira vez no rádio o testemunhal de Extra ao som de Trio Parada Dura...

?: Ah... ah ...

?: o Daniel (Pelissari) pediu pra tocar cu::m... Trio Parada Dura... e aí amigo... tá precisando de celular? vai lá no Extra e no Extra Eletro que é assim... pen... pensou celular pode ter certeza que lá... ce vai encontrar uma enorme variedade em aparelhos celulares... desde o mais básico até aparelhos com alta tecnologia que tira e envia foto através de e-mail e muito mais e olha... tem celular de todas as operadoras... todas as marcas... todos os modelos... como essa dica aqui celular operadora Claro... um abraço pro Caio lá da Claro... marca... Nokia modelo 1100 sai por quanto Mano?

M: quanto?

?: duzentos e quarenta e nove reais à vista ou você pode pagar em dez vezes sem juros... dez parcelas de vinte e quatro reais e noventa e o Extra e o ExtraEletro ...

[

?: oito pagamentos...

[

?: muito barato...

?: ... aceitam todos os cartões de crédito... outra dica aqui esse celular igual o do pão com ovo hein... o celular operadora Claro marca Motorola modelo V... 300... por mil duzentos e noventa e

nove reais à vista ou... você paga em seis vezes sem juros... seis parcelas de duzentos e dezesseis reais e cinquenta... em qualquer cartão de crédito ó...

?: barato hein?

?: esse celular aqui é bam bam bam... viu ô Estranho... ele vem com uma câmera integrada com zoom... sons polifônicos... MP3... GPRS e mensagem gráfica... lá no Extra se vai pagar em seis vezes sem juros amigO... pensou celular... pensou Extra... é ou não é Pavarotti?

?: ((imitação Pavarotti)) mais barato... mais barato... E::extra...

?: ta... muito bem... vamo agradecer aqui o estranho no ninho... o Cleiton Galdeano campeão... primeiro lugar do Campeonato...

[

P: pera calma calma calma calma calma...

?: gente deixa eu da uma salvada no programa aqui...

?: ah bom... salva o programa...

?: pera aí...

?: salva...

?: rapidinho aí o caipira tá na calçada...

P: caipira...

?: lá com o queijo debaixo do braço...

P: queijo...

?: ... aí o paulista vai pra tirar um sarro dele fala assim... e aí ô caipira... vai comer o redondo? e ele falou... e quem segura o queijo?

?: ((risos))

?: ((incompreensível)) ... salvou o programa... é muito bom... é muito boa...

[

?: mas que piada... chula...

S: mas ô Cleiton... vamo agradecer a sua presença... paraBÉNS mais uma vez pelo campeonato...

C: brigado Sombra... eh... na verdade eu também queria agradecer né como eu já falei do começo... por vocês terem deixado eu participar aqui com vocês...

?: valeu CleiTÃO...

C: na próxima Copa aí se tiver em janeiro mesmo eu já tô me inscrevendo (incompreensível))...

?: não ta porque federado não vai jogar mais... só os amadores viu ô...

[

?: risos...

C: eh... dos of... cinco... cinco agradecimentos aqui pro pessoal do futebol de mesa...

[

?: manda...

C: pessoal da federação né que ajudou e os próprios motoristas que tão sempre aí com a gente jogando... pessoal do futebol lá que eu sempre jogo de segunda e quinta... galera da... da minha faculdade lá da FEI que estudou comigo... pessoal da Sony que parou hoje lá tá todo mundo em massa...

[

?: ce trabalha na Sony?

C: trabalho na Sony...

?: legal...

C: hoje a Sony tá...

[

?: ô Teru se liga em Teru...

?: manda uma cybershot pra mim aí...

?: ((risos))

?: o pessoal do marketing tá ouvindo hoje?

C: tá ta...

?: legal...

[

C: ((risos))

C: e... manda um abraço e um beijo pra minha mãe e pro meu pai que eles tão lá no interior mas com certeza depois eu vou... manda a gravação pra eles lá... e...

[

?: a família Galdeano tá orgulhosa...

?: GaldeAno...

C: tá com certeza... e um beijão pra minha namorada aí...

?: e um abraço pra Andréia Tutti... ouvindo a gente aí direto aí grande corintiana...

[

?: como é o nome da sua namorada?

?: agora se deixou o Portuga triste...

?: onde tá o nome da sua namora ... qual o nome da sua namorada?

C: Carla...

?: Carla... onde tá a Carla agora?

C: deve tá em casa...

?: ah deve... estar em casa... boa... deve estar... deve estar Portuga...

?: tá certo...

P: mas eu ... eu permaneço dizendo...

?: que você gosta da Bianca...

P: não... isso eu não preciso falar a Bianca é...

[

?: um selinho vai ter memo? vai ter memo um selinho?

P: se ela vier tamo dentro... agora tem um negócio que eu vou falar o seguinte...

[

?: ((imitação do galo))

[

?: ih...

P: este rapaz aí ganhou o torneio porque eu não estava presente... eu desafio esse rapaz de público...

[

?: ih rapaz...

?: quinta-feira da outra semana lá no círculo...

P: aposto dois por um o jogo... empate no rapaz... eu tô dizendo pro ceis... meu time...

[

?: ih ...

P: do Boca Juniors é imbatível...

?: ah... tá bom... valeu galera um grande abraço pra todo mundo e fica a dica de sempre hein jantar é no La Buca Romana almoço é no La Buca Romana que é uma dica Alameda Peixoto Gomide um zero meia meia as melhores entradas as me... os melhores pratos aquela taça de vinho bacana e a sobremesa que não pode faltar sempre o bom e velho tradicional (petit gateau) marca

registrada do La Buca Romana hein (petit gateau) é no La Buca Romana hein tá bom Alameda Peixoto um zero meia meia um grande abraço pra todo mundo tá terminando o Estádio 97 de volta amanhã no oferecimento de Extra variedade em aparelhos celulares com preço que cabe no seu bolso é no Extra Gillete Mach Tree Champion sinta a performance BV financeira a sua melhor opção de financiamento uma empresa do grupo Votorantim lojas Besni primavera verão Besni 2005 combina com a estação combina com você Celsum Azul xampu anticasca que resolve se resolve e também Extra o maior vendedor de informática do Brasil um abraço pra todos até mais tchau...

Vinheta: você sempre sabe quando o rádio está na Energia 97... a música que sempre faz a diferença está aqui...

Propaganda: atenção senhores passageiros com destino à festa Spirit of London embarque dia três de dezembro sexta-feira às onze horas da noite...

?: Spirit of London... a melhor viagem da sua vida em uma estação de trem do século dezoito você vai viajar com o espírito de Londres e nove horas de música com (go go dancers) malabaris e ilusionistas em duas pistas...

?: estação eletrônica dj Carlo ((incompreensível)) em Maresias dj (Moranzul) dj Ronaldinho ((incompreensível)) dj Adriano Pagani do vibe 97 ponto dj ((incompreensível)) de Pisa e a partir das seis da manhã dj Rodrigo Leal do ((incompreensível)) (psycho garden) (tribe) rolando (psy) na pista dois dj Silvinho ((incompreensível)) dj Beto Dias ((incompreensível)) de Campos do Jordão dj (Milk) ((incompreensível)) Spirit of London bebidas em dobro uísque vodka e refrigerantes...

?: bilhetes antecipados nas estações TNG ou melhor nas lojas TNG dos shoppings Ibirapuera Morumbi Paulista Anália Franco Metrô Tatuapé Metrô Santa Cruz Center Norte West Plaza Plaza Sul ABC Plaza ABC e (Metrópole) bilhetes antecipados limitados a partir do dia quinze Spirit of London em frente a faculdade Anhembi Morumbi numa antiga estação de trem no espaço ferroviária na Móoca informações 49748322 realização Promoção promoção exclusiva...

?: Energia 97...

?: energia toda hora e a todo momento...

?: liga tudo e bota em pleno funcionamento...

?: até a hora de trocar fica no esquecimento...

?: é a pilha que não sai do pensamento...

?: dura dura dura dura Duracell ... dura dura dura dura Duracell use a pilha que é demais e você fica em paz Duracell dura até dez vezes mais... dura dura dura dura Duracell... dura dura dura dura Duracell... dura dura dura dura Duracell... Duracell...

[

?: Duracell dura até dez vezes mais...

Vinheta: It's vibe... Energia ... 97...

propaganda: crédito pessoal financiamento para o seu carro novo é BV Financeira...

?: dinheiro é coisa séria... não deixe de repor... BV Financeira... é crédito a seu dispor... financie seu automóvel... peça o crédito pessoal... os juros são bem mais baixos... que no cheque especial...

?: BV Financeira... sua melhor opção de financiamento... uma empresa do Grupo Votorantim...

?: Quando você notar aqueles flocos desagradáveis caindo no seu ombro e sentir aquelacoceirinha na cabeça pode ter certeza que você está com caspa... nessa hora tudo que você quer é terminar com o problema e fazer o seu cabelo voltar ao normal rapidamente... então acabe com a má impressão que você pode causar as pessoas ao seu redor... basta você usar Celsum Azul... Celsum Azul não é qualquer xampu... Celsum Azul é um tratamento realmente eficaz e tradicional que vai eliminar a sua caspa ... Celsum Azul... o xampu anticaspa que resolve...

Vinheta: ( ) and gentleman... it's ((incompreensível)) Energia... 97...

?: vem aí... a maior vibe black da zona norte a partir do dia onze de novembro no Barçaça... toda quinta a partir das dez noite black no Barçaça... dj (Kill) e bandas convidadas com o melhor do black e soul e ainda dj Ricardinho R... tocando o melhor da dance music e eletrônico... Barçaça... Rua Major João Nunes 94 travessa da Avenida Luís Dumont Villares em Santana apoio (Pirô) academia K2 e Center Car... realização X eventos e MD7 produções... informações 69509204...

Vinheta: It's dance... Energia 97...

?: pra aprender a ler... pra isso não tem hora... pode ser de dia pode ser de noite pode ser agora... pode ser jovem pode ser adulto ou aposentado... pra aprender a ler... só não pode ficar parado... pra aprender a ler... pra isso não tem hora... pode ser de dia pode ser de noite pode ser agora...

[

Propaganda: aprender a ler é o início para um futuro melhor em todo o país já são mais de três mil municípios participando do programa Brasil alfabetizado ligue zero

oitocentos... meia um meia um meia um... e saiba como dar esse importante passo na sua vida...

Brasil alfabetizado... a educação mudando o Brasil...

?: Ministério da Educação ... Brasil ... um país de todos...

?: em quinze segundos...

[

?: em quinze segundos

?: a Energia 97 traz Night Sessions...

?: o que você precisa ouvir...

?: não...

?: Night Sessions... Energia 97... no ar...

?: dj Chico Alves...